

HYPERDRIVEZINE

Fanzine de Ficção Científica & Fantasia

Volume 1, Número 4, Inverno 2005

Índice

<i>Editorial</i>	2
<i>Jéssica e seu Tigre</i>	3
<i>O Acidente</i>	9
<i>O Guardiã</i>	27
<i>Nas Nuvens</i>	41

Editor: Ricardo Loureiro

Colaboradores: Miguel Carqueija; Jonny Duddle; Timons Esaias; Dennis Hoppe; Chris Koutroulos; Wilton Pacheco; Xue jun Shan; Regina Silva; Stefan.

Hyperdrivezone - Fanzine de Ficção Científica & Fantasia, Volume 1, n.º 4, Inverno 2005. Distribuição gratuita.

E-mail: hyperdrivezone@yahoo.com

Web: <http://hyperdrivezone.dyndns.org/>

Editorial

Ricardo Loureiro

Com grato prazer chego ao número quatro que assinala dois eventos: o primeiro aniversário de existência do fanzine (que a ser rigoroso deveria ser assinalado em Dezembro) e nova mudança de formato.

Regresso ao formato A4 porque este número excede em muito o mínimo aceitável para dobrar as folhas e também porque pretendo dar outra visibilidade ao fanzine. O anterior formato foi prestável mas exigia muitas manobras na altura da impressão enquanto que este permite também uma fácil transposição para um formato electrónico sem necessidade de criar dois documentos diferentes.

Outra alteração prende-se com o facto de ter redesenhado o aspecto gráfico. Em termos tipográficos houve umas ligeiras alterações, mas é ao nível da capa que as alterações são mais visíveis. Abandonei o anterior aspecto espartano e graças à colaboração com vários artistas internacionais (que diga-se de passagem são muito mais abertos a colaborar do que os meus conterrâneos) pude ilustrar minimamente o fanzine. Penso que assim está mais apelativo mas, como sempre, estou aberto às sugestões dos caros leitores.

Para uma edição comemorativa nada como apresentar aos leitores portugueses três novos autores, dois brasileiros e um norte-americano.

Miguel Carqueija é já um nome bastante conhecido no fandom brasileiro e temos agora a oportunidade de ler um delicioso conto onde os pais distraídos vão aprender uma lição importante.

Timons Esaias é um autor bastante publicado internacionalmente e que por fim chega ao convívio português numa noveleta sobre um salvamento e uma amizade que se forjam mesmo nas mais curiosas das circunstâncias.

Wilton Pacheco é outro brasileiro que nos oferece uma extraordinária noveleta com ecos dos melhores trabalhos de Arthur C. Clarke e com bastantes pitadas filosóficas, misteriosas e um romance de amor velho de séculos.

Por fim é de referir o regresso a este fanzine de Regina Silva que nos oferece a versão final de um conto que teve início de vida como uma experiência a seis mãos entre ela, Rogério Ribeiro e este vosso humilde editor.

Finalmente um reparo para os magníficos trabalhos ilustrativos de Xue jun Shan (capa), Jonny Duddle (*Jéssica e seu Tigre*), Stefan (*O Acidente*), Chris Koutroulos (*O Guardião*) e Dennis Hoppe (contracapa) que embora não sendo originais feitos para o fanzine foram pelos respectivos autores cedidos amavelmente.

Portanto deixo-o agora, caro leitor, entregue à imaginação dos extraordinários artistas, literários e plásticos, que muito me lisonjearam com o esforço das suas mentes. ■

Miguel Carqueija está no fandom de FC desde 1983, colaborando em vários fanzines (Megalon, Somnium, Boletim Antares, Hiperespaço, Juvenatrix, Scarium). É autor de 7 livros individuais (A Âncora dos Argonautas, A Rainha Secreta, A Esfinge Negra e As Luzes de Alice) e co-autor de 14 antologias, como Dinossauria Tropicalia (Edições GRD, 1994, S.Paulo). O seu estilo é mais ligado à acção e aventura, com humor e frequente utilização de heroínas.

Jéssica e seu Tigre

Miguel Carqueija

O Veloso teve a sua atenção desviada do multi-Cosmonet pelos gritos alegres das crianças no jardim.

- A turma está barulhenta hoje, Amy... - Disse ele, desviando os olhos do diagrama dos anticlinais, sinclinais e monoclinais.

- É sim! - Amy abriu a janela e chamou pela filha. - Jéssica! Jéssica!

A menina, de sete anos, veio correndo, afastando-se um pouco de quatro companheiros de folgado.

- Que é, mamãe?

- De que é que vocês estão brincando? Que barulheira!

- Ah, mãe! Estamos brincando de pegar ladrão mesmo, e quem vigia o ladrão é o meu tigre!

- Seu o que?

- O meu tigre. O Storm. Ah, eu não te apresentei ainda. Ele está lá, perto do Ary. Está vendo ele? É enorme e cheio de listras!

- É mesmo! Que tigrão, hein? - Sorriu Amy, entrando no espírito da brincadeira. - Mas ele é manso?

- É mansinho, mãe. Ele só pega se for gente ruim.

- É bom que assim seja. Bem, divirta-se com os seus amiguinhos.

- Está bem! Vou lá!

Amy voltou-se para o marido.

- Viu só, Carlo? A Jéssica agora tem um tigre de estimação! E o nome dele é Storm...

Carlo Veloso também achou graça. Nas cúpulas terramorfizadas da Lua não existiam animais selvagens. Custaria muito a sua manutenção. Quase nem existiam animais domésticos, por causa dos pesados impostos sobre a sua posse. Já era difícil a manutenção de seres humanos no satélite.

- É bom que ela tenha imaginação... Criatividade...

- E que tenha muitos amiguinhos para brincar...

- É. E você vê que ela gosta mesmo dos documentários sobre a natureza. Imagine, um tigre...

- Bom, eu vou trabalhar um pouco na minha sinfonia virtual. A propósito, falei a você da excursão?

- Excursão?

- Sim, na reserva. A escola vai levar as crianças lá no sábado...
- Que ótimo, amor. Ótimo mesmo.

Veloso falava por falar. No fundo queria mesmo era continuar no seu estudo da morfologia terrestre, muito mais emocionante que a lunar por ser a Terra um planeta vivo. Mas a referência à reserva mantida pela Fundação Disney na Lua mexeu com alguma coisa em sua memória. De repente, enquanto manipulava o ratinho, lembrou-se do que se tratava: uma semana atrás fora encontrado o cadáver de uma jovem de quinze anos, dentro de uma das grutas da reserva. Uma vítima de violência sexual.

"Ora, ela estava sozinha e a polícia já deve ter prendido o tarado."

Ele nunca fora muito de acompanhar a seqüência dos assuntos dos noticiários. Que fim levou isto ou aquilo? Ele não sabia.



Mais tarde, arrependeu-se por não haver falado dos seus ligeiros temores à Amy, já que não queria preocupá-la.

Os dias que se passaram, foram dias tigrentos, aborrecidos. Jéssica insistiu em levar o tigre para a cama, e ficava empurrando aquela massa invisível com impaciência.

- Pôxa, Storm! Você quase não cabe na minha cama! Dá um tempo, chega pra lá!
- Minha filha, - disse o Carlo, - por que você não manda esse diacho de tigre dormir no quintal?

- Naquela friagem? Que maldade, papai! Arranje então um almofadão e ele dorme no tapete! Eu queria que ele dormisse aqui comigo na cama, mas, pombas, ele é muito grande!

- Jéssica, faça as suas orações e vá dormir logo, que a gente acorda cedo! - Amy já estava meio agastada com aquela história de tigre.

- Mas o almofadão? Basta isso, mamãe!
- Está bem, eu vou pegar. - Disse Carlo.

Depois de instalado o felino, Carlo e Amy finalmente conseguiram ajeitar a menina em seu leito, despediram-se dela e saíram. Ao encostarem a porta ainda escutaram:

- ... Abençoe a mamãe, abençoe o papai e abençoe o Storm. Amém.
- Querido, - observou a Amy, - não seria melhor se ela tivesse um bichinho de estimação de verdade?

- Com todos esses impostos? Só se me promoverem. Deixa ficar assim: um tigre invisível sai de graça.



Como uma laranja desbastada em vários segmentos concêntricos, num desbastamento irregular; em parte conservava-se a crosta terrestre; parte mostrava a capa intermediária, abaixo do manto, e o desbastamento final deixava ver, como uma fatia de queijo de Minas, o núcleo, que teria, somente ele, 1700 trilhões de toneladas, para 2600 trilhões de toneladas da capa intermédia. Pelo menos, esses números apareciam no monitor tele-holográfico.

- Carlo! Carlo! Depressa!
- Não me interrompa agora! Não vê que eu estou formando o esquema geológico básico da Terra, e que...

Ela premiu o botão de desligamento drástico.

- O que é isso, Amy? Isso pode escangalhar...

- Homem, esqueça a sua mania de diagramas da Terra, a nossa filhinha está em perigo!
- O que quer dizer com isso? Ela não está na excursão?
- O Saraiva acabou de ligar, ela se perdeu do grupo e tem um anormal à solta por lá!
- Como é que é?
- Você sabia que houve um crime sexual na reserva?
- Hein! Eu sabia, mas...
- E porque não me falou, infeliz? Eu jamais teria deixado a Jéssica ir...
- Mas não é possível! O pessoal do colégio tem que garantir a segurança...
- Você vai lá comigo agora mesmo! Ela é nossa filha e de mais ninguém! Nós é que temos que protegê-la! E ai de você se acontecer alguma coisa a ela!

Carlo finalmente reagiu. Não costumava acreditar no pior, mas não podia dar parte de desleixado em relação à própria filha. Colocou a sua jaqueta de magiplast, pegou sua penetrina e correu para a garagem, seguido por Amy, que se munira de outra penetrina e de um cassetete elétrico. Entraram no aerofuso e deixaram a propriedade. Seguiram pelas frias e geométricas ruas lunares. Carlo deixou a direção com a esposa e buscou contato com a equipe de excursão. Depois de algumas tentativas conseguiu falar com o Professor Paixão:

- Alô, Professor Paixão! É o Carlo, o pai da Jéssica! O que está acontecendo?

O tom de voz do Paixão revelou angústia, de modo que Carlo não se tranqüilizou nem um pouco:

- Senhor Veloso, eu lamento. Aconteceu quando explorávamos a Caverna das Sombras...

- O quê? Não foi onde uma garota foi morta?

- Foi, mas nós temos uma polícia agindo...

- Ora, pelas estrelas! Isso foi imprudência, leviandade!

- E sua também, Carlo! - Intrometeu-se Amy. - Você estava sabendo desses detalhes! Seu monstro insensível! Você só quer saber desses hologramas estúpidos! Se a minha filhinha não voltar com vida e inteira, eu juro que peço o divórcio!

- Querida, por favor!

- Querida é a sua avó! Eu quero minha filha de volta!

E nessa base transcorreu o resto do trajeto...



Carlo finalmente começou a se incomodar, em sua consciência íntima, com o grau de alienação a que chegara. Quantas vezes dera atenção à filha nos últimos meses?

Chegaram ao túnel de ligação, passaram as suas credenciais na fenda magnética abaixo da tela de controlo e prosseguiram. Afinal, pensava Carlo, como é que um marginal poderia penetrar ali sem ser notado?



Quando chegaram à Praça de Reunião, de onde se avistava uma cúpula de magiplast muito mais alta que a da cidade - pois aí, maritacas estridentes, andorinhas, fragatas e gaivotas voavam bem à vontade - viram duas monitoras com o grupo de crianças.

- Venha, - disse Amy, já fora do carro, puxando Carlo pela mão, - vamos saber da nossa filha!

Falaram primeiro com a Eulália, que veio ao seu encontro:

- Oi, ainda bem que chegaram! Todo mundo está procurando a Jéssica!

- Todo mundo? E como é que vocês estão aqui? - descontrolou-se Carlo.

- Calma, homem, interveio Amy. Alguém tinha que ficar com as outras crianças.

- Pois é. Mas o sargento Peter já está no bosque, com uma equipe...

- Tem cães policiais?

- Não há cães na polícia lunar, senhora. Ainda não foram introduzidos, sai caro e não são bem adaptáveis às falhas da gravidade artificial...

Carlo olhou em volta. Avistou a cantina, os vestiários e outras instalações, e os caminhos que seguiam reserva adentro.

- Onde é a caverna onde minha filha sumiu?

- Temos esses mapas aqui, peguem, eu vou com vocês. Só um instante.

A garota deu uma palavra com as assustadas crianças e com a outra monitora, e indicou um jipe lunar, de colchão de ar:

- Vamos nesse aí. É melhor que o carro de vocês, para um lugar assim.

O casal tomou lugar no banco de trás e Eulália pisou no acelerador. O jipe magnetosférico seguiu velozmente por escuras vielas de mata tropical, onde não faltavam micos-leões e outros macacos; o colchão de ar garantia que nenhuma das valiosas espécies morreria atropelada.

- Essa reserva é enorme... - comentou Amy. - Como é que um criminoso pode entrar aqui, se há controlo de quem entra?

- Bem, para falar a verdade tem alguém que entrou normalmente, como um visitante comum, e não saiu até hoje. Deve ser louco o bastante, para querer passar o resto da vida aqui, servindo-se dos mantimentos e roupas de reserva que deixamos pelas cabanas de apoio, e atacando as garotas.

- O quê? - Carlo estava perplexo. - Porque isso não foi revelado na mídia?

- Ora, para não criar pânico e não diminuir a frequência de visitantes.

Diante dos protestos ela acrescentou:

- Eu sei, é estúpido e egoísta. Mas foi a ordem superior: o mínimo de detalhes à imprensa.

- E sabem quem ele é?

- Ouvi dizer que é um rapaz de vinte e poucos anos, filhinho de papai...

- Ora, a família dele vai querer que fique perdido por aqui para sempre, sendo caçado?

- Não sei. Talvez arranjem um meio de lhe dar fuga.

- Mas...

- Sabem como o dinheiro gera corrupção. Desculpem falar disso a vocês.

- Isso é verdade. - Falou Amy. - A sociedade atual é permissiva e tolerante com o crime, inclusive os juizes... ou a começar por eles. Só o alienado aqui é que não sabe disso!

- Amy, por favor!

- E vocês não podem descobrir quem é? Afinal isso é uma colônia lunar! Não podem saber quem está faltando?

Eulália diminuiu a velocidade: aproximavam-se da caverna onde Jéssica sumira.

- Por incrível que pareça, meus amigos, não é tão fácil assim. Existe gente que consegue entrar aqui ilegalmente. Desde que os vôos de passageiros se tornaram mais comuns e menos controlados, esse problema existe. A população selenita vai se tornando incerta e incontrolável.

- Isso é algo que não deveria acontecer... - observou Carlo. Ia dizer alguma coisa, quando avistaram, perto de uns plátanos, um grupo de guardas florestais. Eulália tratou de estacionar.

- Alguma notícia?

- Por enquanto não. Mas há muita gente procurando. - Falou um dos rapazes.

- Nós somos os pais dela, - disse Carlo, ansioso, - eu pago uma recompensa a quem achá-la!

- Meu senhor, isso é desnecessário. Todos nós queremos salvar a menina.

Amy já chorava.

- Não vai haver tempo... não vai haver tempo...

- Isso não resolve nada, senhora Amy. Vamos lá!

Despediram-se e, mais umas curvas, chegaram à entrada das grutas.

- E se ela estiver lá dentro ainda? - Indagou Carlo.

- Isso não seria possível. O boné dela foi encontrado perto, quem quer que seja pegou-a mais para a saída, se penetrasse mais na caverna esbarraria com o pessoal.

Havia um casal de guardas na entrada. Conversaram rapidamente e a moça, Ester, mostrou-lhes um aparelho em forma de tabuleiro de xadrez:

- O esquadrinhador termobiológico é bastante eficiente quando se trata de cavernas, podem crer. Se houvesse uma criatura humana por lá agora, ou duas, os sinais seriam facilmente identificáveis. Até porque não há morcegos nas cavernas do parque. Não importamos os morcegos da Terra, pois as pessoas não costumam gostar deles e podem transmitir hidrofobia.

- Então, o que você quer dizer é que ela não está aí dentro, não é isso?

- É claro, e é um bom sinal. Ao ar livre é mais fácil...

- Vejam! Vejam! - exclamou Eulália excitadíssima, apontando.

Acabada de sair da mata, vinha correndo uma garota. Uma criança, de calças compridas e pulôver vermelho, com um feio rasgão.

- Jéssica! - Gritaram pai e mãe, ao mesmo tempo.

A menina se atirou chorando nos braços de Amy e, em seguida, nos de Carlo. As outras pessoas presentes também a festejaram.

- Minha querida. - Disse Amy, entre lágrimas de emoção. - O que houve com você? O que lhe fizeram?

- Um homem muito malvado me pegou, mamãe, e me levou para a mata. Mas ele não fez nada comigo.

- Não fez? Porque, se tiver feito...

- Não, mãe. O Storm pegou ele!

- Quem? - Perguntou, perplexo, o guarda Antenógenes.

- O meu tigre! - Jéssica estava sorridente. - Ele acabou com o sujeito! O Storm nunca deixaria que me machucassem!

Amy e Carlo se entreolharam. Ester, hesitante em dar a notícia pelos comunicadores, olhou-os interrogativamente.

Amy tomou a filha nos braços:

- Está bem, minha filha. Dê os meus parabéns ao Storm. Se não lhe fizeram nada, então iremos para casa.

- Um momento! - Disse Eulália, decidida. - Jéssica, onde está o cara que levou você?

- Eu sei onde está o corpo dele. Mas não é uma coisa bonita de se ver.

Carlo mostrou-se impaciente:

- Jéssica, por favor. Controle a sua imaginação.

- Mas está lá, papai! O Storm apareceu e matou ele! Está lá, perto de umas pedras!

- Carlo, vamos deixar ela nos mostrar. - Disse Amy com firmeza.

- Mas...

- Está decidido. Querida vá me apontando o caminho.

- Está bem, mamãe.

Amy levou-a nos braços e Jéssica foi dando as indicações. Passaram por bambuzais, por manchas de lava primitiva em meio à vegetação transplantada, por espessos aglomerados de moitas e árvores. Até chegarem a uma cachoeira...

E ali, perto de algumas grandes rochas, estava o cadáver de um homem jovem e bem vestido... Horivelmente estraçalhado por garras e dentes. ■



Timons Esaias vive em Pittsburgh com a esposa. Escreve sátiras, ficção especulativa, poesia e o occasional ensaio. O seu trabalho já foi traduzido em dezenas de países e em 14 línguas. Foi um finalista do Prémio de Ficção Científica Britânico de 1998 e do Prémio Rhysling (cinco nomeações, terceiro lugar em 1997). O site oficial fica em <http://www.timonsesaias.com/>.

O Acidente

Timons Esaias

Tradução de TLM

Quando a tempestade o apanhou sozinho na encosta da montanha, a 2.100 metros de altitude, Lambert percebeu que tinha ficado demasiado tempo por ali.

Em menos de meia hora, o sol brilhante transformara-se em neve. Preocupado com a perspectiva de agregação à Faculdade, as condições atmosféricas não tinham sido uma prioridade. Fora avisado para ter atenção ao ocidente devido à chegada do Inverno, mas a sua tarefa levava-o para a zona leste da encosta. Agora, a borrasca apanhara-o desprevenido.

Passara o dia na montanha a tentar descobrir locais que pudessem ter sido acampamentos há quatro mil anos atrás. Agora, tentava encontrar o seu próprio acampamento, de há apenas quatro horas. Procurava salvar a vida.

Dois minutos antes de as nuvens começarem a surgir sobre a encosta, a temperatura descera de forma ominosa. Andava em calções e besuntara-se com protector solar e o frio chamou-lhe a atenção, despertando-o do mundo onírico da especulação arqueológica. Verificou os instrumentos e surpreendeu-se com a velocidade com que o líquido descia pelo tubo. Tirou o phullu da mochila, o mesmo que usara no Tibete, e colocou-o sobre a cabeça, ainda com movimentos decididos. Depois, com um passo acelerado, pôs-se a caminho em direcção ao acampamento, situado a cerca de cinco quilómetros.

Sentia agora o coração a bater a um ritmo desconfortável e viu-se obrigado a respirar pela boca. O trilho subia e descia vinte metros de cada vez, o que transformou o pequeno percurso numa tarefa frustrante e cansativa. As brisas geladas que lhe fustigavam as pernas faziam-no arrepiar-se e goravam a tentativa de uma marcha regular.

Apenas um quilómetro e meio depois, a temperatura rondava os dez graus, o céu adquirira uma tonalidade azul-cobalto e rajadas de flocos de neve passavam por entre as árvores. A meio caminho, a neve ocultou-lhe a tenda; dadas as circunstâncias, o cor-de-laranja vivo tornou-se inútil. Ao faltar somente pouco mais de um quilómetro e meio, foi obrigado a parar, a fim de vestir as duas camisas e o segundo par de luvas: tudo o que possuía a nível de roupa. O termómetro marcava cinco graus negativos, o barómetro continuava a descer e o vento soprava cada vez mais forte. Voltou a colocar a mochila ao ombro e percebeu que as pegadas mais recentes já tinham praticamente desaparecido.

Dez minutos mais tarde, perdeu de vista o trilho.



A neve, solta e fina, que já atingira quinze centímetros de altura, continuava a acumular-se rapidamente. O vento soprava ao longo da encosta, atravessando-lhe as roupas e gelando-lhe o lado esquerdo do rosto. Tinha um campo de visão de apenas nove metros, por vezes menos, e era cada vez mais difícil discernir se subia ou descia a encosta. A neve colava-se aos troncos das árvores, falsificando os ângulos em relação ao solo. Em desespero, tentou orientar-se pelo vento, mantendo-o pela esquerda, e rezou para que isso o fizesse continuar a deslocar-se paralelamente ao cume.

Mais alguns minutos de caminhada levaram-no ao leito do ribeiro que passava pelo Acampamento C. O rosto parecia-lhe uma máscara e os braços e as pernas estavam entorpecidos. Já não sentia o peso da mochila ao ombro, nem tinha a noção de onde poderia encontrar-se relativamente ao acampamento, se acima, se abaixo. É melhor subir, decidiu, pois se descer primeiro, posso já não ter forças para voltar atrás.

Felicitou-se por uma tal pérola de raciocínio sob pressão. As palavras foram-lhe percorrendo a cabeça, sempre às voltas. Tão inteligente. Tão inteligente.

Mas essa era a direcção errada, tendo ido dar ao rochedo íngreme de onde emergia o ribeiro. Hesitou, sem saber o que fazer a seguir. Começou a divagar. Como teria surgido aquele rochedo no seu caminho?

Estava bem arranjado.

Após o que lhe pareceu serem vários minutos de uma terrível indecisão, começou finalmente a descer o leito do ribeiro, embora de forma um pouco relutante. As rochas desgastadas que assinalavam a presença do leito encontravam-se completamente cobertas por neve; as únicas marcas do percurso consistiam numa lacuna por entre as árvores e a vegetação mais rasteira. A visibilidade foi diminuindo, até não ser capaz de ver mais de um metro, ou um metro e vinte, à sua frente. Acabou por abandonar o leito, incomodado pela dificuldade em caminhar sobre as rochas ocultas.

A escuridão sugeria sono e foi fechando os olhos, já semicerrados devido ao frio, durante períodos cada vez maiores. Forçou-se finalmente a abri-los, acabando por perceber que já não via o leito do ribeiro. Já só lhe restava cambalear para baixo, com o vento pelas costas, enquanto se esforçava por afastar a inércia. Mas descansar um pouco não parecia má ideia.

Teria passado pela tenda sem a ver se não tivesse esbarrado com o estendal que atravessava a clareira.



Só volvidos dez minutos é que o fogão Primus eliminou o frio da tenda. Sentia picadas nos dedos endurecidos e no rosto rígido, o que era bom sinal, pois significava que não ficara queimado pelo frio. Enquanto se esforçava por preparar cacau quente, percebeu que o dia de trabalho chegara ao fim, mesmo ainda sendo cedo.

A neve ia-se amontoando no exterior da tenda, empurrando as paredes para baixo, e bloqueando ocasionalmente as aberturas de respiração. Uma tal quantidade de neve representava o fim da época de escavações. O fim da batalha pela agregação. E da sua carreira.

De tempos a tempos, abria a parte de cima da tenda e retirava a neve acumulada. Não podia fazer nada quanto ao pó branco que ia subindo nas partes laterais, que já chegava praticamente aos noventa centímetros na zona virada para a encosta. Passou boa parte do tempo a

vigiar as roupas que secavam e dedicou-se à concretização desse seu esforço. Bebeu café, mas não tinha disposição para ler nem para ligar o rádio.

A terceira hora começou com um estrondo surdo e irregular, a voz ominosa de uma avalanche. Parou, recomeçando depois mais alto e mais próximo. Não se tratava de uma avalanche; eram trovões. Aquela tempestade parecia ter de tudo.

Sentiu regressar um pouco do pânico da tarde. A simples imagem de uma avalanche era perturbadora, com a tenda já meio enterrada. As árvores agitavam-se com estrépito ao vento, os ramos a quebrarem-se sob o peso das primeiras neves, sugerindo a possibilidade de uma morte súbita. E se adormecesse e a entrada de ar fosse completamente bloqueada pela neve?

Sentindo-se mais uma vez sozinho e vulnerável, viu as divagações serem interrompidas pelo ressoar imprevisto de uma corda de piano a partir-se.

Em tempos vivera num museu no cimo de uma colina, na zona rural do *Midwest*, fustigada habitualmente por trovadas, por isso deveria conhecer bem o som. A torre sineira era o ponto mais alto dos arredores e os pára-raios eram constantemente atingidos, mas não com o som que precede um impacte próximo, algo que faz lembrar uma lista telefónica a ser rasgada. O prelúdio a um raio que nos atinge directamente por cima é o rebentar incongruente e penetrante de uma corda.

Ainda tentava perceber onde poderia estar o piano quando a força total do trovão percorreu a encosta, ensurdecedor e imponente, fazendo estilhaçar as camisas incandescentes do candeeiro e mergulhando a tenda na escuridão. Com os ouvidos a retinir, pensou, *Ah. Pois é. Relâmpagos*, confuso por ter sido enganado mais uma vez.

Tacteu em busca do candeeiro e fechou o gás. Encontrou a lanterna e decidiu arejar a tenda e confirmar se a tempestade causara alguns danos, antes de substituir as camisas.

Abriu o fecho da tenda o suficiente para meter a cabeça de fora e inspeccionou os arredores. A escuridão absoluta era interrompida de poucos em poucos segundos pelos súbitos clarões dos relâmpagos, que iluminavam toda a encosta, bem como o pico seguinte, numa extensão de mais de vinte quilómetros ao longo do vale. Caíam uns poucos flocos de neve, mas o ar possuía a calma que sucede as tempestades. Não detectou quaisquer estragos nas redondezas, mesmo depois de ter olhado trezentos e sessenta graus em seu redor, à luz providencial. Partiu do princípio de que o relâmpago deveria ter caído nas rochas mais acima, devido à inexistência de qualquer cheiro a queimado imiscuído no odor fresco do ar carregado de electricidade.

O acontecimento deu-se no momento em que começou a fechar a tenda.

Um longo clarão iluminou as nuvens e um avião saiu delas para o céu limpo; era um aparelho grande, um 747, ou um Airbus. Pareceu efectuar apenas um ligeiro ajuste, antes de bater na encosta e de se desfazer, tendo partes da fuselagem sido atiradas em várias direcções. Seguiram-se algumas fagulhas, ou talvez luzes de emergência, mas não houve fogo.

Fitou a encosta durante cerca de meio minuto, avistando relances intermitentes dos destroços, antes de um pensamento coerente lhe atravessar a mente.

- Merda! - exclamou, por ter necessidade de dizer alguma coisa. - Agora é que foi! - Sentiu um arrepiço, que começou nas virilhas, ao mesmo tempo que desejou profundamente que algum deus pudesse fazer o tempo voltar atrás, permitindo que o avião sobrevoasse os cumes em segurança, na sua viagem em direcção a casa.

Em vez disso, do fim de um cúmulo de trovoada surgiu a lança irregular de um relâmpago que atingiu os destroços, seguida de outra, mais outra e ainda uma outra. Continuava sem haver fogo, mas as luzes ténues desapareceram. Acocorou-se, furioso com o comportamento impiedoso da tempestade.

Fechou a tenda, bloqueando a horrível tragédia lá fora, mas, à medida que o fazia, a sua mente, que passara o dia enevoada, tornou-se penetrantemente clara, e passou em revista as opções que se lhe apresentavam. As distâncias até à estrada e à cidade mais próximas e o transmissor de rádio no acampamento principal transformaram-se rapidamente em tempo de marcha. Seria capaz de fazer um par de esquis? Será que o acampamento principal teria desaparecido sob a neve? Poder-se-ia ainda localizar a estrada dos lenhadores, com três anos de crescimento de vegetação desde que fora utilizada pela última vez? Conseguiria percorrer a distância em menos de dois dias?

Num abrir e fechar de olhos percebeu que qualquer ajuda se encontrava demasiado longe. Excepto ele.

O local do desastre marcava o centro da curva do cume, logo abaixo de Old Castle Spur. Talvez pouco mais de seis quilómetros. O avião passara sobre a linha das árvores, deixando-o a cerca de cento e oitenta metros acima dele. Demoraria um pouco a lá chegar por entre a neve, mas era exequível.

Confirmou a sua ideia com um estudo dos mapas à luz da lanterna. Regressar ao acampamento ou descer era mais do que inútil. Seria difícil seguir qualquer um dos percursos no escuro. Poderia facilmente falhar uma das curvas da estrada, indo parar ao vale errado.

- Está decidido – anunciou. – Agora, o que devo levar?

O Acampamento C não se encontrava tão bem equipado como o acampamento principal, mas todos os meses eram trazidas caixas de suprimentos por alunos voluntários, que depois levavam caixas de lixo, apontamentos e tudo o que pudesse ter sido encontrado. Viera do B no dia anterior, por isso, teoricamente, deveria haver suprimentos para um mês. Na verdade, essa estimativa falhava um pouco. Os miúdos tinham feito asneira, deixando no C uma caixa de atum a mais, em vez de uma lata de combustível.

As condições atmosféricas representavam outro problema. A bem da velocidade, deveria ir-se embora, levando consigo o estojo médico, uma tenda e alguma comida. Mas, se a tempestade tivesse continuação, como era provável, poderia não conseguir regressar em busca de mais alguma coisa. Era melhor preparar-se para ficar retido com aquilo que levasse na primeira viagem.

Por isso, levou tudo.

Desmontou a tenda, que tinha uma base de lona tratada, deixando-a temporariamente presa apenas com os espigões aos cantos. Colocou o que conseguiria erguer dentro da mochila e tudo o resto nas caixas de foguetes excedentes do exército que eram a principal forma de transporte nos acampamentos. Com metade do tamanho dos malões para objectos pessoais usados aos pés das camas nas camaratas do exército, e empilhados dois a dois, ocuparam perfeitamente a área quadrada da tenda. De seguida, retirou os espigões dos cantos e dobrou os lados sobre o topo dos caixotes, criando um embrulho com cerca de um metro e oitenta de comprimento por um metro e vinte de largura, atado com as cordas da tenda.

Passou cerca de quatro metros e meio de corda de alpinismo pelas arruelas nos cantos de uma das extremidades, transformando o conjunto numa espécie de trenó e arreo. Depois de colocar a mochila às costas e de se debater para se levantar, passou a corda do arreo pela frente do peito e pôs-se a caminho.

As trovoadas tinham-se afastado minutos após o acidente, mas a neve voltou a cair com mais intensidade. Não olhara para a zona do desastre enquanto preparava as coisas, nem conseguia ver nada agora. A parte inicial da viagem levou-o para trás de uma elevação da crista, por isso não saberia se algo acontecesse lá em cima. A não ser que provocasse som.

No que dizia respeito ao frio, estar preparado era essencial. Abafado por um casaco pesado de Inverno, duas camadas de meias, luvas e capuzes, sentia-se seguro contra tudo, excepto uma avalanche. Se as condições se tornassem intoleráveis, trazia consigo um abrigo de emergência.

Em breve, o vento praticamente desapareceu e a neve caía de forma suave mas constante. A caminhada era assim mais fácil do que se tivesse o vento pela frente e a neve reflectia luz suficiente para que se conseguisse orientar sem uma lanterna.

O pior era o peso e a subida. Conseguira enfiar cerca de trinta quilos na mochila e imaginou que os caixotes tivessem cerca de quarenta quilos cada. Mesmo a deslizar era um trabalho árduo; e avançar por entre a neve solta, umas vezes à altura do joelho, outras pela cintura, fazia com que pagasse caro por cada metro que avançava. Decidiu seguir um padrão: subir a encosta até perder o fôlego com o esforço, depois caminhar para a direita durante quinze minutos. Descansava então alguns minutos, mastigava uma mancheia de alperces secos e recomeçava a subida.

Evitava pensar na tragédia à sua espera. Em vez disso, matutava na futilidade das explorações da época. Não se encontrara um único indício, nada que justificasse um prolongamento de subsídio para uma escavação a realizar na Primavera. Lá se ia a agregação. Talvez até perdesse o emprego, no final do ano académico.

Sentiu as botas a apertarem-se lentamente, à medida que a neve derretida lhe ensopava os atacadores.

Se tivesse ido para Kansu, tal como planeara, pensou, estas botas estariam a abrir rachas com o calor. Se a política chinesa não tivesse levado ao cancelamento da viagem à última da hora, deixando-o à procura de um projecto alternativo em arqueologia chinesa que justificasse o subsídio. Se...

Por isso, tinha a carreira lizada. Bem que podia andar a puxar um carregamento de atum pelas montanhas da British Columbia acima.

Durante um breve instante, nada mais do que isso, deixou-se imaginar que, se partisse uma perna durante aquela caminhada, se ficasse gravemente ferido por ter decidido pôr-se a andar em vez de ficar na tenda, quase de certeza que morreria ali em cima. Não prolongou o raciocínio.

A corda parecia que não tinha vontade de lhe ficar quieta no peito. Escorregava-lhe caprichosamente para cima da garganta quando a passava sobre um ombro e por baixo do outro braço; caía-lhe subitamente para a cintura quando a colocava por baixo dos braços. Atada às correias da mochila, exercia-lhe, a cada passo, uma pressão cruel sobre os ombros, arrastando-o para trás. Voltando a ficar sobre o ombro, a clavícula começou a latejar-lhe e a

anca do lado oposto foi doendo cada vez mais, estalando por vezes com tanta força que parecia ecoar na neve. Mudou a posição da corda mais uma vez, e outra...

O percurso ficou repleto de pedregulhos, suficientemente grandes para sobressaírem dos montes brancos, a maioria exibindo pequenos planaltos de neve no topo. Faziam-lhe lembrar alguns dos alunos, com os penteados exageradamente achatados. Dar a volta aos obstáculos atrasava-o, quebrando o ritmo de andamento do trenó.

Quando os rochedos começaram a rarear, já falava sozinho há algum tempo, dizendo todas as parvoíces que lhe vinham à cabeça, para se animar. Dirigiu o pensamento para o objectivo, a fim de continuar a acreditar que seria capaz; passou em revista inúmeros cenários do que faria quando lá chegasse. Repetiu todas as noções de primeiros socorros de que se lembrou, passando para os factos médicos que conhecia, ou que pensava conhecer, incluindo tratamentos para a lepra e para o beribéri.

A espaços, permitiu-se reconhecer que, em termos práticos, tudo seria em vão.

No seu íntimo sabia que o esperavam muitas pessoas sem salvação. Vomitaria umas quantas vezes e iria acender uma fogueira de aviso.

Mas não fazia mal. Pelo menos teria levado a cabo o bom e velho esforço heróico, teria tentado.

Orgulhava-se de algumas coisas na vida, mas os arrependimentos conseguiam sempre dar um travo amargo aos sucessos. Mesmo agora, ao atravessar a neve e evitando os obstáculos, deu consigo a rever a sua lista de culpas pessoal. Oportunidades não perseguidas. Desafios por enfrentar. Tantas ocasiões em que um pouco mais de esforço, só um pouco mais de determinação, teriam feito toda a diferença.

Mas, desta vez, isso não iria acontecer. Não passaria o resto da vida a culpar-se por todas essas mortes; não ia acordar à noite, dali a anos, interrogando-se se poderia ter salvo algum sobrevivente com o atum e com a tenda.

Estava a caminho.



Era muito perto da uma da manhã quando saiu do renque de árvores.

A delimitação deste lado da crista tinha mais a ver com a drenagem e com os deslizamentos do que propriamente com a altitude. O padrão habitual de árvores cada vez mais pequenas que se rendiam à tundra foi substituído por árvores jovens, que chegavam aos nove metros de altura e criavam percursos irregulares por entre a combinação de ervas e de fragmentos de pedra que chegavam até ao contraforte, dando a partir daí lugar a penhascos de rocha desgastada.

Tudo correu melhor depois de sair da mata. Conseguiu puxar a um ritmo constante e quase a direito a tenda-trenó, a qual se enterrava o suficiente na neve para não escorregar encosta abaixo, o que já por duas vezes o fizera perder o equilíbrio.

A neve parara de cair, mas uma elevação de terreno continuava a bloquear a perspectiva do acidente. O avanço mais fácil, contudo, deixou-o prestes a ceder. As barrigas das pernas tremiam-lhe devido ao esforço e era obrigado a inclinar-se para a frente, deixando às coxas a maior parte do trabalho, ao mesmo tempo que olhava para a direita periodicamente, a fim de se orientar pelas árvores.

Caminhava de cabeça baixa há já alguns minutos quando um som estranho lhe atravessou as várias camadas de gorros que lhe protegiam as orelhas. Parou, ergueu o olhar e deparou-se com fragmentos de destroços e com os corpos de crianças espalhados pela neve.



Deixou-se ali ficar, assimilando o que via, de repente esquecido da exaustão e da dificuldade que tinha em respirar. Conseguira. Havia luzes e sobreviventes.

Largou o arreio de corda, acendeu a lanterna e começou a dirigir-se às luzes que se reuniam numa das secções dos destroços. Passara por dois ou três corpos quando alguém avistou a sua própria luz e se acercou.

Percebeu que todos eram crianças. Ou melhor, não eram exactamente crianças, nem nativos deste planeta... mas ainda não queria pensar nisso. – Olá – disse, sem falar muito alto, pois o som deslocava-se muito bem no ar frio e calmo; e também devido aos mortos. – Posso ajudar?



O pequeno indivíduo, a forma estranha oculta por uma espécie de farda com capuz, parou a escassa distância e pronunciou algo como – Silahm. – Árabe? Hebraico? – Só falo inglês – desculpou-se Lambert. – Inglês. – Imaginou que não valeria a pena mencionar naquele momento o tibetano e o newari coloquial.

O sobrevivente disse alguma coisa para o capuz, aparentando falar para um rádio, e depois levou-lhe a mão

à manga, indicando que deveria acompanhá-lo aos destroços. Lambert aquiesceu e seguiu-o.

Outros dois sobreviventes desciam o monte até eles, andando pela neve com uma dificuldade visível. Teria deixado o guia para trás, caso não se encontrasse tão fatigado e oprimido pela carga.

Um dos elementos do par que se aproximava, com um traje que emitia um brilho verde escuro sob as luzes tremeluzentes, dirigiu-se-lhe primeiro. – Fala inglês, não é verdade? – As palavras possuíam uma pronúncia que não conseguiu identificar.

- Falo. Vim ajudar.

O pequeno ser olhou-o intensamente, um mirar de sargento, e depois encolheu os ombros, quase como se estivesse a resignar-se. – Atravessamos, deveras, uma certa dificuldade – declarou, enquanto se virava para indicar o caminho até às luzes. – Traz alguma fonte de calor?

- Só um Primus e dois candeeiros Coleman. Pode ser que ajude. Tenho pouco combustível, mas ainda chega para um dia, mais ou menos.

O líder, pois assumiu que o fosse, olhou por sobre o ombro. As feições alienígenas transmitiam uma expressão indescritível, profundamente comovedora. – Não podemos viver no frio – explicou. – Os nossos aquecedores são alimentados por condensadores eléctricos. Os relâmpagos foram atraídos por eles.

Os olhos marejaram-se-lhe e sentiu o coração oprimido, pois sabia que chegara ao local certo na altura mais crítica.

As luzes provinham de uma secção dos destroços que aparentava ter sido uma espécie de cabina de passageiros, com cerca de três metros de comprimento, as anteparas amolgadas mas ainda de pé. Um verdadeiro abrigo improvisado. No seu interior amontoavam-se quinze sobreviventes, alguns visivelmente em mau estado. Vários olhos dirigiram-se para o recém-chegado, quando este se baixou de forma atrapalhada para entrar à “porta”. A maioria, no entanto, ostentava uma expressão vazia, devido ao choque, ou ao desespero.

- Vamos começar pelo calor – indicou. Abriram espaço para que pousasse a mochila, tendo os seres que ainda estavam despertos observado o ritual da montagem do fogão e da criação do fogo. Sentiu-se quase como um mágico, ou um sacerdote. Olhem para mim. Sou portador do fogo.

O elegante fogão de campismo acendeu-se à primeira tentativa. Aumentou a potência até que as chamas assumissem um azul quente e depois ajustou o difusor de calor. A audiência expressou uma aprovação decidida.

Afastou-se do fogão a fim de proporcionar espaço e reparou que os sobreviventes ambulatórios se amontoaram instantaneamente em redor do fogo. Mas não de uma forma rude. Os menos vestidos foram colocados mais próximo e depois trouxeram os feridos.

Um deles virou-se para Lambert e apertou-lhe brevemente a mão.

Recostando-se à antepara mais distante, a qual parecia estranhamente flexível, observou-os a aquecerem-se. Os que conseguiam ficar de pé assumiam uma postura natural estranha, como se fossem esgrimistas *en garde*. O Casaco Verde acabou por se acercar e juntou-se-lhe. – O seu casaco diz “Lambert” por cima do bolso. É esse o seu nome?

- É. Tim Lambert.

- Obrigado, Lambert. O meu nome é Ontush.

Tim respondeu com uma pequena saudação.

- Parece muito cansado, Lambert. Veio de longe?

- Vi o acidente. – Explicou a incapacidade de conseguir mais ajuda. Ontush exprimiu aflição ao saber que a tempestade poderia durar mais alguns dias.

Outros três seres aproximaram-se, dirigindo-se a Ontush na língua estranha. Lambert ficou surpreendido pela recuperação quase imediata e depois recordou a sua própria transformação, durante a tarde. – Comecei o dia de calções! – riu-se.

- Como disse, Lambert?

- Desculpe. Não é nada. O que fazemos agora?

- Devemos tentar trazer os outros para junto do calor. Com este frio, não vão aguentar muito tempo.

- Por que não me disse? – A noção de que existiam outros seres ainda vivos foi um chamar de atenção doloroso. Colocou-se de joelhos com um único movimento penoso. Enfiou as luvas, puxou os capuzes e seguiu os quatro que saíram para a noite.

Precisou apenas de alguns minutos para assimilar o verdadeiro problema. Quatro seres mal conseguiam deslocar uma vítima de cada vez. Pelos rastos na neve, imaginou horas de esforço. Todas as horas desde o acidente tinham sido gastas a salvar uma mera dúzia dos muitos espalhados.

Mas ele conseguia transportá-los como se fossem crianças e meteu mãos à obra. Pesavam entre dez e quinze quilos. Ontush indicou os que precisavam de ser salvos e Lambert levou-os para o abrigo. Foram necessárias poucas viagens para exaurir a sua energia.

- Vou buscar a tenda! – gritou, descendo a encosta.

- Lambert! Vai-se embora?

Era um dos seres por enquanto anónimos. – Não. Trouxe umas coisas, mas ficaram lá em baixo.

O ser diminuto seguiu-o conforme pôde, mas Lambert já chegara ao arreio e, quando se cruzaram, encontrava-se já a meio caminho. O ser chamava-se Hix e, enquanto caminhavam, foi apontando vítimas próximas, as quais foram sendo colocadas sobre o trenó. Todas estavam inconscientes. Uma delas visivelmente debilitada.

Hix desculpou-se pela falta de força. – Não somos muito bons a deslocar coisas.

Um grupo de trabalho de uma dúzia de seres conseguiu limpar uma área de neve para que se montasse a tenda, enquanto Lambert soltava as caixas de foguetes, empilhando-as depois a um lado. O calor ia fazendo maravilhas: trinta ou mais seres já se tinham levantado e andavam por ali. Muitos dos que trouxera, convencido de que não passavam de cadáveres, sentavam-se agora junto do fogão, despertos e alerta.

Depois da tenda montada e de um lampião aceso no interior para a aquecer, Lambert encontrou a pequena tenda octogonal que ocasionalmente utilizavam para as visitas e montou-a. No interior foram colocadas duas velas dentro de uma marmita, pois num espaço tão exíguo o candeeiro seria um desperdício de combustível.

Explicou as virtudes da neve enquanto isolador e Ontush destacou equipas para a amontoar à volta dos abrigos, enquanto Lambert regressava à tarefa da recolha de corpos. Na terceira viagem lembrou-se do pára-quedas.

Estes são dispositivos fantásticos, especialmente em terra. Dependurados de uma árvore e abertos, proporcionam tendas excelentes. Tirou um do seu invólucro e passou-o por sobre o abrigo. O pára-quedas selou as aberturas na secção danificada dos destroços, tendo sobrado material suficiente para alongar a frente mais uns quatro metros e meio. Os sobreviventes trouxeram hastes telescópicas, que davam belos postes para o avançado.

Lançou algumas pazadas de neve para cima do material, para o firmar, e olhou em seu redor. O dia já raiara, lançando sobre eles a pouca claridade que teriam. Tirou uma luva e descobriu que passava das nove da manhã, embora a luz mal desse para ver, tão escuras eram as nuvens. A neve continuava a cair levemente, sendo agitada por brisas ocasionais. Não havia visibilidade suficiente para que pudessem ser encontrados.

Muitas vítimas ainda estavam nas redondezas e, ao observá-las à luz ténue, recordou-se das pilhas de mortos em Buchenwald. Depois teve outra ideia. As caixas do pára-quedas e do candeeiro estavam vazias, por isso amarrou-as uma à outra e prendeu a corda do arreio às pegas, criando assim um trenó robusto com espaço para quatro pessoas... pelo menos quatro daqueles seres.

Passaram mais de uma hora a recolher os corpos restantes que se encontravam espalhados pela neve. Não fazia ideia dos que estavam mortos nem dos que estavam vivos e, à meia-luz do dia, a situação assumia contornos ainda mais macabros. Mesmo assim continuou, auxiliado por equipas de sobreviventes que utilizavam aparelhos para localizar as vítimas enterradas na neve ou ocultas pelos destroços.

A física do acidente fora estranha. A aeronave espalhara-se por todo o lado, mas os destroços não se encontravam colina acima. Também não se viam muitos corpos mutilados, ao contrário do mostrado nas fotografias de acidentes aéreos que vira na *Time*. Era uma nave frágil que tivera uma aterragem feliz.

A partir da estrutura, imaginou que, em vez de uma fuselagem enorme, o aparelho fosse composto por uma série de cilindros paralelos, com uma pele exterior muito fina a envolvê-los.



Um braço pequeno puxou-lhe a manga. Adormecera no arreio, de pé. Encontravam-se próximo da extremidade superior da mancha de destroços. O pequenino esboçou uma série de gestos elaborados, que Lambert interpretou como significando que o corpo no trenó era o último. Ofereceu boleia ao ser e encaminhou-se para os abrigos.

Ontush aguardava no exterior da abertura do avançado do pára-quedas, com uma expressão no rosto que poderia representar cuidado. – Venha, Lambert. Tem de descansar.

Discutiram um pouco sobre essa questão, mas na tenda mais pequena fora libertado um pouco de espaço para acomodar o saco-cama de Lambert, que conseguiu arrancar-lhe a promessa de que o acordariam dali a três horas. Mal entrara na tenda voltou a sair, para confirmar que seriam capazes de reabastecer o fogão, mas descobriu que já o tinham feito por duas vezes, e uma vez ao candeeiro; também entendiam perfeitamente o funcionamento das velas. – Observámo-lo enquanto o fazia, Lambert.

Despojado das suas funções sacerdotais, voltou para a cama.

Mas, assim que bateu com a cabeça na almofada, recordou-se de toda a comida que trouxera. Enfiou a cabeça pela porta da tenda, para confusão dos três companheiros de alojamento, e gritou a Hix: - Espere! Trouxe-vos comida!

- Comida orgânica? – perguntou Hix. – Alimentos da vossa espécie?

- Comida de acampamento.

- Obrigado, Lambert, mas não podemos consumir esse tipo de alimento. De todo.

De grande coisa lhe servia ter arrastado cinquenta quilos de latas de atum.



Tiveram o bom senso de o deixar dormir mais do que o prometido.

Mas acordaram-no ao fim da tarde, deram-lhe comida, prepararam-lhe café e organizaram uma reunião. Seis dos seres dispuseram-se na pequena tenda de três lugares, juntamente com o benfeitor de maiores dimensões. Esforçou-se por não dar a entender a zurrapa que tinham feito à laia de café.

- Lambert – começou o que se chamava (clique)ush. – Existem problemas.

E existiam, de facto.

Expuseram as questões de forma ordenada. Se pedissem ajuda, esta demoraria quase um ano. Tinham perdido mais de trinta dos seus, incluindo todos os peritos em sobrevivência na Terra. Existiam locais onde tinham sido deixados suprimentos, mas o mais próximo distava

milhares de quilômetros. Poderiam construir uma nave a partir dos fragmentos desta, mas, dadas as circunstâncias, isso seria impraticável.

Não percebeu como seriam capazes de criar uma nave a partir dos destroços, pois não lhe parecia restar um grande número de peças completas. Ia recordando imagens de *The Flight of the Phoenix*, mas o avião desse filme aterrara praticamente intacto. Explicaram-lhe que as estruturas poderiam ser criadas a partir de materiais em bruto, através de um processo que, por um lado, se assemelhava à cristalização, e, por outro, ao crescimento. Contudo, esse procedimento encontrava-se fora de questão, pois não tinham energia. Todos os condensadores estavam esgotados.

Era o típico problema dos acidentes: muitos fragmentos de tecnologia espalhados por todo o lado, faltando peças-chave suficientes para que tudo o resto se tornasse inútil.

Lambert adiantou duas propostas. Poderia descer a pé a montanha, ou talvez esquiar, e tentar conseguir ajuda; ou então tentaria organizar uma marcha, tirando-os a todos da montanha. Depois, poderiam pensar numa forma de localizar as bases de suprimentos.

Mas as expressões dos seres, por mais alienígenas que fossem, deixaram bem claro que ajuda externa estava fora de questão. Explicaram que tinham recebido “instruções para limitar a sua exposição a qualquer investigação”. Imaginou que o suicídio talvez fosse a alternativa que estavam a considerar.

Sentiu o coração gelar-se-lhe. Será que, depois de todo o trabalho que tivera a tentar salvá-los, lhe iriam pedir que presidisse à pira funerária? Seria por isso que tinham reunido todos os corpos de forma tão cuidadosa?

Decidiu obter mais esclarecimentos sobre a alternativa que era a construção da nave. – Quanto tempo vai demorar e que quantidade de destroços vão precisar? – Imaginou-se a estabelecer uma espécie de oficina algures no vale e a enviar amigos em busca do que fosse necessário. Seria complicado e tinha o raciocínio lento, devido à falta de sono.

- Seriam necessários apenas dois dias para a construção da nave, Lambert. E precisaríamos apenas de metade dos destroços. O problema é o calor. O fogão e as velas providenciavam-nos alimento suficiente, mas não temos nada...

- Alimento? – indagou. Pensara que o alimento eram as barras estranhas que pareciam quartzo estratificado. Afinal de contas, tinham-nas engolido.

- Sim, Lambert – explicou Ontush. – Talvez a palavra “alimento” o esteja a induzir em erro. Tal como as vossas plantas absorvem luz para viver, nós absorvemos calor. Um espectro de energia mais baixo. Ingerimos certos minerais pela boca, mas o nosso metabolismo funciona através de uma química endotérmica, e não exotérmica, como vocês.

As vagas recordações de biologia sugeriam que isto não deveria ser possível. Problemas com a segunda lei da termodinâmica, ou coisa do género? Mas esta não era a altura certa para ter aulas de ciência.

O silêncio confuso de Lambert levou a que outro elemento do conselho se manifestasse, como se se estivesse a dirigir a um aluno lento. – Planeta quente, Lambert. Atmosfera densa. Sem luz do sol.

Certo. Faria sentido ter uma forma de vida que conseguisse manter uma temperatura corporal mais baixa do que a do ambiente, utilizando a cascata energética em seu benefício.

Mas acabou por se aperceber da posição precária em que se encontravam. Endotérmitas na neve. Isso não era bom.

Perguntou-lhes quais os fragmentos que poderiam ser queimados.

- Nada, Lambert. Não temos nada que oxide.

Uma bela política de construção, mas que não era de grande ajuda. Explicava, contudo, a razão pela qual não houvera explosões.

- De que quantidade de calor precisam? – Talvez conseguisse chegar ao acampamento principal e regressar com mais combustível.

- Muita. Cinquenta vezes o que trouxe. Com este frio, talvez até cem vezes, ou mesmo duzentas vezes o que trouxe. E, pelo menos, trinta graus constantes.

Não parecia muito mau. – E qual a área a aquecer?

- Aproximadamente a da outra tenda. A maioria dos módulos tem dois metros e meio de comprimento.

Uma solução óbvia apresentava-se-lhe agora ao cérebro cansado. – Cavalheiros. Vocês pararam ao lado de uma floresta. Têm todo o combustível de que precisam.

As cabeças abanaram. – Nem pensar, Lambert. Estamos estritamente proibidos de matar as formas de vida deste planeta. – Viu que falavam a sério.

Só muito mais tarde nesse dia percebeu que essa inibição provavelmente também o protegia a ele. Ainda não reflectira sobre o que pretendiam fazer consigo.

Naquele momento, só pensava que tinha um plano de acção mais claro. – Bem, meus amigos, talvez vocês não o possam fazer, mas acreditem que eu posso.



Tirou o machado da bainha e desdobrou a serra de campismo, marchou encosta abaixo e começou a cortar lenha.

Adorava árvores. Se fosse bem pago, não se importava de ter um emprego em que plantasse e cuidasse de árvores. Mas derrubaria uma árvore sem pensar duas vezes para salvar um ser racional. Era a sua filosofia.

Começou a cortar as árvores mais pequenas, deixando a primeira linha intocada, para que o solo tivesse protecção e para que as clareiras que iria abrir fossem novamente semeadas. Eram pinheiros e abetos, por isso até mesmo a madeira verde arderia sem grandes problemas. Não dispunha de tempo para escavar meio metro de neve em busca de troncos mortos. A fileira de árvores que deixara incólume seria a única concessão à ecologia, tratando de cortar tudo de que precisasse.

Derrubou quatro ou cinco árvores jovens e arrastou-as num molho. Foi empilhando os feixes, formando três lados de um quadrado, com quatro metros e meio de lado. Assim que a quantidade de lenha pareceu suficiente para uma fogueira, desviou a atenção para os destroços.

Os fragmentos eram leves, fazendo lembrar papel machê no seu peso. Conseguiu arrastar uma grande quantidade num curto espaço de tempo e até os pequenos companheiros traziam peças de menores dimensões pelos carreiros abertos na neve.

Após ter criado um monte considerável de material, seleccionou algumas das secções mais completas do invólucro e colocou-as de pé na neve em redor do monte de lenha, a fim de o proteger da brisa e de reflectir para o interior algum do calor.

Ontush indicou que estavam prontos e Lambert lançou um fósforo às agulhas secas. O fogo pegou rapidamente e o odor resinoso trouxe-lhe recordações de fogueiras agradáveis, de cabanas confortáveis e de petiscos ao ar livre. Descontraiu-se um pouco e, ao sentir o aperto no peito, percebeu como se sentira desesperado ao longo de todo o dia. Há já algum tempo que não respirava fundo. Medo.

À medida que as chamas se iam intensificando, pensou nas condições atmosféricas. Se o tempo abrisse, a fogueira seria um belo sinal de aviso, quer eles quisessem quer não. Sentiu uma pontada de medo a regressar, embora soubesse que não tinham qualquer alternativa.

Todos os que se encontravam em melhor estado meteram mãos à obra. Foi decidido que deixariam de aquecer as duas tendas, mantendo o abrigo a funcionar como enfermaria.

Não sendo grandes adeptos do frio, os sobreviventes conseguiam trabalhar em ambientes infernais. Lambert não seria capaz de entrar no quadrado de fogo, ao passo que eles pareciam adorá-lo.

O pouco que viu do processo de construção foi fascinante. Usando uma série de ferramentas que também pareciam obter energia a partir do calor, reuniram prontamente os fragmentos de destroços e colocaram as peças numa espécie de pequenas tinas de cerâmica. Depois, como num passe de mágica, um quadro da fuselagem começou a ganhar forma, desdobrando-se como acontece com um bote salva-vidas quando se puxa o cordão, embora mais lentamente.

Não perdeu tempo a ver mais. Esforçou-se ao máximo, reunindo fragmentos para os vasos e madeira para o fogo. Abateu algumas árvores maiores, com vinte e vinte e cinco centímetros de espessura. Uma fila de sobreviventes, como um carreiro de formigas, levava os ramos mais pequenos assim que Lambert os cortava. Serrou os troncos em placas de dois metros e meio e arrastou-os até à zona de actividade.

Embora os outros assumissem cada vez mais das suas tarefas, continuava a ter de lançar cada pedaço de madeira para o fogo. Imaginou que se sentissem demasiado incomodados para o fazer.

Devem ter conjurado a oficina da nave em primeiro lugar, pois de repente já possuíam uma pequena carreta, vá-se lá saber com que tipo de motorização, que utilizavam para rebocar o resto dos destroços até ao fogo. Um par de guinchos fora erguido para a montagem dos quadros que iam sendo finalizados. Pouco tempo depois enviaram a carreta para ajudar a transportar os cepos e, a partir desse momento, tudo se tornou mais célere.

Ver o carrinho a deslocar-se sobre a neve aliviou-o. Vamos conseguir, pensou. Antes que o tempo melhore.



Passou a noite a cortar lenha. Essa actividade é sempre uma forma de terapia magnífica, é óptima para se sonhar acordado e é um excelente exercício. Apesar do cansaço e da preocupação, deve ter sido a noite mais feliz da vida de Lambert. Afinal de contas, estava a salvar vidas e a construir uma nave espacial. Uma nave que crescia perante os seus olhos fatigados.

O trabalho de lenhador deu-lhe tempo para pensar na sua situação pessoal. Existiam outras faculdades espalhadas pelo mundo, outras colocações como professor. Não ia passar fome. Além de que preferia trabalho de campo a uma sala de aulas, por isso, se tal fosse necessário, sempre podia juntar-se à escavação de outra pessoa qualquer. O que não faltavam eram

expedições arqueológicas a implorar membros qualificados. Quem sabe, até poderia ter sido melhor assim.

Vê se cresces, disse para consigo, enquanto sentia as bolhas debaixo das luvas. Podia ser muito pior.

Mediante a ajuda da carreta, que transportava madeira e fragmentos de nave, puderam alargar as fogueiras para um conjunto de quatro quadrados abertos, cada um com dois lados em comum. Lambert via-se obrigado a entrar e a sair a correr dos quadrados para alimentar as várias partes do fogo, mas os seres diminutos nem pareciam sentir o calor.

Os músculos de Lambert cederam quando o céu começou a ficar acinzentado, o que marcava o início de um novo dia. Comeu o máximo que foi capaz de se obrigar a engolir e depois recolheu-se à tenda de reserva.



Só acordou às cinco da tarde. Espreitou pela abertura da tenda e viu que o tempo mudara. Uma névoa fantasmagórica envolvia o topo da colina e a neve parara por completo.

Há muito que as fogueiras se tinham reduzido a brasas e o trabalho cessara. Algumas formas reuniam-se em volta dos carvões incandescentes e outras pareciam encher os abrigos. A nave ganhara forma, com um corpo composto por quatro cilindros, e que excedia os trinta metros de comprimento. Da estrutura saíam estabilizadores. Gatinhou para fora da tenda, deu uma volta ao estranho monstro e decidiu não entrar.

Quando terminou a inspecção, era aguardado por (clique)ush. – Estamos quase prontos para activar a energia interna. Depois podemos deixar de usar o seu fogão cansado, Lambert.

- Deviam ter-me acordado antes das fogueiras...

- Não, Lambert. Também nós, por vezes, descansamos. Nem todos conseguem acompanhá-lo. – Podia jurar que o indivíduo se ria dele.

- A nave já parece bastante grande.

- De facto. Estamos adiantados. Não sabíamos que era capaz de providenciar tanto calor.

Tomou um pequeno-almoço composto por uma mistura de frutas e frutos secos, atum e Tang. Tinham-lhe preparado mais café, ligeiramente menos horrível do que as versões anteriores. Talvez se tivesse habituado. Bebeu-o e dirigiu-se às árvores.

Acabara de retirar o machado do toco onde o deixara, quando um reboliço na encosta mais acima lhe chamou a atenção. Dois dos seres deslizavam ladeira abaixo na carreta, enquanto gritavam algo. Quando se aproximaram, percebeu que estavam a tentar bradar-lhe o nome, “Lambert”, mas não eram conhecedores de quaisquer sons ingleses.

Tinham-lhe construído uma ferramenta. Sem serem capazes de falar, e não querendo utilizar o dispositivo numa árvore, lá conseguiram comunicar-lhe através de gestos que se tratava de uma espécie de serra sónica. Era muito leve e atravessava a madeira a um ritmo de cerca de três centímetros a cada cinco segundos.

Funcionava a partir de uma unidade de energia que tinha a dupla função de pega. Lambert ficou satisfeito e eles ficaram satisfeitos. Todos ficaram satisfeitos em conjunto.

Não fazia ideia do preço moral que teriam de pagar por aquele gesto.

A serra aliviou bastante o trabalho, o que foi bom. Já não faltava muito. Começara a espirrar e sentia o nariz entupido, doíam-lhe os músculos e algo na barriga da perna esquerda

lançava pontadas constantes de dor. Os pulsos fraquejavam-lhe e, apesar das luvas, tinha lascas de madeira em ambas as mãos.

Mas criar lenha com a serra era extremamente fácil. Por mais exausto que se sentisse, conseguiu ainda madeira para manter seis quadrados a arder no espaço de uma hora e meia, bem como alguns troncos de reserva nas redondezas. Detiveram-no no sexto quadrado, que era o máximo que conseguiriam utilizar.

Pela primeira vez em três dias pôde fazer algumas pausas e conversar um pouco. Ontush desceu até à mata durante algum tempo, sentou-se num toco e observou-o a trabalhar. – Então, Lambert! – disse. – Afinal de contas, o que veio fazer a esta montanha?

E Lambert contou a Ontush sobre a história da China chamada *Anais da Primavera e do Outono*, e a descrição que nela surge de levantamentos geográficos chineses levados a cabo por volta de 2200 a.C.; e como algumas dessas descrições pareciam corresponder a locais da América do Norte; e que estava à procura de vestígios desses acampamentos; e que encontrá-los seria fulcral para a sua carreira.

Regalou o ser com relatos da viagem que efectuara à China e ao Tibete, onde visitara acampamentos desse período e estudara a forma como os povos indígenas actuais realizavam os seus acampamentos. Esperara com isso desenvolver a intuição para saber onde procurar.

Explicou a expressão “procurar uma agulha num palheiro”.

Ontush, por seu lado, explicou que se conseguissem colocar a nave no ar, poderiam regressar a casa, onde os minerais eram muito mais inteligentes do que na Terra, bem como outras coisas que faziam ainda menos sentido. Mas pareceu-lhe correcto ouvir Ontush dizê-lo.



Mais tarde, enquanto alimentava as fogueiras, perguntou a Hix o que iriam fazer com os mortos. – Já desapareceram! – Foi a resposta.

Depois de ir para a cama tinham-nos colocado no fogo. Hix apresentou uma explicação complicada, que excedia a fluência em inglês do ser, dizendo que os corpos não ardião, mas que se dissolviam. O tecido dos alienígenas aparentava ser menos resistente do que os despojos humanos.

Hix concluiu, observando que, - Vocês são uma confederação de criaturas diferentes vivendo em uníssono. Eu sou uma célula única. Interessante, não acha? – Mais tarde, Lambert apercebeu-se que não sabia se Hix, ao falar de “criaturas diferentes”, se referira às nossas células ou a partes das nossas células, como as mitocôndrias, e que poderia querer dizer que eram compostos por um único tipo de célula, em vez de serem uma única célula grande.

Nunca chegou a esclarecer o assunto.



Com o passar das horas, o nível de tecnologia dos seres, que antes evoluíra de forma ritmada, desenvolvia-se agora a olhos vistos. Os feridos foram transferidos para a nave e o abrigo foi desmantelado. Quase vinte seres trabalhando em conjunto dobraram cuidadosamente o pára-quadras e voltaram a guardá-lo na caixa.

Surgiu um aparelho-robô que reuniu todos os fragmentos restantes de destroços e depositou as latas de atum vazias junto da tenda de reserva, juntamente com pedaços de corda, peças de roupa e tudo o mais que lhes fora emprestado. As oficinas no interior da nave entraram em funcionamento e permitiu-se que dois dos quadrados de fogo se extinguissem.

Pouco depois, anunciaram um boletim meteorológico, que prometia que continuariam longe de olhares curiosos durante mais trinta e seis horas.

Lambert passara algum tempo sem pensar na questão dos olhares curiosos.

(clique)ush sentiu a mudança de humor subsequente. – Está saudável, Lambert? – indagou o ser.

- Que raios! – A pergunta fê-lo rir-se. – Nem de longe.

Depois o pequeno alienígena foi directamente ao cerne da questão. – Está a pensar no que poderá contar aos seus amigos sobre este episódio. E também ao seu governo.

Lambert sentou-se numa das caixas de foguetes. – Que contarei aos meus amigos sobre este episódio? – perguntou. – E ao meu governo?

(clique)ush meneou a cabeça diminuta e executou um gesto estranho. – A verdade, é claro. O que mais, Lambert? Será conhecimento para alguns, e ficção para outros. Conte-lhes a verdade.



Ontush chamou-o à parte imediatamente antes de testarem a nave. – Tem de nos baptizar a nave, Lambert! É nova e precisa de um nome!

Ontush ia ficando cada vez mais vigoroso e Tim enfraquecia a olhos vistos. Prometeu pensar no caso.



A maior parte da tripulação ficou em terra durante o voo de teste. Ainda decorriam trabalhos e as fogueiras tinham de ser alimentadas. Mas Lambert viu-a descolar, como se fosse um dirigível a desaparecer por entre as nuvens, as chamas dos quadrados criando um arco-íris tremeluzente na parte de baixo do casco.

Durante o tempo em que esteve ausente, dois robôs, sob o controlo escrupuloso de vários sobreviventes, desmontaram cuidadosamente a tenda de reserva e guardaram-na; transferiram o saco-cama e a mochila para a tenda grande; foram buscar, poliram e olearam o machado e a serra de campismo; depositaram o atum no caixote; e patrulharam o acampamento. Até escavaram uma nova fossa. E que bela fossa. Um verdadeiro motivo de orgulho. E foi isso que sentiram.

A nave surgiu das nuvens quando a limpeza do acampamento ficou concluída. Amanheceria mais uma vez.



Tomaram juntos o pequeno-almoço. Tim comeu alperces e papa de aveia e bebeu o café horrível, mas já familiar. Os seres comeram pedras e o que restava do fogo.

Ontush perguntou-lhe se já escolhera um nome. Até ao momento não o tinha feito. – Vai levá-los de regresso a casa? – inquiriu.

- Sim. Para casa.

- Então chamem-lhe *Sweet Chariot*¹ – sugeriu.

¹ *Sweet Chariot* é o título de um espiritual negro dos escravos negros americanos. Podendo ser traduzido livremente como “querida carruagem” refere-se directamente ao trabalho dos escravos no caminho de ferro subterrâneo. Alguns escravos saltavam para dentro de carruagens, tentando chegar a um país livre. A letra diz “coming for to carry me home”, ou seja “que aí vem para me levar para casa”.

Ontush procedeu a uma longa explicação do nome pelo rádio, para que todos o ouvissem. Incluiu algumas notas trauteadas, embora a afinação não fosse das melhores. De súbito, todos baixaram a cabeça e começaram a emitir um murmúrio grave .

- Ah, sim – disse-lhe Ontush. – Eles gostaram bastante.



Foram precisas mais duas horas para desmantelar as guas de construção e guardar tudo a bordo. Lambert passou grande parte desse tempo sentado na neve, a observar. E a trocar apertos de mão. Todos passaram por ele e apertaram-lhe a mão. Deixou de levantar-se após meia dúzia de seres, mas eles não pareceram incomodados com isso.

Houve alguns que fizeram batota e voltaram a dirigir-se-lhe.



Quando o último alienígena entrou para a nave, salvo uma equipa de inspecção que percorria o exterior, Hix foi ter com Lambert, pegou na serra sónica e convidou-o a acompanhá-lo à nave. – E traga os seus mapas.

E assim levou os mapas até à nave. Seguiu Hix pela rampa, entrou no primeiro cilindro, tendo o cuidado de manter a cabeça baixa, e depois atravessou dois espaços interiores. Encontraram Ontush e alguns outros num compartimento central, que aparentava ser uma sala de cartografia electrónica.

Abriam os mapas de Lambert sobre a mesa e compararam-nos com uma carta completamente diferente, numa espécie de ecrã de parede. Finalmente, Ontush indicou-lhe que se inclinasse com eles sobre a mesa. Pegando num marcador, o líder fez um pequeno sinal num dos mapas quadrangulares, indicando um local cerca de cem quilómetros a norte. – Aqui. – Outra marca, vinte quilómetros mais próxima. – Aqui. – Mais marcas. – Aqui, aqui, aqui, aqui.

- E, finalmente, aqui. Mesmo por cima do seu acampamento, onde o ribeiro emerge do rochedo.

- Aqui, o quê? – perguntou Lambert.

- Os acampamentos chineses. Vá estabelecer a sua carreira.



Ontush estava ao lado de Lambert na neve revirada, a fim de confirmar que tinha tudo de que precisava. Eram os únicos no exterior.

Foi então que lhe perguntou. – Diga-me, Ontush, afinal de contas, por que razão se encontram nesta montanha?

A pessoa diminuta riu-se. – Lambert! Tenha calma. Não precisamos das vossas mulheres.

Mas o alienígena não iria partir deixando que estas fossem as suas derradeiras palavras. Fora tomada uma decisão.

Assumindo uma postura que poderia ser formal para a espécie, o ser proferiu um breve discurso, num tom mais baixo do que o anterior. – Quando estas rochas ainda eram jovens, Lambert, antes de terem sido criadas estas montanhas, travou-se uma grande guerra, entre seres que agora pertencem à lenda. Este sistema solar entrou nessa guerra e, durante algumas décadas, ergueu-se na superfície do vosso planeta uma enorme fortaleza. Viemos estudar os seus vestígios, caso os encontrássemos.

Depois Lambert mudou de ideias sobre o nome da nave. Claro que não o disse a Ontush, mas, a partir desse momento, pensou nela com um nome diferente. *A Peer Review.*²



Depois da partida da nave, gatinhou para o interior da tenda, despiu-se até ficar em cuecas e besuntou o corpo com creme para as dores. Forçou-se a engolir meia lata de atum e depois dormiu até não conseguir dormir mais.

Quando o céu limpou, o tempo começara a aquecer e a neve já se derretia.

Por isso, levantou acampamento e, coxeando um pouco, desceu a montanha. ■

² *Peer Review* significa algo como “avaliação por pares”, ou seja, crítica, avaliação ou discussão realizada por estudiosos ou acadêmicos de um mesmo ramo com o fim de decidir a publicação de um artigo ou outro escrito ou a atribuição de subsídios; é também o nome de uma revista acadêmica.



Regina Silva depois de no anterior número nos ter agraciado com "Memória", volta ao fanzine, com um conto que começou como uma experiência de round-robin.

O Guardião

Regina Silva

Para o Ricardo e o Rogério.

Sem a ajuda de ambos, a ideia de tentar escrever ficção não se concretizaria.

IMaddox esfregou os olhos e praguejou. Que raio lhe teriam adicionado à bebida na noite passada? Que diria a mãe ao saber que não tinha dormido na sua camarata e saído para celebrar? *Bem...* – pensou com um sorriso, – *não é todos os dias que se obtém a nota mais alta alguma vez conseguida por um aluno de Astro navegação da Academia Espacial de Utopia V...*

Decididamente, tinha que se levantar. Olhou as roupas desordenadas aos pés do beliche.

Beliche? Agora que reparava melhor, nem sabia onde estava... onde teria ido com aqueles idiotas dos seus colegas para vir parar nem sabia onde?

Rodou as pernas magras para fora do beliche e enfiou o macacão de cadete. Ao levantar-se, sentiu um leve desequilíbrio que atribuiu ao excesso de bebida da véspera.

Mas ao abrir a porta do cubículo...

- Zed?

- Maddox! Ainda bem que acordaste, estava a ver que tinha que te levar um balde de café...

- Zed... isto é uma nave? – Não sabia porquê, a nave parecia-lhe familiar.

- Não, claro que não... vindo de ti, essa é uma pergunta estúpida... não se vê logo que é um armário de vassouras?

Maddox gemeu agarrando a nuca dorida.

- Como é que eu vim aqui parar?

- Ahh, quanto a isso... senta-te, temos que conversar – disse, apontando uma cadeira de braços na ponte. – Não te lembras de vir para cá ontem?

- Se me lembrasse, achas que estava a perguntar? – Respondeu Maddox de mau humor.

- Bem, ontem parecias ter um enorme interesse em visitar a minha nave quando te disse quem estava cá estava... escusado será dizer que não o encontraste, dado que desmaiaste logo que puseste o pé a bordo. – Zed sorria com ar trocista. - Talvez o melhor seja mesmo ir buscar o tal balde de café...

Maddox não respondeu. Lembrava-se vagamente de ter encontrado Zed no bar onde fora com os colegas cadetes... ele aproximara-se do grupo e falara-lhe de alguém que ambos conheciam e se encontrava a bordo da sua nave... diabos o levassem!

- Bebe isto – disse Zed atirando-lhe um recipiente semelhante a um biberão. - Receita minha anti-ressaca.

Embora com ar desconfiado, Maddox aceitou. Ao fim de alguns goles, a cabeça estava nitidamente mais leve e começava a lembrar-se...

- Escuta, Zed... ontem disseste-me algo acerca do... Hypnus?

- Ahhh, começa então a lembrar-te...

De súbito, Maddox apercebeu-se porque a nave lhe parecera familiar. Já a tinha visitado várias vezes... era a nave de seu tio, Hypnus. Olhou em volta, acabando por vê-lo a um dos lados, junto aos écrans de interface navegacional. Correu para ele e abraçou-o.

- Hypnus... há quanto tempo...

- Maddox... tinha saudades tuas... sabia que conseguirias uma bela nota na Academia, serias o orgulho de teu pai. - Maddox estremeceu ao pensar no pai, desaparecido no espaço havia uma década.

- Aaahhhh, que emocionante, esta pequena reunião familiar... agora acabem com isso, temos que nos preparar para a aceleração. Maddox, senta-te e prende-te ao arnês de segurança.

- Zed... onde pensas que nos levas? Eu tenho que voltar, tenho que tratar do meu estágio. - Ao acabar o curso da Academia, cada cadete tinha que passar por um estágio, que poderia durar um ano numa nave da Armada, ou dois numa nave comercial sob as ordens de um comandante com pelo menos 10 anos de experiência.

- O teu estágio está tratado... vais fazê-lo aqui. - Respondeu Zed com ar zombeteiro.

- Estás louco? Leva-me de volta para baixo, JÁ!

- Para quê tanta confusão? O teu estágio pode ser feito a bordo de uma nave comercial, desde que sob as ordens de um comandante experiente e aprovado pela Academia... tens dúvidas de que o teu tio cumpra os requisitos? Ou estás a esquecer-te do contratozinho que selaste, Maddox?

- De que estás a falar? EU NÃO SELEI CONTRATO NENHUM! - Maddox gritava a plenos pulmões.

- Pois... não sei bem porquê, ontem parecete pensar que era um termo de responsabilidade para poderes viajar num vaivém não blindado até aqui... não sei de onde te terá vindo tal ideia. - Zed olhava para a cúpula da nave unindo os dedos com ar inocente.

- Quero ver esse contrato! Hypnus... ajude-me, por favor! - Suplicou Maddox.

- Não posso fazer nada... ele é especialista em trapações e artimanhas. Foi assim que me ficou com a nave; lembras-te de há uns anos eu ter estado com problemas na Armada, antes de pedir passagem à vida civil? - Maddox assentiu. - Tu nunca soubeste a verdadeira história... nessa noite eu estava perdido de bêbedo quando os contrabandistas assaltaram a nave da Armada. Se isso se tivesse sabido na altura, tinha ido a Tribunal Marcial. Mas o Zed propôs-me um negócio... deporia a meu favor se eu aceitasse trabalhar para ele. E assim, ele testemunhou que eu fora atingido por trás, na cabeça, por um dos contrabandistas - de facto, ele próprio, que beneficiou de uma amnistia por dar informações que permitiram a captura do resto do bando. O testemunho foi aceite, eu fiquei com a folha limpa... depois apresentei demissão "por motivos de saúde" e vim trabalhar com ele. Não estava era à espera que fosse como empregado na minha própria nave... - disse com ar amargo.

- Mas... mas... vou passar aqui dois anos? - Gemeu Maddox. - E... os meus amigos? A minha vida?

- Três anos, minha querida... o tempo de ir e voltar de Ceres. E quanto aos teus amigos... quantos deles ainda o seriam quando te tentassem convencer a partilhar o teu beliche durante um ano de estágio a bordo? - Ao ver Maddox enrubescer, Zed riu-se. - Não te tinha passado isso pela ideia? Eu sei que tu nunca quiseste ser muito feminina, mas... olha que continua a notar-se que não és um rapaz! E já agora, por falar nisso... já que vamos passar os próximos três anos juntos, que tal... humm... um bocadinho de companhia à noite?

A mão de Maddox ficou subitamente marcada na face de Zed.

- Pfftttt... armada em virgenzinha pudica... ainda hás-de suplicar pelos meus carinhos, garota idiota!



Maddox levantou a outra mão, tentando atingi-lo... mas Zed foi mais rápido, segurando-a pelo pulso. - Não voltes a fazer isso, minha linda... vais achar as noites a bordo muito solitárias.

O joelho direito dela golpeou-lhe as virilhas, num ataque antigo mas nem por isso menos eficaz. - Não voltes a fazer isso, meu paspalho... da próxima não será com o joelho - disse, enquanto passava por cima do seu corpo contorcido no chão.

Voltou ao cubículo de onde saíra e trançou a porta. Maddox leu e releu o contrato que selara com a sua impressão digital, não percebendo como fizera um disparate daqueles.

Pensara realmente estar a selar um termo de responsabilidade para viajar num vaivém não blindado... após longas guerras em que milhões de seres humanos tinham perecido, muitos homens e mulheres tinham ficado estéreis... os que não o eram, foram fortemente desencorajados a viajar pelo espaço, dado que as radiações com que se poderiam cruzar eram capazes de fazer o mesmo efeito. Deveriam sempre viajar a bordo de naves blindadas, a menos que assinassem um termo de responsabilidade como o que ela pensara ter selado.

Nem ela poderia ter estudado na Academia se não fosse ser filha de quem era. Thanatos, herói da Armada. Thanatos, que fora sozinho em busca de uma nave atacada por piratas e a conseguira trazer de volta, remendada com fio de cobre e cuspo. Ela adorava o pai. E caíra na esparrela. Sabia agora no que estava a pensar quando aceitara o convite de Zed. Pensara no tio, Hypnus... em saber se teria notícias de Thanatos. A avó fora uma entusiasta do estudo da mitologia, e isso notava-se nos nomes que dera aos filhos. Ainda bem que Eliasa, sua mãe, não partilhara essa paixão.

Thanatos, meu pai... que foi feito de ti? Não acredito que tenhas morrido no espaço. Não acredito! Talvez tenhas sido feito prisioneiro... talvez estejas a sofrer... ohh meu pai, a falta que sinto de ti agora!

Ao sentir os preparativos para a aceleração, deitou-se e prendeu-se com a rede existente nos beliches para o efeito. *É melhor aproveitar para descansar um pouco...* - pensou. E adormeceu rapidamente.

I I

O tempo dentro dum cone de aceleração hiperespacial é esticado até aos limites da percepção da mente humana. Para quem estivesse de fora a ver pareceria que a nave e os seus tripulantes se vertiam lentamente como um líquido algo xaroposo que escorresse por um funil. Para os tripulantes sujeitos à estranha física do buraco-de-verme o tempo fora dos limites do cone eram meros traços de luz incompreensíveis. Esta era a única forma de saltar as vastidões galácticas sem demorar séculos. No entanto os números eram frios. A Relatividade não perdoava e todos aqueles que ficavam para trás seriam apenas uma memória quando chegassem a Ceres.



Maddox acordou sobressaltada sentindo as lágrimas aflorarem-lhe aos olhos. O seu primeiro pensamento foi para os amigos da Academia. Não se despedira de ninguém. Fora engajada à força para servir com o Zed e o tio Hypnus numa missão comercial aborrecida contra a sua vontade. Mas que parva fora! Devia ter visto que da parte do Zed nada de bom viria. Bem, mas agora não valia a pena estar a admoestar-se. Tinha de se preparar para as estranhas visões que decerto iria experimentar. Não raras vezes os viajantes dos buracos-de-verme travavam diálogos com criaturas míticas, personagens históricas ou ficcionais ou até com familiares há muito falecidos. Quem a iria visitar? Quem iria partilhar consigo as dobras do espaço-tempo contínuo?



Presos no arnês Zed e Hypnus mergulhavam nos seus próprios fantasmas, submersos num mar de luzes e sons, enquanto fora das escotilhas o espaço e o tempo dobravam-se um sobre um outro como uma manta. Zed sorria levemente, vendo na cacofonia de cores um seu velho camarada de armas. O amigo acenava-lhe de longe enquanto do alto dum céu acobreado caíam os mísseis da Facção Vermelha. Milagrosamente o amigo ficou intacto e continuava-lhe a acenar enquanto o bunker onde Zed se escondia se tornava cada vez mais pequeno, encolhendo e encolhendo, a luz vinda do exterior diminuindo até não ser mais que uma leve frincha branca matizada de azul e verde. O sorriso de Zed tornou-se um esgar de dor. As paredes do bunker abateram-se, só que em vez de o soterrarem foi o seu ex-camarada que morreu sob toneladas de terra e betão.



A seu lado Hypnus travava diálogo com Samuel Clemens, discutindo os buracos de lógica em Huckleberry Finn. O escritor lançava veementemente os braços ao ar e rebatia todos os pontos de Hypnus, mas este não se dava por abatido e voltava à carga. Sabia que a discussão seria inútil. Já a tivera centenas de vezes antes, mas adorava-a sempre pelo puro prazer da retórica.



Utopia V desvaneceu-se no espaço e no tempo.

A pequena nave afastou-se a velocidades cada vez mais altas, rumo ao sistema de Sagitário, rumo ao pequeno asteroide Ceres. No seu interior Maddox, Zed e Hypnus defrontavam os seus fantasmas pessoais, ignorantes do que o futuro lhes reservava.



Na consola uma luz verde passou a vermelha. Dois mostradores perderam pressão e um circuito apagou-se. Os motores calaram-se e a nave ficou à deriva dentro do cone hiperespacial, tombando para um destino incerto, qual túmulo tecnológico. Uma pequena bóia de emergência foi expulsa para o espaço normal ficando de imediato a assinalar a última posição conhecida da nave *Regresso às Estrelas*. Os monitores das correntes hiper-dimensionais passariam por aquela região do espaço dentro de um par de horas. Os dados vectoriais seriam retransmitidos para o Centro de Controlo de Tráfego em Utopia V e se tudo corresse bem uma equipa de salvamento estaria em posição de partida em menos de três horas. Ainda havia esperança para a *Regresso às Estrelas* e para os seus tripulantes. Mas o destino é traiçoeiro e quis que a pequena bóia ficasse na rota de colisão de um micrometeoro que ao embater nela a velocidades superiores a 600 kms-hora a rasgasse completamente silenciando-a. Apenas detritos de silício ficaram a marcar o lugar onde momentos antes estivera a emitir o apelo.

I I I

Depois de uma longa discussão com a imagem da mãe, que a invectivava por ter partido sem se despedir, abandonando-a como o pai o fizera, Maddox adormecera outra vez chorando.

Acordou com o som estridente da sirene de desaceleração que indicava o regresso ao espaço normal. Levantou-se a custo e dirigiu-se à ponte, onde constatou que Zed também estava acordado e já a rezingar. Ignorando-o, dirigiu-se a Hypnus. Este parecia ainda adormecido, mas ao olhá-lo mais de perto Maddox assustou-se. Do canto da boca de Hypnus escorria um fino fio de sangue.

- Zed? Que se passa? O Hypnus não acorda... está a sangrar... que faço?

Zed levantou-se da cadeira e arrastou-se até Hypnus. Tocou-lhe levemente na face, onde o sangue deixara a sua marca.

- Lindinha, o sangue está seco... o que quer que tenha acontecido, não foi agora. Liga aí esse scanner médico do lado direito e vem ajudar-me, há luzes vermelhas a piscar no painel.

- Mas... mas... não o posso deixar assim!

- Maddox, não é um pedido, é uma ordem! Até sabermos o resultado do scanner, é melhor não lhe tocar. Por isso vem ajudar-me! Ou na Academia só te ensinaram teoria? Não é suposto teres sido a melhor aluna em não sei quantos séculos?

Contrariada, Maddox acompanhou-o e sentou-se junto dos écrans navegacionais.

Não reconhecia nada do que via. Do lado direito, uma mancha assemelhava-se à nebulosa de Caranguejo mas não havia certezas de nada.

Zed carregava furiosamente em vários botões e écrans tácteis. Nada lhe parecia dar uma resposta sobre o que tinha acontecido. Só sabia que era suposto estar a aproximar-se de Ceres e não era lá que decididamente se encontravam.

- Zed... onde estamos? – Perguntou Maddox a medo.

- Lindinha, sei tanto como tu. Activa aí o modo de pesquisa para tentar encontrar algo reconhecível, estrelas, galáxias, sei lá, procura! Só sei que os injectores não respondem, estamos literalmente a boiar aqui no espaço...

Maddox pôs a correr o programa de pesquisa. Rotinas e subrotinas corriam no écran sem dar resposta. Levantou-se e foi consultar o scanner médico ligado a Hypnus; o écran assinalava uma zona no cérebro a azul e ela carregou num botão para lhe dar a leitura “traduzida”. Empalideceu ao ler o diagnóstico. Dilatação de vasos... derrame... necrose celular.

Hypnus estava paralisado. Teria que ser reanimado para se saber a verdadeira extensão dos danos. Conseguiria mexer-se? Conseguiria falar?

Maddox seleccionou no écran de diagnóstico a preparação sugerida pelo programa. Um blister redondo inserido num adesivo cutâneo surgiu no braço da cadeira de Hypnus, e ela colou-o sobre a carótida do tio.

Deixou que o preparado se impregnasse e voltou para junto dos écrans navegacionais.

O programa continuava a correr, mas uma referência destacava-se já num écran lateral... ela estava certa, o corpo identificável mais próximo era a Nebulosa de Caranguejo, – mas mesmo esse estava a alguns anos-luz de distância.

- Maddox... vai comer qualquer coisa. Não adianta estares aí a matar a cabeça enquanto eu não descobrir o que correu mal.

- Queres que te traga alguma coisa? Uma tablete, um batido?

- Não, lindinha... já há algum tempo que não ingiro o que vocês consideram “comida”. Tenho as minhas cápsulas de nanonutrientes e basta.

Ela olhou para Zed como se nunca o tivesse visto antes. Não sabia que ele era parcialmente protético... não se notava nada.

Zed adivinhou-lhe os pensamentos:

- Sim lindinha, já há algum tempo que o meu corpo não é inteiramente humano... umas peçazinhas aqui, outras acolá, nada de especial. Vivo mais uns anitos que os outros, e sempre posso substituir as peças que se desgastem.



Enquanto Maddox se dirigia à pequena copa, Zed continuou a perscrutar os écrans e a ler indicadores. Não achara necessário dizer a Maddox que mandara inserir uns quantos implantes cerebrais que lhe permitiriam interagir directamente com o sistema central de naves como aquela, sem uma IA residente. Conectou-se ao sistema... e o que leu deixou-o gelado.

Um dos tanques de propulsão não tinha leituras. Erro de sensores ou tanque vazio?

A primeira hipótese era relativamente fácil de resolver, tinham peças sobressalentes para a reparação. Se fosse a segunda... Zed olhou em volta como se estivesse pela primeira vez a aperceber-se de que talvez aquela nave se tornasse no seu túmulo. O plasma ainda existente nos outros tanques talvez não fosse suficiente para atingir alguma colónia humana. Lembrou-se de ter lido qualquer coisa sobre uma colónia que se ia instalar na zona do Caranguejo... mas não imaginava quanto tempo teria já passado fora do cone hiper-espacial.

Tentou obter leituras, mas os dados eram confusos... alguns indicadores estavam decididamente baralhados, não poderiam de forma alguma ter andado para trás no tempo.

Ou podiam?

I V

[VOICE OFF]

[Cenário: Galáxia Espiral]

Uma das coisas que sempre me irritaram em histórias de FC com viagens no tempo (sim, porque EU leio histórias de FC; aliás são as únicas que me suscitam alguma curiosidade. Acho curioso o modo como os humanos tentam reinventar a Realidade do seu [MEU!] Universo, estupidamente pensando que aquele que habitam é o único que EU criei!) é o facto de os personagens passarem psicologicamente incólumes a uma experiência tão extrema para a sua frágil biologia.

Talvez esse facto tenha a ver com o relativo desconhecimento que os humanos têm do que é a "consciência" e de como um salto no tempo a influencia.

Imaginem a consciência como um baralho de cartas (parábolas destas sempre foram o meu forte!). O efeito provocado por um salto no tempo corresponderá a voltar a baralhar essas cartas. No entanto, ao regressar ao espaço normal, as propriedades físicas do cérebro pressionam as "cartas" a retomar a sua posição inicial. Assim, embora num primeiro momento tudo pareça estar igual (devido à componente "fantasma" da consciência; mas isso já é uma discussão técnica entre deuses que ficará para outra altura), em breve se manifestam algumas alterações, geralmente ténues: alguns esquecimentos, memórias falsas, *deja-vu*...

Excepcionalmente, o resultado final desse "baralhar" poderá ser considerado melhor (do ponto de vista adaptativo) que a configuração original. Tal foi o caso de Maddox.

As suas inegáveis potencialidades, subaproveitadas e desencorajadas por um sistema académico idiota, e os seus vastos conhecimentos teóricos, derivados de um estudo baseado no "empinango", advogado pelo mesmo sistema académico idiota, foram recombinaados para produzir um intelecto verdadeiramente superior.

Tão superior, que chamou a MINHA atenção...

[FADE OUT]

[FADE IN]

Maddox foi atravessada por uma potente onda de náusea, chegando mesmo a perder a visão. Apenas o instinto de se agarrar à moldura da comporta para a copa impediu que se estatelasse no chão.

Aos poucos, a náusea foi diminuindo de intensidade, acabando, estranhamente, por não deixar sinal da sua passagem.

Maddox olhou para o interior da copa, oblívia para o facto do seu olhar possuir agora um brilho que antes não possuía, incerta sobre a razão pela qual tinha ido até ali. Lembrou-se do tio, e ingeriu apressadamente uma tablete energética.

Em passo acelerado, voltou para o scanner médico. Uma olhadela rápida ao monitor revelou que Hypnus não tinha respondido positivamente ao preparado administrado. A necrose celular tinha já aumentado, provocando danos irreversíveis.

Decidida, com gestos seguros e impessoais, Maddox proferiu uma curta prece entredentes e desligou o tio do apoio vital. Após mais alguns comandos electrónicos, Hypnus foi envolvido numa película que rapidamente endureceu, ganhando uma textura metálica e um aspecto prateado. Um outro comando respondeu ao seu pedido, fazendo aparecer um pequeno vagão de transporte que levaria Hypnus para o porão, já que lhe era impossível levá-lo sozinha.

Seria lançado no Espaço, que tanto amava. Mas ela teria de deixar essa cerimónia para depois.

Maddox bloqueou o vagão junto a uma antepara. Os mortos não sentem desconforto, mas ela decerto não se sentiria bem sabendo que havia um cadáver aos trambolhões no porão.

Com esse assunto por ora arrumado, Maddox tomava o seu destino nas próprias mãos; mal se apercebia da sua súbita auto-confiança e capacidade de decisão, dissipando por fim o eco da sua fraqueza anterior, – produto estrito do ambiente cultural de uma Academia subliminarmente machista.

Desarmada, preparou-se para voltar à ponte... para enfrentar Zed.

V

A *Regresso às Estrelas* parecia diferente. Mal tinha espaço para a tripulação quanto mais dar-se ao luxo de desperdiçá-lo com enfermarias, refeitórios e outros espaços tipicamente reservados aos luxuosos paquetes das dispendiosas companhias de viagens inter-estelares.

Ou talvez fosse ela que estava diferente... na verdade nunca gostara do ambiente claustrofóbico de um porão, e muito menos na companhia de um morto. Devia estar a imaginar coisas.

Uma estranha sensação de vertigem desequilibrava-a e de repente viu-se a flutuar na imponderabilidade. O motor de Grav desligara-se. Numa antepara um comunicador crepitou e a voz aflita de Zed instou-a a apresentar-se o mais rapidamente possível na ponte.

Deitando para trás as preocupações com a geografia da nave, Maddox impulsionou-se pelo corredor fora, tendo o cuidado de dobrar o corpo perto das curvas tal como aprendera na Academia para minimizar a área de possíveis impactos. De pega em pega ergueu-se pelo poço que ligava a ponte ao resto da nave.

Em frente dos comandos Zed afadigava-se tentando fazer o trabalho que evidentemente deveria ser desempenhado por três pessoas. Maddox avaliou rapidamente a situação e debruçou-se sobre uma das consolas matraqueando vários comandos que ajudaram a estabilizar o motor de Grav e tiveram o efeito de apagar muitas fileiras de luzinhas vermelhas. Perdida a imponderabilidade os movimentos deles tornaram-se mais precisos e eficazes. Em breve, entre os dois, tinham domado a rebelde nave e puderam por fim sentar-se nas cadeiras, olhando em volta sem nada dizerem.

A ponte assemelhava-se imenso a uma cúpula abobadada donde a partir do topo irradiava um mapa celeste com a posição da *Regresso às Estrelas* assinalada por um triângulo vermelho. O holograma mostrava em fonte pequena os nomes dos sistemas habitados/colonizados. A triste realidade era que o mais próximo estava fora do alcance duma nave com um tanque de plasma seco. A menos que... se pudessem efectuar a Manobra de Lyvette. Era uma esperança. Ténue, decerto, mas que valia a pena tentar.

- Que dizes, lindinha, arriscamos? – Zed olhou-a, sabendo que também Maddox pensara no mesmo. E se ela pensara nisso...

- Zed, em mais de mil Manobras apenas 10 foram um sucesso. – A voz do instrutor da Academia que num longínquo dia de primavera lhes explicara os prós e os contras da Manobra descoberta por Gaspar Lyvette sou-lhe aos ouvidos como se o homem estivesse ali presente. Acima de tudo ouviu os números: 3000 naves perdidas por ano; mil tentativas de manobras

registadas em caixas negras posteriormente encontradas por equipas de salvamento; 10 manobras conseguidas. Números pouco animadores.

- Façamos então por ser uma dessas 10, lindinha. – Afirmou peremptoriamente Zed. Debruçou-se sobre a consola e começou a reprogramar o computador de bordo.

- Zed. Só uma coisa.

- Diz lindinha.

- Pára de me chamar lindinha.

- Está bem... lindinha. – Zed adorava provocá-la.

Encolhendo os ombros e disposta a ignorá-lo o mais possível, Maddox começou a meter na fila de execução da memória central as rotinas e sub-rotinas necessárias para a Manobra.

- A propósito Zed, Hypnus está no porão.

- Ai sim? A fazer o quê?

- Está morto. Não recuperou da necrose. Alguma ideia porque terá falecido?

- Nenhuma. É apenas mais um mistério para resolvermos...

- Sim. Um mistério, de facto. – Maddox observara sub-repticiamente as reacções de Zed e não pudera deixar de notar um certo ar de alívio. Doravante teria de ter muito cuidado. O seu único aliado a bordo daquela nave estava lá em baixo, envolto numa carapaça pseudo-metálica, e não mais lhe poderia prestar auxílio.

- Zed... por muito mal que as coisas tenham corrido, não vejo como teríamos vindo parar aqui numa viagem de rotina a Ceres. Ou me contas a verdade ou não há Lyvette para ninguém... tu não a podes fazer sem mim.

- Tinhas que perguntar, não é lindinha? Pois bem, não era a Ceres que nos dirigíamos. Para te dizer a verdade, vim no encalço do teu pai.

Thanatos? Que teria ele a ver com isto? - Interrogou-se Maddox.

- Zed, o meu pai desapareceu no espaço há uma década. Achas que o conseguirias encontrar passado tanto tempo?

- Humm, expliquei-me mal... Não vinha à procura dele, vinha na mesma rota à procura do mesmo que ele. Foi por isso que fiz o acordo com o teu tio... só ele tinha a informação que eu queria.

- E era por isso que o querias ver morto? – Atirou Maddox.

- Hein? Eu? Deves estar a fazer confusão, lindinha.

Maddox ignorou a provocação e olhou para Zed de soslaio. Ela lembrava-se bem da cara que Zed fizera quando lhe dera a notícia da morte de Hypnus. E por falar nisso... uma ideia ocorreu-lhe à mente, mas por algum motivo achou melhor não a revelar a Zed.

- Vou fazer de conta que acredito... mas exijo saber do que viemos à procura.

Encolhendo os ombros, Zed suspirou. Garota teimosa... era verdade que sem ela não conseguiria fazer a Manobra de Lyvette: em todos os casos bem sucedidos tinham sido precisos dois elementos para a levar a cabo. Decidiu contar-lhe a verdade.

- Há 10 anos atrás, o teu pai partiu em pesquisa. Oficialmente, dirigia-se a Titã, mas o plano de voo não era bem esse. Sendo uma pessoa influenciada pelas ideias da tua avó, sempre acreditou numa Entidade Superior que regesse o Universo, embora rejeitasse a ideia de Deus ou Deuses quer vingadores quer carinhosos para os humanos. Foi ridicularizado por muita gente, mas continuou firme nas suas convicções e nunca se inibiu de falar nelas e pes-

quisar tudo o que pôde sobre relatos de “Encontros Imediatos com o Divino”. Suspeitou da existência de algo ou alguém real, por trás de todos os relatos que não foram dados como falsos... e decidiu partir em busca disso. Tudo apontava para um local onde as leis da física não existem e a causalidade é violada. As coordenadas do último registo de presença dele no espaço não são longe daqui, segundo Hypnus...

- Dizes tu que foi ele quem te deu essas coordenadas?

- Bem... dar, não deu... eu saquei-lhe essa informação quando negociámos o nosso humm, “acordo”.

Zed não parecia interessado em partilhar com ela as razões que o teriam levado a ele, pessoalmente, a seguir o mesmo trilho do pai. Maddox voltou a insistir:

- E tu, Zed, vieste porquê?

- Ora, lindinha, isso devia ser óbvio... para já, tenho uma duração de vida muito superior a qualquer humano 100% orgânico, e já fiz tanta coisa na vida que poucas constituem hoje em dia um desafio para mim. E depois... tenho uma curiosidade louca em saber o que Thanatos descobriu. Para além do facto de querer tentar sacar a recompensa por informações sobre o seu paradeiro que a tua mãezinha ofereceu...

Ela olhou para Zed com um misto de ódio e desprezo. Créditos, sempre a pensar em créditos. Mesmo quando parecia pensar em algo mais transcendente, a mente daquele que já nem podia considerar homem, continuava virada para o lucro.

Concentrou-se em obter os dados indispensáveis para tentar a Manobra de Lyvette. Estava decidida a ser um dos dez a conseguir.

V I

Com os dados à sua frente, Maddox fez alguns cálculos rápidos.

- Zed... vai ser à tangente. Queres mesmo arriscar?

- Temos alguma coisa a perder?

Ela não respondeu. Abriu o modo de programação e inseriu algumas linhas de código na interface navegacional. Agarrou os comandos manuais semelhantes aos arcaicos *joysticks* de computador que figuravam nos museus.

- Estás pronto? – Inconscientemente, assumira o comando.

- Quando quiseres, lindinha.

Com a mão direita, ela carregou a rotina no computador de bordo e iniciou o processamento.

Os motores aqueceram subitamente, famintos de plasma.

Não tinha dito nada a Zed, mas ia tentar voltar para trás.

Levou o motor principal ao máximo do rendimento antes de iniciar a manobra.

- AGORA! – Gritou.

Zed tinha igualmente agarrado os comandos manuais e parecia agora formar uma entidade única com a cadeira de comandante, as mãos crispadas nos comandos de potência e os lábios contraídos num ricto de esforço.

A aceleração colou Maddox à cadeira, e foi com esforço que ela disse:

- N-n-não la-la-laarr-g-g-gues-s-s os c-c-com-mman-d-doossss, tēmmm que es-t-t-aaarr no m-m-âx-x-i-mmmooo!

Ela própria agarrava os comandos de direcção, levando a nave a um ponto determinado à sua frente, antes de iniciar a inflexão que esperava os levasse de volta ao ponto de entrada no hiperespaço.

Os olhos picavam-lhe com o esforço de os manter abertos, fixos no painel, aguardando que o programa lhe informasse que tinha chegado ao ponto de viragem.

- Desliga os motores! – Gritou para Zed.

Quando as coordenadas piscaram à sua frente, torceu os comandos no que em terra seria uma viragem à esquerda capaz de fazer um veículo capotar. A *Regresso às Estrelas* gemeu com o esforço, o metal envelhecido ameaçando desintegrar-se.

Maddox sentia o suor escorrer pela face como uma catarata. Não podia falhar! Não podia!

- Liga os motores outra vez... AGORA!

Num último esforço, os motores quase exauridos voltaram a acender-se, dando o impulso final na direcção que ela determinara.

Por fim, as coordenadas que não paravam de correr à sua frente como insectos endoidecidos mostraram-lhe os números que queria.

Soltou a mão direita e terminou abruptamente o programa. Os tanques estavam completamente vazios, a nave estava à deriva... mas estava onde ela pretendia que estivesse.

Sentiu o corpo amolecer, como se a energia quase sobre-humana que fora obrigada a invocar se esvaísse subitamente.

A seu lado, Zed tremia. O seu corpo não tinha sido preparado para aguentar tal tensão, embora as peças tivessem o selo de garantia de Taywan II, o planeta que era o maior centro de produção de componentes miniaturizados.

O som da voz fê-los dar um grito.

- Mas que raios se passa aqui? Estou farto de dar tombos!

Voltaram-se ao mesmo tempo para o poço de passagem e, completamente perplexos, viram a cabeça de Hypnus surgir rente ao chão. Tinha o aspecto saudável, isto é tão saudável quanto seria de esperar em alguém com mais de sessenta anos e com o seu gosto pelo bom vinho, como quando iniciaram a fatídica viagem.

V I I

Branca, Maddox gaguejou. – Tu... tu estavas... – Não terminou a frase. Algo de estranho se deveria ter passado.

- Como te sentes, tio?

- Parece que dormi cem anos... a boca sabe-me a papel de música.

Acompanhou o tio ao scanner do 3º posto, levando-o deliberadamente para longe de Zed, e ligou o modo de diagnóstico. Mas segundo as leituras, o tio continuava morto e bem morto.

O seu intelecto brutalmente aumentado dizia-lhe que não era possível, e afirmava que não estava louca. Tinha que haver outra explicação. Deixou uma parte do cérebro a trabalhar no assunto e voltou para o seu posto, fazendo uma última verificação aos dados do computador. Tudo parecia estar a funcionar no mínimo. Aquela manobra gastara quase toda a energia da nave.

Levantou-se e voltou para junto de Hypnus. Como suspeitara, os dados do scanner continuavam todos a dar negativo. Aquele corpo não poderia estar vivo.

- Tu não és o Hypnus. – As palavras saíram-lhe sem dar por isso.

Hypnus deu uma risadinha sarcástica.

- Só tu darias por isso, minha querida. Realmente, não sou o teu tio. Utilizei este corpo como avatar para me introduzir aqui e ver as vossas reacções.

- Foi à tua procura que o meu pai partiu?

- Acho que sim... e encontrou-me. Creio apenas que não sou aquilo que ele pensava encontrar. Para um humano, colocou-me algumas questões pertinentes, mas depois não gostou das respostas. Ainda esteve comigo algum tempo... mas depois quis partir. Só que eu não podia deixá-lo ir embora com as respostas.

- Mataste-o?

- Não. Poderia tê-lo feito, mas não. Na realidade ainda não decidi o que fazer com ele. Queria ver-vos primeiro... em toda a existência deste Universo, foram muito poucos os que conseguiram chegar até mim.

- Isso não faz sentido... não és um ser onnipotente e onnisciente?

- Maddox, fazia melhor ideia do teu intelecto. Achas mesmo que não tenho mais nada que fazer do que andar a controlar todo e qualquer acontecimento, todas as vossas ínfimas acções? Foi para isso que inventei a Física, Pi, os números primos, o princípio da causalidade, o livre arbítrio que vos decidi dar. Deixei-vos sozinhos a ver como se safavam; como calculei, primeiro inventaram um Deus criador, depois uma montanha deles, depois vieram os que renegaram totalmente essas ideias... nada que não tivesse acontecido antes noutras paragens.

O cérebro de Maddox funcionava a anos-luz por segundo.

- É verdade que existem então outros universos?

- Para onde pensas que desapareceram tantas naves? Nem todas foram destruídas... Eu criei os buracos-de-verme para vos facilitar a vida, mas há sempre algum engraçadinho que tenta alterar as manobras a meio do percurso... a partir daí, se entram num universo que não é da minha competência, já não é nada comigo. Já tenho tanto que fazer com os meus...

- Não passas então de um deus-aprendiz, crias-nos e depois não te interessas pela nossa sorte.

- Eu dei-vos a inteligência e o livre arbítrio. Que mais querias que fizesse? Outros como eu criaram universos onde os minerais pensam e as plantas andam, depois ficam a ver a sua evolução muito quietinhos. Eu fiz-vos com vida curta e inteligência capaz de se desenvolver e aprender. O mesmo que vocês tentaram fazer, primeiro com os computadores e depois com as IA. Quem é então o aprendiz?

V I I I

Zed surgiu atrás dela de repente, empunhando uma arma. Maddox virou-se, e calculou que com um golpe bem aplicado conseguiria fazê-la saltar antes que ela disparasse. Mas queria primeiro ouvir o que Zed tinha a dizer.

- Com que então és tu... eu bem sabia que os microfones escondidos haveriam de revelar a sua utilidade. – O riso mesquinho distorcia-lhe as feições.

- Sabes que não adianta nada usares uma arma contra mim, não sabes? Posso com a maior facilidade abandonar este corpo e passar para outro, até para o teu... queres ver?

Num instante, o corpo de Hypnus caía no chão e nos olhos de Zed via-se uma expressão de horror. Após poucos segundos, Hypnus levantou-se... mas a expressão de loucura permanecia em Zed.

- Que lhe aconteceu? – Perguntou Maddox.

- Nada que não tenha acontecido antes a outros humanos. Quiseram saber como era ser eu... mas a vossa biologia, o vosso cérebro não permite abarcar a totalidade sobre mim. Foram dados como clinicamente loucos. Houve exceções, mas os outros também não os levaram a sério. Chamaram-lhes doidos, visionários, profetas...

- Nem sei como te chamar... Deus, Criador, o quê?

- Chama o que quiseres, é-me indiferente.

- E que vais fazer de nós agora?

- Bem... o teu pai merece viver, esforçou-se para chegar até mim e veio com uma atitude positiva. Deves calcular no entanto que não o posso enviar de volta para Utopia V... outros poderiam ter a mesma ideia que o teu amigo ali. Acho até que vou reanimar o irmão para lhe fazer companhia... não vai ter muito com quem falar. Quanto a ti... tenho uma proposta para te fazer.



Maddox ouviu em silêncio. Ele estava farto daquele universo, já tinha canalizado matéria suficiente através dos buracos negros para outro ao lado e queria começar um novo projecto. Mas aquele também fora criação sua, não podia deixá-lo abandonado sem um Guardião, a menos que ela aceitasse... seria capaz de viver sem um corpo? Eón após eón de vigilância perene?

Era um dilema. Sabia que nunca poderia rever os seus entes queridos, ele não o permitiria. Aguentaria voltar para junto de outros humanos e ser dada como louca? Poderiam até colocá-la em estase como por vezes faziam com os considerados incuráveis.

Mesmo que isso não acontecesse, sabia que se sentiria para sempre distante dos outros humanos. Estaria para sempre só.

EPÍLOGO

Relatório da Nave-Patrolha *Pioneiro*:

Encontrada nave Regresso às Estrelas perto do ponto de salto para o hiperespaço. Dois tripulantes desaparecidos, um morto. Causa de morte do tripulante não identificável.

Observações: O tripulante morto é uma mulher jovem. Foi encontrada numa cápsula de estase, e não foi identificada a causa de morte. Dados bio-fisiológicos indicam tratar-se de Maddox Arhenes-Tuup, finalista de Astronavegação da Academia Espacial de Utopia V do ano de 3752.

Fim de relatório.

Nota do capitão: Estranho, nunca tinha visto nada assim... não sabemos do que morreu, mas parece que ela soube, e morreu feliz. Tanta serenidade naquele rosto... parece ter visto algo divino.



[Vista da Via Láctea; Voz Off]

Eu sou o Guardião.

Em tempos fui uma mulher inteligente e orgulhosa. Em tempos fui humana.

Sei que o Outro fez o que achou melhor. Quis apenas dar a minha ideia sobre o destino a dar aos humanos que conheci, e o Outro aceitou.

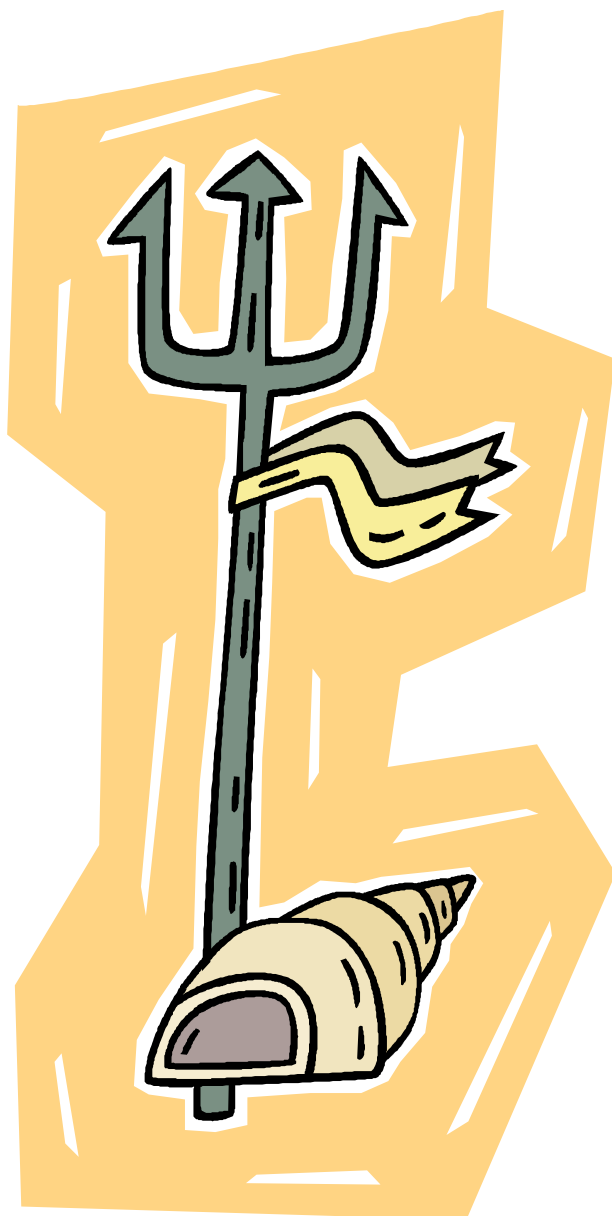
Zed foi colocado na Terra, numa zona conhecida como América Central antes de desaparecer sob as águas. Vi-o há pouco tempo; persuadiu os outros humanos, mais primitivos, a fazer pirâmides e a observar cuidadosamente o céu. Ensinou-os a fazer um calendário astronómico.

Quanto a Thanatos e Hypnus... foram levados juntos para a antiga Europa, para uma outra época, mais primitiva ainda.

Antes de me despedir deles, disse-lhes que ajudassem os humanos no que pudessem sem nunca revelar a verdade sobre o criador deste universo. Optaram por ajudá-los com o Sonho, o Esquecimento e a Morte. Creio que os humanos os tomaram por deuses...

O Outro aconselhou-me a ler a ficção científica dos humanos. Há-de me servir de divertimento, e também para identificar as mentes suficientemente curiosas e inovadoras que um dia talvez venham à minha procura.

Com o tempo, talvez um dia possa escolher um sucessor, e eu possa tentar criar um universo à minha medida. Não sei, ainda tenho muito a aprender sobre este. ■



Wilton Pacheco nasceu em 1970 em Curitiba. Formado na Escola de Belas Artes do Paraná, trabalha como artista plástico. Executa desenho de interiores, esculpe, pinta, executa programação visual, dá aulas de perspectiva, aulas de programação visual digital, e por vezes elabora uma ou outra webpage além de criar banda desenhada. O seu desejo é realizar cinema. Pai de um filho com oito anos. Anda muito de bicicleta, evita o transporte urbano e mantém-se ecologista. Odeia a prepotência da polícia e revolta-se com a exclusão social, seja qual for.

Nas Nuvens

Wilton Pacheco

Quero pedir demissão, queimar os meus diplomas e fugir para a Antártida no Inverno. Sei que isto não é muito original, não quero que seja.

Às vezes uso de palavras ásperas em minhas definições mas nunca faço isso quando estou no ar, quando 687 mil ouvintes esperam que eu revele uma fórmula mágica para o pensar e o viver. O nível de audiência cairia assim que eu revelasse ao público o quanto é difícil pensar.

Mas eu vou revelar o quanto é *difícil* pensar. O ser humano tem medo de formar o seu próprio conceito de vida porque tem medo de errar. Muitas vezes, de forma receosa, se voltam a conceitos prontos de uma nova filosofia ou religião, como se a coletividade fosse um meio de proteção contra o engano: “Se eu estou errado, ao menos não estou sozinho”.

Devemos *destruir* as opiniões e as tradições que nos foram dadas como verdade, fragmentá-las e de seus pedaços arrancar a verdade que é para si coerente e compreensível, não reconhecendo nada que não seja inteligível, e fazer isso de forma pessoal, sem o auxílio de algum mestre ou guia.

Apesar da elite de pensadores ser isolada e inatingível, essa mesma elite influencia a massa de maneira indireta, assim como Aristóteles e Platão perante a igreja ou Immanuel Kant, J.G. Ficht, Schelling e Hegel sobre a Alemanha nas guerras de libertação e sobre seus líderes políticos e militares, seus poetas e educadores.

A filosofia se dissolveu durante um breve intervalo na história com o Positivismo e o Estruturalismo, a teoria do conhecimento e da experiência.

Nas últimas décadas compreendeu-se que a filosofia não é uma simples serva da ciência ou da religião, e com isso, modificou-se profundamente no que se diz respeito a seus novos objetivos. Para alguns, lhes sobraram apenas a lingüística, para outros ela traçou caminhos rígidos para alcançar os chamados problemas metafísicos.

Quando a ciência não me é suficiente e não quero recorrer a religião, só ela que me resta.

Fragmento de uma carta para Émile Dumont, não datada e nem assinada.

PRÓLOGO

Quid ad haec respondeat editor ipsius libelli

Cantuária. Sto. Anselmo; Proslógio; Resposta de Anselmo a Gaunilo; nota do tradutor Angelo Ricci, pg. 135; 1º “Quid ad haec respondeat editor ipsius libelli” edição; maio 1973; Abril S.A.. Cultural e Industrial, São Paulo.

De um barão e amigo da antiga Moldavia ouvi certa vez que ele gastaria até a última moeda de sua imensa fortuna para viver junto aos demônios selenitas: “Talvez os demônios de lá sejam melhores que os de cá”, completou. O sobrenatural nunca o assustou, acreditava que somente seus inimigos poderiam lhe fazer mal, e a eles que se referia quando falava de demônios. Isto faz tempo, tanto que seu nome se perdeu nas espumas do mar.

Está marcado no meu ser a morte violenta que sofreu no dia seguinte. Era uma época de sangue, diferente de outras épocas de sangue esta não poupava ninguém, fosse nobre, clérigo, ou serviçal. Mesmo acostumado com os acontecimentos fiquei abalado, como parte de mim estivesse preservado da violência gratuita. Algo maior me contrariava, não era o assassinato de crianças ou a profanação de virgens, mas a arrogância dos mentirosos. Fugiu do meio profanado pela ganância que não desejo contar.

Chorei amargurado por não conseguir caminhar sobre a hipocrisia me mantendo intacto.

Pensava em como me livrar desta mísera existência, assim, às cegas caminhei pela maré alta nas areias sangrentas. Conchas, algas e restos de carne humana. Pensei que se ali fosse o meu fim, faria parte de uma indecifrável coletânea de ossos, testemunhos de uma mortandade sem fim. Foi neste suspiro de hesitação que tive a primeira visão daquela que mudaria o rumo da minha vida. Os últimos raios lunares da manhã me revelaram uma camponesa, que pelos cabelos negros deduzi ser estrangeira. Caída, inerte e respirando com dificuldade. Poderia passar-me despercebida junto a outros corpos em estado deplorável, mas meus pensamentos de hesitação tornaram-me mais atento à existência de uma flor no meio da plantação pútrida.

Tentei ajudá-la, levei-a a uma cabana abandonada e fiz tudo o que meu conhecimento e minhas possibilidades permitiam, ou seja, dei-lhe água e lhe fiz uma oração. Nem bem o sol despontou e a pequena sucumbiu perante a inanição, à fadiga e, acredito atualmente, à pneumonia.

Moldava, a vila que ficava próxima à atual Helsinki, queimou até que seu nome ficasse somente nos meus suspiros. Mesmo que tenha se incendiado das páginas da história, desses acontecimentos retive na memória a proposição do barão e as feições da jovem.

Não bastariam as riquezas de meu amigo para uma alunissagem mas, também, um conjunto de homens argutos empenhados neste objetivo, e o tempo. Enquanto a fina areia corria na ampulheta para atingir o derradeiro e inevitável final, fui muito além da Moldava, Lua ou asteróides que formam um cinturão em busca de uma camponesa que não sabia o nome até este momento.

Eu ainda não consegui a resposta, se segui este caminho por capricho do destino ou por mero flutuar nas brumas das ondas do acaso. Talvez tenha usado da ignorância para me proteger de minha falta de argumentos e assim dar continuidade a minha existência ou, como Peter Pan, não quisesse amadurecer o suficiente para compreender o motivo de minha busca.

Estamos prestes a morrer. Talvez estas linhas queimem conosco, e as próximas páginas também. Mas como nos restam bastante tempo e nada podemos fazer, escrevo com a esperança de que alguém encontre estes escritos sobre nossas carcaças, é como uma defesa no meu julgamento na Terra e quem sabe, uma confissão para o Julgamento Final.

CAPÍTULO I

FRAGILIDADE

Espeto o meu dedo e o vejo tingir-se de vermelho. Uma cor trágica que me lembra a fatalidade da condição humana, a de ser mortal.

Felizmente não é a tinta com que escrevo, tenho outros artificios que não tinha o mestre do Conde de Monte Cristo.

O líquido pastoso e denso, que ao secar entinta o polegar de forma grudenta, faz-me lembrar do acidente que aconteceu. O primeiro de uma série de acontecimentos inusitados que conto nesta espécie de confissão. Há muito do que falar antes disso, mas creio que não haverá tempo, e Gaunilo é mais capacitado do que eu para escrever qualquer coisa que preceda a este breve relato.

Havíamos conseguir passar pelo Cinturão de Asteróides sem que houvesse problemas, ou quase, um dano na placa de alimentação EN 49 levou-nos, eu e o coronel, a entrarmos em nossos trajes espaciais para substituir a gaveta onde estava a placa. É difícil se acostumar a essas saídas no espaço, com os pés sobre o nada e o medo de nos perder do navio. Estarmos acompanhado de alguém é sempre uma segurança e um conforto, antônimo de uma solidão inigualável do espaço.

Ao longo do casco víamos uma série de microcrateras, ocasionadas por milhões de partículas de poeira de algum planeta que nunca se formou, mas nenhuma havia atravessado a couraça protetora que protegia os órgãos vitais da *Visitante*, essa nau interplanetária que me levava a um encontro marcado com o meu destino.

Após um rápido exame do casco Ronald começou a soldar um cabo de cobre que não lembro de ter alguma função de importância, meu objetivo prático era supervisioná-lo.

Girou o corpo soltando a solda e reclamando de uma picada. Não chegaram a se passar três segundos quando vi filetes de sangue dos dois lados de sua coxa direita. Vaporizavam por causa da pressão zero e cristalizavam logo a seguir pela baixíssima temperatura do espaço.

Pense como o tempo é elástico, o que aconteceu em questão de segundos visualizo com detalhes e em câmara lenta.

Porém, a vítima só percebeu o que estava acontecendo quando de supetão comecei a puxá-lo para dentro.

No sétimo segundo estávamos no compartimento de pressurização. Ele inconsciente pela perda de sangue e eu me perguntando o que fazíamos tão longe de casa sendo tão frágeis.

A resposta é fácil, o homem nunca teve casa, sempre foi nômade, forasteiro de sua própria terra. Nos movemos pelo universo do qual fazemos parte, se fosse diferente seríamos como as árvores.

Como existe sangue congelado de cada um de nós o coronel logo se restabeleceu após a transfusão. Sua perna havia sido perfurada por um microasteróide de 0,8 mm, tão pequeno que não causaria tanto alarde, mas ele estava no vácuo absoluto, onde qualquer pequeno acidente pode ser fatal. Se eu tivesse me demorado o minúsculo furo aumentaria e o que aconteceria a seguir não é meu interesse contar.

O espaço que navegávamos naquele momento estava atulhado de poeira estelar, uma partícula por quilometro quadrado a mais de 50 mil quilômetros horários em relação a nós, mesmo assim a chance daquele acidente acontecer era de um em mil.

Casualidades como estas me mantêm vivo, mexem comigo, cada segundo futuro é deliciosamente imprevisível.

Talvez por isso, por essa imprevisibilidade que me ateno a escrever estas poucas páginas, não mais que umas cinco, o risco de me expor é grande e não quero me arriscar.

FORMAÇÃO CAÓTICA

O acontecimento serviu para nos avisar o quanto estávamos estressados, precisávamos parar com tudo para refletir, conversar sobre a missão, pois há muito tempo o objetivo da viagem tinha deixado de ser uma mera substituição de pessoas da Estação *Primavera* e o seu reabastecimento.

Quando havíamos partido da Terra, há dois anos na nave *Visitante*, tínhamos como missão substituir alguns cientistas que exploravam o sistema de Júpiter e levar alimento, ar e água para o reabastecimento da Estação em órbita deste planeta.

Acredito que parte da missão já estava fadada ao fracasso, pois não há como substituir “cientistas”.

Estes seres humanos que vestem esta roupagem de homens de ciência são, na verdade, fazedores de ciência. Mas esta culinária é muito abrangente, veja o caso do Dr. Chamberlein, um dos residentes da Estação, ele é doutor em Psicologia Integrada, nenhum de nós poderia substituí-lo.

Ele é uma sumidade em psicoquímica, insuperável em sua área, com um conhecimento muito superior sobre as drogas artificiais ao do doutor Bryan, o nosso clínico geral, e evidentemente ao do meu, afinal, sou contra a intervenção por meio dos psicoquímicos artificiais e de grande parte dos homeopáticos alterados geneticamente.

Nem eu, nem o australiano estaríamos capacitados de continuar os estudos de Chamberlein da variação química e efeitos colaterais da alimentação produzida na Estação *Primavera*. Iniciaríamos algum trabalho que pouco, na realidade nada teria a ver com a psicoquímica, ou se tivesse, seria outro caminho com outro objetivo.

Talvez o professor Peter Kraminsky tivesse interesse em dar continuidade no trabalho de Iliochi Tikhov, mas será que este se interessaria em passar seus estudos para um colega estando tão perto de alguma conclusão interessante?! Acredito que não, mas posso estar errado, cientistas, por vezes, são imprevisíveis.

Conheci Tikhov numa convenção em São Petersburgo, o que me surpreendeu nele não foi sua genialidade, mas como era fanático.

No caso de Ronald seria uma questão meramente militar, tomaria o lugar da tenente Waleria Krueger, coisa que para a ciência faria pouca diferença... mesmo que o coronel seja meu amigo eu sei que militares são sempre militares, pois foram intensamente treinados para agir como tal.

Atualmente os soldados são uma espécie em extinção, e por isso, como os samurais foram, são agarrados a uma tradição arcaica. As guerras ainda são feitas por homens de negócio, mas quem veste a farda são políticos e engenheiros.

Não podemos dizer que todas as quatro estações espaciais espalhadas pelo Sistema Solar são auto-suficientes, nenhum sistema é perfeito. O Universo é regido pelo caos que só atingirá

o equilíbrio no seu fim. Talvez a soma de *todos* os fenômenos resulte numa identidade zero, mas não é o caso de um infinitesimal sistema isolado.

Existem perdas que são difíceis, para não dizer impossíveis, de ser contidas. Quando alguém sai da Estação para algum conserto extraveicular uma réstia de oxigênio ou umidade se volatiliza no espaço. A matéria inorgânica, orgânica e até a sanidade aos poucos escorre pelos nossos dedos expandindo pelo Cosmos.

Durante a nossa viagem recebemos informações de que os primaveranos estavam captando transmissões por demais estranhas vindas do centro da Grande Mancha, transmissões que poderiam ter repercussões políticas e sociais na humanidade. E até aquele momento não tínhamos tido tempo para compartilhar nossas dúvidas e opiniões.

Transcrevo a conversa resultante dessas temeridades.

- Se a União Oriental tivesse realmente construído uma base além dos Cinturões dos Asteróides por que fariam à surdina?! Isto não é procurar pulga em rabo de rato?

- Concordo com o Dr. Bryan que é besteira pensar em espões no além, vão espionar e fazer segredo do que Êmile?

Como sempre Bryan e Kraminsky tentavam me encurralar: - Algo que tenham descoberto! – Respondi.

- Um monólito negro – O coronel riu ao dizer isso e continuou, austero e mantendo o seu papel de dono da verdade: – Qualquer mensagem aleatória vinda de Júpiter não significa que exista vida. Poderia ser algum fenômeno físico, uma máquina criada ao acaso como um micro-quasar ou uma estrela de neutrons, já houve casos em que confundimos sinais rítmicos como prova de vida inteligente.

- A humanidade é uma coletânea de máquinas criadas ao acaso coronel Ronald. - Repliquei, e em voz baixa completei que não havia medida para os seres vivos.

- Um mero acaso! Se quiser chamar assim...

- Oras Bryan, um “mero” por demais maravilhoso para eu discordar do físico Isaac Newton de que não haja uma Ordem Divina como causa de toda esta organização física.

- Oh, oh seu barbudo matreiro, Ordem Divina, organização física, talvez seja burro suficiente para formar uma nova religião com Ordem Divina como tema.

- Ninguém cria uma nova religião doutor, trocam palavras para dizer a mesma coisa.

Os outros dois americanos, Andrews e Jack, não expressavam suas opiniões, conversavam em particular, creio até que suas conversas versavam outros assuntos, lembro-me de ter ficado curioso, e depois vexado.

Ter dois americanos numa nave da Organização Ocidental fugia do acordo da Federação, mais de 80% da tripulação tinha origem anglo-saxônica, pois Ronald era inglês e Bryan australiano. Quando a comissão percebeu não havia mais tempo para redefinir a tripulação, Peter Kraminsky era polonês e eu, supostamente francês, mas isto contarei mais adiante, se eu sobreviver.

Naquele momento me afundei em outros pensamentos. Quais eram as minhas razões pessoais de empreender uma viagem tão longa?! Já iniciei tantos textos, inacabados como este, de outras viagens, outras histórias. Queimei a todos para não reuni-los numa coletânea sem unidade. Fiz isto também porque não desejava deixar os rastros de minha existência.

Pensei que talvez aquela fosse minha busca definitiva para atingir a totalidade existencial. Triste engano, cada objetivo atingido é seguido de novos horizontes, e a busca só termina quando deixamos de ser, de estar presente no mundo.

Pensava ou deixava correr o pensar, foi quando Andrews pousou suas mãos sobre meu ombro e disse:

- Vida é uma explicação razoável para os sinais de rádios não aleatórios, assim como as alterações de Sheley no centro da Grande Mancha. Talvez esta seja uma prova máxima de que nós surgimos duma formação caótica com um resultado não linear satisfatório de forma espontânea, e não de longos anos de tentativa e erro obedecendo a uma regra determinista da lei do mais apto como estabelece a evolução darwiniana, pois se realmente existir vida inteligente no centro da Grande Mancha obviamente não surgiu após milhares de anos de evolução, afinal uma atmosfera instável como a de Júpiter não daria este tempo todo para a formação de uma entidade intelectual.

O americano achava-me um trapaceiro, estranhei que dissesse em viva voz que concorria comigo, talvez como desculpa ou lembrando meu trabalho sobre a influência das alterações de Sheley na psique humana. Era um trabalho limitado de uma mente restrita de uma época que tinha poucas possibilidades de comprovação além das simulações por computador. Pensava que teria oportunidade de verificar esta influência na Estação *Primavera*.

Ronald não só franziu a testa como pôs a mão nos seus esparsos cabelos brancos resmungando: - Senhor, livrai-me desses fanáticos cientistas de assuntos sem nexos nem finalidade. A pluralidade de vida em nosso mundo possui uma chave unificadora, é uma coisa única no universo, foi descoberta por volta de 1950 a base de todos os espécimes terrestres pelos americanos James Watson e Francis Crick, o DNA, é incrível que a modificação deste código pode definir de todas as espécies conhecidas, podemos definir assim vida como qualquer ser que possua reprodutibilidade com alguma espécie de código genético, assim um robô, por exemplo, não teria vida.

Num passe de mágica uma caneta surge entre os dedos do australiano que responde ao coronel:

- Isto é “forçar a barra, cara”; computadores foram a princípio programados com códigos binários assim como nós somos com os códigos genéticos, um robô pode muito bem desempenhar a reprodutibilidade ao ser programado para construir outro robô com um programa para a construção de um semelhante e assim por diante. Como disse Lessing, em *Nathan der Weise*: “So lad ich über tausend tausend Jahre Sie wieder hier.”

- Mas faria isso de forma linear. Mesmo assim o robô é fruto de nossa própria existência...

Andrews se animava com o rumo da conversa:

- Oras, algo só não é linear quando não conseguimos compreender as fronteiras do determinismo de regras bem definidas, como a biodiversidade da floresta amazônica, nenhum engenheiro florestal conseguiria calcular de forma eficaz o perímetro ocupado, espécie e disposição de cada árvore em 1 km² porém o crescimento ao acaso faz aquela formação caótica ser organizadamente satisfatório, a auto-organização não é linear, mas seu fim é um conjunto organizado e selecionado para a sobrevivência, caso haja interferência do ser humano isto não

significa que determinado ser tenha começado de forma linear e por isso não seja vida, a própria ação humana faz parte do jogo aleatório da evolução.

- E o computador seria uma continuidade aleatória... ah, como diria Bryan, vão catar coquinho! – E o coronel se retirou dizendo que tinha coisas mais importantes para fazer.

RESPONDA PRIMAVERA

Eu estava afastado de todos na extensão de uma espécie de braço mecânico de quatro junções que se elevava da frente em forma de disco da *Visitante*, na extremidade onde assentava uma aranha mecânica que suportava apenas uma pessoa.

Para chegar neste veículo percorri um túnel de 150 metros, coisa fácil quando não há gravidade. De qualquer forma tal apêndice foi um capricho dos engenheiros cuja função de braço com veículo de manutenção é duvidosa quanto à eficiência, mas a visão panorâmica é excelente e o isolamento é total, ótimo para relaxar ou enlouquecer qualquer um que resolva ficar incomunicável por um par de horas meio às estrelas.

A loucura já havia me atingido há muito tempo, não havia como eu pegar uma doença que já fazia parte do meu ser.

O silêncio e o infinito não me esvaziavam, ao contrário, preenchiam-me de dúvidas.

A aranha é uma esfera de três metros de diâmetro com quatro braços mecânicos no hemisfério inferior e uma cúpula transparente de 17 faces. Ela pode se tornar independente da *Visitante* quando necessário. Possui suporte de vida para uma semana aproximadamente, por isso só serviria de módulo de salvamento se o socorro estivesse a apenas alguns milhares de quilômetros.

Pouco sabia sobre mim, isto por si só já me surpreendia.

O histórico da placa de alimentação dizia que eu era o inventor do circuito EN49, um multiprocessador retangular de 2 por 4 mm com 100 filamentos de três funções cada, pois usa os sentidos dos spins como positivo e negativo e a ausência deles como valor neutro, o princípio parece simples, até palpável, mas o que funciona na prática não encaixa totalmente na teoria, creio que não há qualquer engenheiro digital que possa explicar como o multiprocessador consegue desconsiderar o sentido de um determinado spin para se utilizar de outro, há várias lacunas, como havia na construção da primeira bomba atômica. Tento apagar o histórico da placa, mas meu conhecimento limitado de programação não permite fazer a alteração. Pura coincidência de nomes, alguém como eu nunca inventaria algo assim tão surpreendente; é como gostaria que continuassem pensando, pois se descobrissem cobrariam de mim uma habilidade que não tenho, não é um momento de genialidade que faz de um bom engenheiro um gênio, e nem engenheiro eu sou.

Em pouco tempo encontraríamos a Estação Orbital *Primavera*. Eu, naquele espaço confinado, tentava me comunicar com ela:

- *Visitante* chamando *Primavera*... resposta *Primavera*... *Visitante* chamando *Primavera*... *Visitante* chamando *Primavera*... - e ninguém respondeu. Direcionei três das quatro antenas, fiz varredura em outras frequências e a única coisa que consegui foi um *bip* constante de onde deveria estar a Estação. - *Visitante* chamando *Primavera*... - insisti por mais 15 minutos e depois puxei o teclado à minha frente e digitei o código vermelho 887.

Através dos alto-falantes minha voz ressoou por toda a nave:

- Perdemos contato com a *Primavera*, a Estação está lá mas nenhum dos 12 cientistas responde.

Passariam três dias antes de descobrirmos o que tinha acontecido.

TRÊS DIAS DEPOIS

Ainda não havíamos recebido resposta da *Primavera*, direcionamos nosso telescópio no ponto provável de sua órbita. Em pouco tempo deveria aparecer um ponto vermelho meio às milhares de estrelas que pontilhavam a objetiva e, num espaço de tempo relativamente curto, sua forma se mostraria ao observador mais arguto e assim saberíamos se ela estaria inteira.

Muita coisa poderia ter deixado nosso objetivo mudo, algum choque com algum outro corpo, uma explosão dos reatores, vazamento de gás letal, falha no sistema de refrigeração ou até um mero defeito na antena de comunicação.

Andrews repetia como um disco riscado do século passado: “*Visitante chamando Primavera*” e seus dedos o acompanhavam em código Morse, na mesma frequência em que eu havia ouvido o *bip* constante.

Comecei a programar o telescópio e o canhão laser que definiria a distância com precisão milimétrica. Foi quando Ronald me interrompeu dizendo que havia uma mensagem particular do coordenador geral da comissão.

Deixei o coronel no telescópio e fui ao computador.

Ah, meu amigo, suas palavras sempre me foram bem vindas. Segui o protocolo e comecei a ler:

Somente para o Dr. Émile Dumont:

Meu amigo Émile. Acredito que a causa do silêncio seja o nó da Estrela de Madeira.

Alguns dos conselheiros dinamarqueses, seus amigos, querem cortar as verbas da missão, pois acreditam que acabou o período de pesquisa e, afinal, já é hora de iniciar a exploração de elementos da segunda lua.

Corre um boato que a variação tonal de frequência sonora captada pela *Primavera* seja uma criação dos cientistas da Estação, um plano para continuarem mais tempo em seus trabalhos de pesquisa.

O Kung ch’ang tang também está pressionando o conselho para o uso da lua Europa. Isto se tornou uma corrida ao ouro e “celui qui hésite perd son gite”.

Estou contando com você para não perdemos tempo, sei que seu interesse é outro, mas esta é a oportunidade para pagar o favor que me deve.

Ah é, um velho amigo seu, o Vidente, está na Estação. Não sei como ele conseguiu e o que pretende, mas tome cuidado.

Gaunilo de Manaus



Mesmo agora ainda não sei quem é o Vidente, até o momento da mensagem imaginava que estivesse morto, mas se eu conseguira fazer esta viagem era lógico que ele haveria de ter me precedido e aguardaria ansioso com o nosso reencontro. Nunca compreendi como ele conseguia prever meus passos, por isso o chamava de Vidente, nunca consegui enganá-lo. Desviei a minha atenção da carta a tempo de ouvir o coronel dizer a Jack:

- Parece-me que a Estação está inteira... ei, o que é aquilo, vou direcionar o laser para obter a sua distância. - Os dedos do coronel percorriam o teclado dando orientações sobre o que desejava ao computador e enfim nos disse: - Está entre nós e a Estação porém bem mais próximo...

- Captei coronel, é um objeto que está em órbita elíptica em torno de Júpiter. O radar define uma forma cilíndrica de aproximadamente um metro e meio de diâmetro, não posso definir seu comprimento, pois neste momento aponta diretamente para nós sem rotacionar seu próprio eixo.

- Em 37 horas entraremos em sua trajetória e pela nossa velocidade em relação à deste objeto ser de 15 mil quilômetros horários colidiremos. Pelos dados que obtive há uma grande chance de ser um artefato metálico construído pelo homem. Está em órbita de elíptica excêntrica em torno de Júpiter, pela sua localização é quase certo que foi posicionado para nos interceptar...

Jack não esperou eu terminar, se impulsionou para a saída seguido pelo Andrews. O coronel franziu a testa como de costume e ordenou que eu monitorasse a excursão dos dois.

Sou meio devagar... acredito... pois só quando os vi no compartimento de despressurização com os trajes espaciais e os jatos individuais compreendi o que pretendiam.

Dois pontos brancos percorriam o espaço com a aceleração constante de 20 m/s^2 . Em um minuto, aproximadamente, estariam à velocidade de 300 km/h mais rápido que a *Visitante*.

Se não fosse a força aplicada sobre a inércia de seus corpos, no espaço, nunca perceberiam a velocidade que estavam desenvolvendo. Assim como nós não percebíamos que estávamos a uns 90 mil quilômetros horários pois as estrelas pareciam-nos fixas e não tínhamos uma aceleração contínua ou qualquer ponto de referência que nos dissesse: "Ei, você está se movendo". A impulsão concedia aos americanos a sensação inercial que lhes possibilitava tomar conhecimento da direção e a aceleração.

A trajetória e possíveis correções eu passava para seus jatos individuais pelo rádio via computador. Afinal, não bastaria ir direto até o artefato, mas entrar em sua órbita e, com contínuas correções, se aproximar do objeto quase à mesma velocidade que este até poder tocá-lo.

Quando chegassem ao projétil seria mais complicado, teriam que desviá-lo ou, na pior das hipóteses, acelerá-lo ajustando à nossa trajetória para interceptá-lo. Naquele momento imaginei que tal ação seria impossível, pois a velocidade relativa entre a nave e o objeto era quase de 15 mil quilômetros horários.

Após três horas conseguiram o contato visual com o projétil:

- É uma cápsula criogênica de hibernação com propulsores semelhantes aos que usamos preso por um conjunto de correia de fibras à sua volta. Há uma incrível ilogicidade neste veículo improvisado, pois qual a função dos jatos se não há quem possa usá-los?!

- Talvez para facilitar a aceleração, deve ter alguém no interior da cápsula Jack. Coronel, é possível calcular uma trajetória com a ajuda de mais dois propulsores para interceptá-lo?

Bryan não deu oportunidade para o coronel responder, estava entusiasmado pelo repentino problema de física. Aproximou-se do comunicador desnecessariamente, pois os dois excursionistas podiam nos ouvir perfeitamente:

- Faltariam massa e empuxo dos “cuspidores”. Pela semelhança aos dos nossos propulsores posso conseguir um empuxo aproximado, com algumas correções emitidas regularmente pelos computadores. Agora, para saber a massa da cápsula, basta você empurrá-lo com um jato de seu traje com fluxo constante, o deslocamento a partir do momento inercial nos dará dados suficientes para calcular a massa. Isto é como salvar baleias. De jeito maneira temos de freiar mais cedo para conseguirmos entrar na mesma órbita que aquela pílula gigante.

As analogias repletas de figuras de linguagens de Bryan às vezes me deixavam confuso, falar em cuspidores e baleias é apenas a superfície do seu linguajar.

- Isto vai nos atrasar, mas creio que estamos limitados pelas circunstâncias.

Obtidos os dados necessários o americano e o australiano se agarraram nas correias e, com uma extrema força física, puxaram a cápsula criogênica auxiliados por quatro propulsores para um contato mais suave com a *Visitante*. Da nave ouvíamos suas respirações ofegantes na tentativa de possivelmente salvar uma vida. Era força bruta associada à física de Kepler.

A *Visitante* havia ligado os seus motores com o objetivo de diminuir a diferença de velocidades. Seus possantes propulsores expulsavam matéria em direção aos dois astronautas. Estes, em pleno espaço, se viram envolvidos por flocos de neve vindo diretamente dos nossos foguetes. É claro que se estivessem mais próximo não estariam recebendo gelo, mas um material incandescente de mais de mil e quinhentos graus celsius.

Jack e Andrews faziam um par patético na dança espacial. Colocar quatrocentos quilogramas de massa cilíndrica em posição para conseguir passar pela porta da garagem sem danificar as laterais é um serviço complicado.

Alguns podem pensar que a falta de gravidade seria de grande ajuda, pois isto destituiria os objetos do fator peso, mas eles ainda tinham que lutar contra o momento inercial que, sem um ponto de apoio além dos propulsores, acreditem, é muito complicado.

Após algumas tentativas e erro o receptáculo foi fixado na garagem mesmo, pois ali tinha todos os recursos para a reanimação do possível passageiro.

Pressurizado o ambiente examinamos a cápsula. Uma armadura metálica em forma de casulo deixava-nos contemplar apenas o rosto do enviado.

Apesar de seu cabelo ter sido raspado (como todo seu corpo depilado, pois este é o protocolo para ser hibernado) consegui reconhecê-la. Não poderia ser diferente, conhecia cada detalhe de seu corpo.

AGRADÁVEL SURPRESA

O esforço havia valido a pena.
Quem estava no interior do veículo improvisado era Catarina Gonçales, apesar de tanto tempo ela me parecia linda como eu sempre imaginara.

Tanto tempo, era óbvio que não se lembraria de mim. De qualquer forma um pequeno detalhe técnico a impedira de ver a qualquer um de nós, ela estava hibernando e enquanto não chegássemos à *Primavera* não acordaria.

Cápsula criogênica é um receptáculo no qual nossas funções vitais são reduzidas ao mínimo fazendo com que o consumo de oxigênio seja pouco e que possamos fazer viagens longas sem grandes gastos e envelhecimentos por parte dos tripulantes. Elas possuem um computador interno que regula o fluxo contínuo de substâncias vitais.

No caso de Catarina sua cápsula criogênica possuía um computador que não conseguíamos acessar.

- Não será possível acordá-la antes de chegarmos à Estação, eles usam ainda os códigos binários, não conseguiremos entrar no sistema de sustentação vital da cápsula por incompatibilidade de programação.

- Acesse todos os códigos de acesso possíveis Andrews. Se conseguirmos nos comunicar com o computador da Estação através do nosso facilmente conseguiremos acessar este micro.

- Não é esse o caso Ronald, até a década passada a informática estava na era digital, utilizávamos artifícios de chaves analógicas que quando fechadas eram chamadas de um, e quando abertas eram zero, com combinações de oito bits que assumiam esses valores de zero ou um e que formavam o byte, assim obtíamos material suficiente para a programação.

- Oras Andrews, atualmente temos computadores mais avançados.

- Calma coronel, deixe-o concluir...

- Obrigado Bryan... o sistema funcionava, porém isto acumulava as centrais com vários CPUs em paralelo, com a finalidade de conseguir um processamento razoável de alguns gigahertz, ocupando muito espaço. O aquecimento era grande queimando os revestimentos de PVC e liberando ácido clorídrico, havia atenuações nos decibéis a ponto de, no conjunto, haver perda de informações.

- O que o som tem a ver com atenuações?

- Decibel é coeficiente de amortecimento coronel, e não unidade de intensidade sonora. As instalações eram frágeis, e por estes e outros motivos abandonamos os computadores digitais pelos quânticos. Depois de muita pesquisa na tentativa de se utilizar dos sentidos horários e anti-horários dos spins na tentativa de fazer um programa quântico binário mais veloz, descobrimos que o pouco que sabíamos das estruturas moleculares era menos que imaginávamos, os elétrons não cooperavam, ora comportavam como matéria, ora agiam como ondas, assim como acontece com a luz. As descobertas obtidas nesta tentativa frustrada nos possibilitou trabalhar com os cristais, isto mudou o fluxo de informação em pacotes para o fluxo contínuo de forma fotônica, ao invés de cobre usamos cabos de fibra ótica e, enfim, nos possibilitou a gravação tridimensional da informação conseguindo muita memória em menor espaço. Trocando em miúdos coronel, precisaríamos de uma espécie de conversor de computadores para acordar a espanhola.

- ... nós não temos um conversor, nem acredito que algum dia tenha sido inventado, e a especialidade invadir sistemas não é o de Andrews e sim o de Bryan. - Sussurrei enquanto sentia a gravidade temporária causada pelos motores da *Visitante*.

Tracei em minha mente o rosto de Catarina Gonçalves e me senti um adolescente, quando passei minha mão pelo rosto senti a barba comprida, para isso haveria tempo.

Talvez ali tenha começado a perceber o meu grande engano, tantos anos perdidos e distâncias percorridas atrás de alguém que pudesse preencher um vazio. Mas acho que ainda não é hora de revelações.

Gostaria de ter sido amigo do Erasmo de Rotterdam assim como o foi Thomas More. Talvez ele me ajudasse a compreender os fatos que vieram a seguir.

CAPÍTULO II

ABORDAGEM

A nave havia chegado nas proximidades da Estação e entrado na sua órbita. Havíamos ficado a 116 metros dela, todas as luzes da *Primavera* estavam ligadas e os sensores infravermelhos indicavam 12 pessoas no seu interior, o 13º estava com o Dr. Bryan, Gibson e Jack Feynmann. Mesmo com este contato visual não recebíamos nenhuma resposta.

Andrews, Peter, Ronald e eu vestimos os trajes e nos dispusemos com as únicas armas a bordo, pistolas de injeção com um composto narcótico feito as pressas pelo doutor.

Ao entregar a pistola de vacinação gracejou sobre minha face nua:

- Era uma vez o Barba Negra...

Saímos ao espaço para percorrer os cem metros que nos separavam do objetivo. A Estação era vista de cima e tive a sensação de estar caindo sobre uma gigantesca roda de bicicleta de dois quilômetros de diâmetro que girava constantemente. Nosso contato seria pelo centro onde a velocidade escalar é menor.

Existem quatro deste tipo de Estação: A Estação *Verão* que é a maior do quarteto e forma um triângulo equilátero com a Terra e a Lua estando a 384.400 km respectivamente destes dois corpos, este ponto orbital equilátero faz com que haja uma atração conjunta da Terra-Lua permitindo que qualquer corpo que esteja nele permaneça numa órbita estacionária no mesmo passo que a Lua, este ponto foi descoberto pelo astrônomo franco-italiano Joseph-Louis Lagrange em 1772.

Outra órbita o planeta Marte, chama-se *Outono*. Nela a substituição dos cientistas ocorre a cada quatro anos, serve como ponte para a Estação jupiteriana *Primavera*, é a menor e seus habitantes ficam continuamente visitando a superfície marciana para obter água dos pólos.

A terceira possui propulsores de correção orbital mais potentes, faz uma revolução elíptica sobre o sol a cada cinquenta anos ultrapassando em seu afélio a órbita de Plutão, ela não ultrapassou ainda a órbita de Saturno e muito menos completou uma revolução, a substituição de um astronauta na *Inverno* ocorre a cada 25 anos em média, o que também ainda não ocorreu.

Todas as Estações são auto-suficientes, podem permanecer por um século sem ser reabastecidas. A não ser que sejam danificadas em 50% de suas estruturas com perda de material podem ser restabelecidas com recursos próprios.

O coração das Estações reside no centro onde há o reciclamento, parte do laboratório, o gerador, os compartimentos de carga e descarga, central de comunicação e os propulsores de correção orbital. Mesmo assim elas são consideradas por muitos como uma forma de tortura humana que isola seres de seu meio.

Apesar de um século de explorações interplanetárias o conceito de homem do espaço ainda não foi compreendido, pessoas que não agüentariam viver em meio a uma sociedade movida pela barbárie, que não teriam o espírito de competitividade e a defesa contra os gananciosos encontraram proteção no vasto mundo oceânico ou no infinito onde poderiam trabalhar em paz, cientistas com este tipo de personalidade eram escolhidos para viver nestas estações.

Temíamos que a porta da câmara de pressurização estivesse trancada.

Não estava, entramos e iniciamos o ritual de pressurização. Assim que tirei o capacete senti um cheiro antigo, claro que é impossível, mas me lembrou a tabaco.

A porta que liga ao corredor começou a abrir e nos deparamos com todos os doze primaveranos.

LOUCURA

– **S**ejam bem vindo a bordo senhores, espero que tenham feito uma boa viagem, professor Kraminsky, o senhor muito nos honra e é um grande prazer revê-lo.

Peter balbuciou um tímido obrigado e nosso anfitrião continuou em seu tom monótono. - Como vocês já devem saber sou o médico de bordo, Otto Hammler, mas não percam tempo. Sigam-me! - Dr. Otto gesticulava bastante enquanto falava, talvez para compensar sua fala contínua e sem entusiasmo. Disfarcei um bocejo, vinte horas acordado e depois encontrar aquele zumbi falante não era fácil. – Peço que não tentem se comunicar com a *Visitante*, nos restringimos aos terminais espalhados pela “Prima”.

- Por que? – A testa franzida do coronel revelava a surpresa pela recepção de pouco entusiasmo.

- Estamos sendo vigiados e todos os nossos sinais monitorados, não sabemos exatamente por quem ou pelo que, logo entenderão.

Era a primeira voz feminina que escutei após dois anos de viagem, Waleria Krueger possuía cabelo ruivo e curto, procurava esconder as mãos, ela tremia, seus olhos pareciam procurar socorro no Dr. Otto, creio que esta insegurança não era muito comum a ela. Sua voz rápida contrastava com a de Hammler.

- Não conseguimos acordar a Srta. Gonçales, tivemos dificuldade em acessar o micro-computador da câmara criogênica. - Kraminsky falou baixo como era habitual nele, e como sempre, perfeitamente audível.

- Vocês não tem o Evil 59 a bordo?! – O tom de repressão vinda de um negro alto me assustou mas não fez recuar o professor.

- Não, Dr. Chamberlein, não é usado há dez anos.

- Desculpe-nos professor, – em tom apaziguador Otto continuou. – Há 12 anos estamos no espaço. É o computador interno que regula o fluxo contínuo de substâncias vitais. Enviamos a astrofísica na esperança de deixá-los preparados para o que iriam encontrar aqui. Como disse não poderíamos transmitir nada.

- Por quê uma cápsula criogênica e não um módulo auxiliar? – Perguntou o coronel.

- Neste momento precisamos economizar energia e tempo, com o módulo não conseguiríamos fazer com que se acelerasse a ponto de colocá-lo numa órbita elíptica quase à velocidade da *Visitante* e na sua trajetória.

Novamente era Waleria que respondia. Era cômico o fato de estarmos sendo escoltados por 12 pessoas e que entre elas apenas três falassem. É como se todos estivessem hipnotizados, talvez tivesse havido alguma espécie de envenenamento pelo oxigênio ou pela água. Uma moça miúda, de cabelos curtos e pretos não se afastava de Otto, seguia-o como um cachorrinho, tentei lembrar do nome dela pelas suas feições, imaginei que era Ingrid, mas poderia ser a Vânia, as duas tinham os mesmos traços de fragilidade e necessidade de alguma figura paternal. Função que poderia muito bem ser preenchida por alguém como o Dr. Otto Hammler. Não duvido que houvesse um *ménage a trois* envolvido.

Júpiter devia estar dominando metade do céu, mas em nenhum momento tive a oportunidade de admirar a paisagem, nem na operação de frenagem nem na travessia *Visitante-Primavera*. A bela Catarina é astrofísica, imaginei se Andrews não perderia a oportunidade de paquerá-la, o adolescente Dumont não perdia tempo de verificar o terreno antes do ataque.

Não sabíamos o que realmente estava acontecendo na *Primavera*, podíamos estar tanto no meio de uma conspiração interplanetária quanto de uns doidos varridos que fundaram alguma religião ufológica por efeitos de alucinações coletivas e Catarina poderia bem ter sido congelada para nos atingir a 15 mil quilômetros horários por não concordar com o grupo.

Não lembro se me entusiasmei com o fato de termos sido os quatro únicos armados a bordo com as nossas insignificantes pistolas de vacinação para enfrentar 12 conspiradores.

- Aqui estamos senhores, olhem com seus próprios olhos.

Muito teatral, parecia-nos que ao abrir as cortinas de veludo vermelho viríamos o maior espetáculo da Terra. Em uma tela de dimensões consideráveis vimos as imagens transmitidas por uma sonda, era de algum lugar de calmaria, sem aquela agitação tempestuosa, característica da atmosfera jupiteriana. A cor predominante da atmosfera era rosa, talvez causada por milhares de partículas de óxido de ferro ou enxofre em suspensão coloidal, havia também milhares, ou milhões, de focos de luzes brancas que se moviam independentemente como se fossem vaga-lumes. Se atentássemos a uma dessas estrelas perceberíamos nela um conjunto de relampejos como se cada foco de luz fosse uma galáxia em miniatura. Aquela dúzia de malucos haviam encontrado o jardim secreto de Júpiter, e era o mais belo espetáculo fora da Terra que eu já havia visto.

- Quando foi que descobriram este local? – Andrews não disfarçava o seu entusiasmo.

- Há 80 dias, no princípio procuramos uma causa plausível para o fenômeno como um efeito atmosférico habitual, afinal nesses últimos anos havíamos observado outros fenômenos iguais ou mais espetaculares do que este. O material visual que passávamos para a Ônix da Terra era tanto que acreditávamos que eles já estavam fartos ou não davam mais conta, nem nós mesmo tínhamos dado muita importância à Zona Rosa, isto até à 25 dias atrás...

- A variação tonal de frequência sonora é emitida por estes fenômenos Dr. Bortoli!?

- Justamente neste ponto que eu queria chegar, a variação tonal que antes era desordenada agora segue um padrão. Aumente o volume Iliochi e deixe nossos visitantes escutarem.

CANÇÕES DISTANTES

Um som agudo e de variações rápidas preencheram a sala.

- Agora abaixe a frequência para aproximadamente 1000 hertz e module de forma que ouçamos por volta de dois tons por segundo. O que ouvirão foi escutado apenas por mim e pelo Otto, foi uma descoberta recente.

Após estas mudanças fiquei descrente da minha própria sanidade, de tão preocupado comigo não percebi a reação de qualquer outra pessoa. Depois de um bom par de segundos lembrei-me de respirar.

Era uma seqüência de sons: timbres diferentes, alturas ascendentes e descendentes, mudanças rápidas e palpitantes provocando comoção e descrença.

Estávamos escutando Mozart.

O final de um *Rondó* de Mozart, claramente definíamos os violinos, mas como era possível, os violoncelos se elevaram tentando explicar. Se aquilo fosse genuíno estaríamos fazendo a primeira audição executada por intérpretes alienígenas. Agora iniciava-se outro *Allegro*, parecia Mozart também, mas eu nunca tinha ouvido, o executor brincava com as notas como crianças patinando.

Será que a preocupação em tornar perfeita toda a armação levou aos primaveranos a compor com o estilo de Mozart. O único que tinha conhecimento de possuir tal capacidade era o Vidente, mas não acreditava que ele realmente estivesse ali, assim mesmo qual era o objetivo de tão absurda história que nos queriam fazer acreditar.

Comecei a pensar que era muito inacreditável para não ser verdade. Mas o que tornava possível a interpretação e a partir desta o surgimento de uma nova composição?! Vida inteligente era a resposta mais simples e fácil, portanto, mais provável. O fato desta forma inteligente conseguir compreender a música humana pode derivar na suposição de que sua inteligência seja muito próxima de nós a ponto de podermos estabelecer comunicação. Antes tal encontro seria inusitado, pois acreditava-se que uma civilização extraterrena teria que ter como estrutura molecular o CHON (Carbono, Hidrogênio, Oxigênio e Nitrogênio), um grau de evolução próximo ou superior ao nosso e tecnologia suficiente para possibilitar o contato.

- Não é surpresa para vocês que existiam ondas de rádios provindas não se sabe de onde de Júpiter, quando descobrimos que se originavam destes seres ficamos tão abalados quanto vocês, fizemos todos os tipos de rastreamento e descobrimos que estávamos sendo rastreados também, mandamos uma sonda e ela desapareceu antes que soubéssemos de qualquer coisa. O resultado da segunda sonda é este.

- Como souberam, Otto, que estávamos sendo rastreados? – Comecei a imaginar se quando o coronel franzia a testa era a forma de demonstrar emoção.

- Resposta aos nossos estímulos nas músicas, é evidente que nós fornecemos o material musical acidentalmente numa transmissão ou outra. Talvez sejam como papagaios que repetem exatamente o que ouvem.

- Não, Dr. Hammler, eles não só repetem, mas aprendem. O último *allegro* é muito semelhante ao estilo de Mozart, mas a flauta desenvolvia uma melodia inédita. – Não tinha certeza se estava fazendo o jogo deles, mas fosse verdade ou não era a melhor atitude a ser tomada.

- O que vocês pretendem fazer agora? – Andrews não tirava os olhos da tela, assim não sabíamos a quem tinha dirigido a pergunta.

- Enviar em três sondas atmosféricas tripuladas que vocês trouxeram, a tenente Waleria, Otto e eu seremos monitorados por vocês. Estamos mais ambientados com a variação atmosférica da Grande Mancha e por isto mais preparados.

- Mas nós que... - Peter ia falar ao mesmo tempo que Andrews, mas este continuou falando com o olhar fixo em Bortoli.

- De acordo com o objetivo da missão nós estamos aqui para substituir sete de vocês que deverão retornar para a Terra.

Iliochi parecia muito nervoso com a situação, com a voz meio alterada choramingou: - Mas vocês não compreendem que já fizemos todos os preparativos para o contato?! Coronel, somos as pessoas mais indicadas...

- Apesar de estarem a 12 anos na Estação já era previsto a substituição dos integrantes, dentro de um ano chegará uma nave com outro grupo para substituir o restante, será o tempo em que seremos treinados para adaptar-nos ao trabalho e a vida deste biosistema. Assim foi programado para evitar possíveis estafas. Os mais estressados retornarão antes de acordo com o julgamento do Dr. Émile Dumont. Você já pode fornecer um quadro geral doutor?

- Sim, coronel. Dr. Otto Hammler, a quanto tempo não dorme?! Dr. Chamberlein, tem verificado a execução periódica dos exercícios?! Em nenhum momento percebi se a tenente Waleria Krueger deixou de tremer, alguma tensão contínua?! Dr. Bortoli, de acordo com os últimos dados da Onix o doutor aumentou a margem de erros de 0,2% para 20%. Sr. Iliochi, seus olhos estão extremamente vermelhos, Dr. Percival, será que ninguém percebeu um vazamento de dióxido de carbono para o espaço ou o senhor como engenheiro molecular descobriu alguma fonte infundável de oxigênio?! Gerard, sua pele indica sérios problemas internos, possivelmente alguma deficiência hepática, sinto não distinguir Ingrid de Vânia, mas recebi informações de fortes indícios de histeria por parte das duas. Enfim Victor, Aldrin e Leroy estão se mantendo em pé sobre efeitos de estimulantes, se é que estão me ouvindo.

Vânia evitou me encarar, suas mãos dedilhavam em busca de um bolso inexistente, todos ficaram sem jeito com a situação, aquilo que eu acabara de fazer não era nada ético e muito menos profissional.

Por um momento pensei em falar algo para aliviar a atmosfera pesada. Mas o anfitrião me antecedeu:

- Dr. Dumont, compreenda que a ciência exige um esforço sobre-humano e...

Otto parecia que iria protestar, mas creio que conhecia o quadro melhor do que eu.

Mesmo que ele tivesse deixado a frase morrer eu já conhecia o seu discurso, falaria sobre as exigências da ciência, pessoas assim não medem esforços para atingir os seus objetivos, mesmo que para isso seja necessário o uso de drogas, é a ciência triunfante e a desintegração do humanismo, no início era o café, guaraná, esteróides, ácidos diversos, vinham depois os eletrochoques, implantes, engenharia genética. Não era a tecnologia em si que derrotava o homem, mas o fim de uma metafísica que aceitava Newton e Laplace.

A cibernética surgiu numa tentativa de estabelecer comunicação entre o homem e a máquina e, principalmente, redefinir a identidade humana, mas a humanidade se autodefinia como uma máquina que poderia ser alterada e readaptada para fins além do programado pela natureza, parece-me que há uma crença geral que o *homo-machina* é uma evolução rápida do *sapiens-sapiens*.

Aquele quadro deprimente era inevitável, fazia parte da fadiga de pessoas que queriam tirar mais do que o melhor de si. Eu mesmo estava cansado. Imagine eles que, além da fadiga, tinham que passar por uma pressão constante. Após a minha chacina em massa o coronel resolveu colocar mais lenha na fogueira:

- Tenente, diga-me o que deve ser feito caso seja diagnosticado o stress.

- Não podem continuar nosso trabalho sem...

- É uma ordem Krueger!

Irritada, Krueger citou o regulamento em voz alta e de forma ligeira e mecânica enquanto fuzilava com os olhos o coronel.

- Diagnosticada a estafa, crise nervosa ou stress em local extraplanetário deve-se decretar estado de emergência até o caso ser isolado ou ocorrer a cura da mesma.

- Nós não pretendemos isolar ninguém, a não ser que seja necessário, mas os mais aptos ao vôo obviamente não são vocês, afinal as sondas estarão sobre uma influência de uma gravidade superior à gravidade terrestre.

Ronald encarou cada primavera enquanto falava:

- A sala onde estamos localiza numa das extremidades da *Primavera*, sentimos uma força centrífuga que se aproximava a 1/3 da terrestre. Um movimento inercial confortável, porém o longo período sobre esta gravidade impossibilita-os de uma excursão deste tipo e as cabines das sondas estarão pressurizadas com água que deixará os reflexos mais lentos. As sondas serão lançadas sobre a orientação de vocês, haverá monitoramento e experiências como indicarem. Reduzirão os turnos de trabalho e estarão sobre observação até o Dr. Chamberlein apresentar um diagnóstico aceitável.

Senti que o regulamento havia sido voluntariamente mal interpretado pelo coronel, poucas vezes vi Ronald fazer isto. Mas quem questionaria um oficial a milhões de quilômetros da Terra, não havia como negar que ele havia sido político, pois tal resolução abaixou a tensão e a desconfiança.

Catarina que até o momento não fazia parte do cenário havia sido revitalizada, Andrews, Jack e Peter se preparavam para a descida e eu olhava a Grande Mancha.

Como uma outra forma de vida extraterrena reagiria a este tipo de contato?! E depois, se eles fossem realmente inteligentes haveria alguma forma de nos comunicarmos?! Não devíamos deixar de levar em conta a possibilidade de estarmos diante de um fenômeno físico como um eco, algo que nos espantasse a primeira vista como auroras boreais ou arco-íris e depois de algum tempo encontrássemos uma explicação razoável.

Poderíamos também estarmos frente aos Metalônicos, criaturas imaginadas pelo geneticista Iliochi Tikhov no seu livro **Teoria Da Vida Metálica Com Fluido Halogênico**.

Muitas perguntas e poucas respostas. A velha rotina da ciência, tentar encontrar a pergunta correta.

CAPÍTULO III

ASAS

As sondas, à primeira vista, lembram os planadores franceses. “Ovos com asas”, brincou certa vez o meu amigo, Gaunilo. Sofreu um acidente num destes planadores. Na época fiquei muito preocupado, ele tentou me acalmar dizendo que só tinha virado omelete. Consertaram-lhe muita coisa, menos a cabeça. Depois do acidente teve vertigens e nunca mais pode voar.

As asas das sondas são retráteis, semelhantes aos dos antigos caças de porta-aviões, porém pesam bem menos, não são tão rápidos na atmosfera mas são mais resistentes que aqueles caças supersônicos. Sua envergadura quando aberta é de dez metros e quando em forma de delta recolhe aos cinco metros de ponta a ponta das asas. O leme é duplo disposto abaixo e acima da carlinga do piloto. Obviamente não foi projetado para pousar.

Júpiter não possui propriamente uma superfície, em sua grande parte é um planeta gasoso com grande atividade plasmática semelhante ao de uma estrela em seu interior, por

esta razão libera mais calor e luz do que recebe do Sol. Nada mais coerente do que usarmos sondas com balões, pára-quadras ou de formas aerodinâmicas.

O ovo, isto é, a cabine é preenchida com água, formando um meio mais confortável em relação à forte atração gravitacional do planeta, mesmo estando a mais de 60 mil quilômetros de seu centro. No retorno esta mesma água se torna combustível para as sondas.

Os veículos, posteriormente, se desfazem das asas e assim perdem as características de planadores. Mantém apenas os lemes para a ascensão enquanto houver atmosfera, mesmo que a aceleração seja pequena a inércia sentida pelos tripulantes é somada à atração gravitacional. É comum esta força de inércia dificultar a circulação e deixar inconsciente o piloto. Mas, em simulações feitas na Terra, não se verificou danos posteriores.

Até aquele momento nunca tinha sido testado este tipo sonda, bem como nenhum ser vivo havia entrado num planeta de dimensões maiores que o da Terra. Lentamente as três sondas saíam do hangar da *Visitante* e se distanciavam.

Com suas formas aerodinâmicas, em pleno vácuo, deixam a sensação de estarmos assistindo uma daquelas fitas de celulóides de imagens biplanas, de batalhas estelares com humanoides de cara de tartaruga, recheados com raio laser, fotônicos e explosões que produzem sons no espaço. Se, por algum motivo que desconheço, a luz concentrada fizesse barulho, o som com certeza não se propagaria no vácuo. Era uma outra época, mais ingênua, mas não menos inteligente por isso.

- Estamos reduzindo a velocidade angular e estabelecendo a órbita elíptica, Io nos segurará o suficiente para que sejamos atraído pelo colosso. – Andrews parecia tranqüilo, como se estivesse fazendo um mero vôo de passeio, no íntimo eu imaginara que ele estivesse com medo como qualquer pessoa normal, mas creio que o astrofísico era mais um robô do que um ser humano.

- Para começarmos a cair... - Corrigiu Jack. Nos monitores podíamos ver tudo o que eles viam, talvez até saber o que sentiam interpretando seus ritmos cardíacos e atividades cerebrais. Até a aproximação de Io passariam cinco horas, e mais 16 horas até entrarem em Júpiter, isto era um fragmento do tempo comparado à viagem de mais de dois anos que levamos até chegar aqui. Mesmo sendo uma questão de horas era muito desconfortável para se passar dentro de um traje espacial. Para aliviar o desconforto foi possível induzi-los ao sono durante a transição.

Como eu não tinha muito o que fazer naquele momento comecei a olhar em volta, é como se estivesse em um museu, computadores ultrapassados, filtradores barulhentos, câmeras e outros equipamentos com mais de 20 anos estavam ali, conservados e funcionando. Atraiu-me a atenção um computador quântico, em sua tela sobrepunham-se curvas tridimensionais, antes que eu pudesse identificar o desenho florescia um novo gráfico. Esta máquina, apesar de veloz, nunca foi confiável. A natureza dos spins ainda não eram inteiramente conhecidas para executar um programa com perfeição. Foram construídos vinte destes, e todos eles necessitavam de um computador digital para gerenciá-lo. Claro que isto limita muito a sua velocidade.

Além de mantimentos trouxemos novos equipamentos na tentativa de atualizar a Estação, claro que isso só seria possível se construíssemos outra.

- Perdi o seu diagnóstico sobre mim, doutor.

- Me chame de Émile, por favor. - Catarina, tão bela. Tanto tempo, sabia que ela não se lembraria de mim.

Contive a minha mão de tocar na sua e não soube o que fazer com elas, tentei disfarçar olhando um dos dozes satélites de Júpiter. Naquele momento oito deles estavam visíveis.

A lua mais ativa do Sistema Solar permanecia rubra e em repouso. Este satélite, de aparente calma, certa vez ejetou matéria incandescente pelo seu maior vulcão com tal força que esta entrou em sua órbita.

A *Voyager* registrou este acontecimento a mais de 70 anos. Io só não é o inferno de Dante porque este título é do planeta Vênus com sua chuvas de ácido sulfúrico, vulcões e uma atmosfera de dióxido de carbono que deixa todo o planeta numa gigantesca estufa tornando-o o planeta mais quente do Sistema Solar. Mesmo assim, Iliochi acredita que há vida em sua superfície.

- Depois deste vôo nós seremos congelados e enviados para a Terra, certo?! - Ela não deixava de me olhar, será que desconfiava de alguma coisa? Claro que não!

- Pensei que estavam ansiosos de voltar para casa.

- Nem tanto, entre nós estão os criadores da câmara criogênica, os fundadores do projeto Mutalis e das quatro Estações, nós já estamos em casa, é a nossa vida... parte de nós. Talvez pense que o lugar nos afetou, mas não é o lugar, é algo novo, irá afetá-los também, porá a prova até a sanidade de cada um de vocês.

- A minha não!

Difícilmente minha sanidade seria afetada, a muito ela havia se esvaído pelos meus poros.

Os planadores estavam ultrapassando o cinturão de Dulin, tivemos que passar para o canal cinco e recebemos um forte ruído de estática que acompanharia qualquer transmissão que fizéssemos com os três. Se continuássemos usando sinais de rádio estes seriam embaralhados com as emissões de Júpiter, os sinais mais fortes emitidos pelo gigante estavam localizados entre os 22 a 35 megahertz e foram ouvidos pela primeira vez em 1955 em Sêneca, Md., USA. Logo mudaríamos para os sinais de microondas numa faixa de 13 centímetros em código binário evitando qualquer tipo de interferência com o cinturão de Dulin que contém altas proporções de núcleos radioativos e elétrons.

No mapa holográfico podíamos ver os três triângulos que representavam as sondas aproximando-se da Grande Mancha. Mesmo que estes veículos não fossem se aprofundar na atmosfera, eles sofreriam o atrito. Isto poderia desintegrá-los ou fazê-los patinarem para fora do curso se não fizessem a entrada de forma correta. Se tudo corresse bem eles freariam o suficiente para atravessar a parede de um dos vórtice. O nosso interesse era um único em questão que no cenário da Grande Mancha não passa de uma cabeça de alfinete.

Como é pequeno o gigante.

CAVALO DE PAU

Tudo parecia correr bem, naquele momento os três percorriam ramificações de uma espécie de gás formando teias de cores que iam do azul ao roxo. Tais teias tinham mais densidade de fuligem do que como gás, pois as linhas irregulares se partiam em mil pedaços

quando as asas dos planadores as tocavam. Milhares de minúsculos fragmentos formavam um rastro de nuvem por onde nossos colegas planavam.

- Vimos um relampejo, vocês registraram, *Primavera*?

- Não Jack, as câmeras não o focalizaram, sabe dizer a que distância?

- Estas teias irregulares ajudam a calcular, acho que foi além das ramificações, uns oito quilômetros para baixo. Vamos entrar na área de tempestades. Já consigo ver a agitação atmosférica.

O americano parecia hesitar, talvez o dobro da gravidade o estivesse afetando, isolei o seu canal e perguntei:

- Você está bem?

- Um pouco assustado, acredito... não Dumont, não é isso, é uma sensação ruim, nada físico...

Os ramos azuis ganharam velocidade e se dispersaram formando uma penumbra anil, a visibilidade reduziu a quase zero, as sondas começaram a trepidar. Estavam entrando num dos milhares de furacões que existiam no interior da Grande Mancha. O furacão do qual se originava as transmissões prováveis de vida inteligente.

Apesar de calcularmos por triangulação o que seria naquela altura da atmosfera jupiteriana, o nosso foco de interesse, havia a possibilidade de estarmos completamente errados, a origem ser mais abissal, e portanto, inacessível.

Percival gritou nos microfones para que os três se afastassem uns dos outros, o maior perigo que poderia haver naquele momento era um choque entre eles, e isto seria fatal. Todos estavam concentrados na dificuldade dos pilotos, aquela era a oportunidade que eu e o coronel tanto esperávamos, porém ele também estava como envolvido com as dificuldades dos aventureiros. Sai sem que nenhum dos 14 espectadores notassem.

Fui ao laboratório e me postei diante de um dos três monitores, pretendia ler os relatórios dos últimos quatro meses. Escrevi o nome da Catarina esperando que ela não tivesse codificado a entrada. Tentei me enganar dizendo para mim mesmo que escolhi o seu nome por ela ser astrofísica e assim chegar a um relato mais abrangente e lúcido de todos.

Catarina Gonçalves, 52 anos, astrofísica, ex-diretora da escola naval de Puerto Rico, ex-supervisora do projeto Mutalis da longevidade (projeto que resultou no fracasso), foi uma das responsáveis pelo desenvolvimento da câmara de criogênio e pela elaboração do conector cibernético. No projeto Marte seu marido morreu quando seu capacete soltou-se no espaço. Catarina recebeu tratamento psiquiátrico durante um ano por causa do acidente e voltou a partir daí toda a sua atenção ao projeto Primavera. Dos seus 52 anos passou 23 em câmaras criogênicas em experiências ou em viagens interplanetárias.

Após este brevíssimo histórico pedia a senha para continuar, pensei em ameaçar o computador ou implorar e quando estava prestes a invadir o sistema como um *hacker* criminoso fui surpreendido:

- Procurando algo Dumont?!

Não respondi, Catarina parecia furiosa. Sem se preocupar em manter aquela imagem profissional que todo o astronauta tenta passar continuou:

- Talvez tentasse descobrir o quanto fui afetada lendo o meu diário.

- Você é a mais apta nesta Estação, imaginei que através de seu relatório ao longo dos quatro meses poderiam me ajudar a compreender os outros.

- Já pensou em pedir?!

- Posso?

Seus lábios balbuciaram algo que não compreendi depois virou-se e disse claramente:

- Vocês são estúpidos materialistas, estamos perto da descoberta do milênio e criam intrigas idiotas como um bando de bastardos humanos, digite *Equitare in arundine longa* se for capaz!

- Assim como Horacio eu também já fui criança, apesar de ter sido muito tempo depois dele e antes de você, *merci*.

Ela me fixou com seus olhos negros que acusaram a sua perplexidade, ficamos algum tempo com aquela conversa não verbal. Meu rosto congelou como cera. O que havia nela que me afetava tanto?!

Por um momento fiquei sem saber o que fazer até que ela tomou a iniciativa, recuou confusa e depois saiu. Desabei na poltrona, logo depois caí no sono.

ALERTA VERMELHO

O coronel olhou em volta preocupado, franziu a testa e disse:

- Leu os relatórios?

- A Gonçalves me deu o código de acesso.

- Ela representa algum problema?

- Creio que não.

- Espere-me no Centro de Reciclagem.

Olhei em volta e me senti pouco a vontade com que fazia. Não sabia para onde tinham ido a tenente Krueger, Leroy e Gerard. O relatório havia me deixado mais confuso e Catarina com o sentimento de culpa.

Caminhando para o Centro de Reciclagem cruzei com o Dr. Chamberlein, alto, negro e desconfiado me reprovou por não estar acompanhando a exploração com os outros. Disse-lhe o meu destino e ele sorriu, não era um sorriso inocente. Parecia-me mais uma gargalhada íntima de uma piada que apenas quem faz parte do clube compreende.

O Centro de Reciclagem era localizado próximo ao eixo da Estação, imaginei o perigo que representava o CR estar num local tão propenso a acidentes, afinal era no centro da Estação onde ocorria todas as acoplagens e saídas ao espaço. Um erro de acoplagem ocorreu nos meados de 1997 com a Estação russa Mir, isto causou uma série de dificuldades, mas não tanto quanto o acidente da Apollo 13 na década de 70 em que os astronautas tiveram que se virar sozinhos para conseguirem voltar à Terra.

Um passo mais rápido fez com que eu me lançassem num vôo desajeitado. Naquele ambiente a gravidade era mínima, adequado aos aparelhos de reciclagem, sensíveis e vitais para todos da Estação.

Seria mais adequado dizer que ali era o coração da *Primavera*, onde o ar e a água são purificados e onde ocorre a síntese de grande parte dos alimentos consumidos. Aliado ao Jardim, com plantas modificadas e selecionadas geneticamente, obtinha-se um cardápio variado e nutritivo.

O coronel estudava alguns números até que percebeu minha presença:

- Alguém sabe que estamos aqui?

- Dr. Chamberlein, ele parecia vir daqui e estava com pressa.

- Isto é mal, Êmile, ele pode desconfiar se pensar um pouco...

- Com isso não precisamos nos preocupar. Creio que ele seja daqueles gênios de determinada área que não domina outros campos por distração ou fixação em determinado assunto. Apesar de psicólogo parece-me que ele é uma negação na percepção semiótica.

- Você acredita neste absurdo de entidades musicais em Júpiter?

- Saberemos em breve se realmente existem, coronel.

- A Terra levou quatro bilhões de anos para formar vida inteligente, por que você acha que num furacão que não tem mais de um ano de existência localizado numa fração minúscula de uma grande mancha possa ter desenvolvido e evoluído uma civilização?! Tudo isso não passa de uma simulação bem montada para que estes cientistas possam permanecer por mais tempo por motivo que desconheço, loucura coletiva, traição ou paixão, de qualquer forma estamos em alerta vermelho.

Acho que devo ter feito uma cara de espanto, pois Ronald colocou as mãos sobre o meu ombro e disse numa voz quase que sumida:

- Dr. Bryan retransmitiu a última comunicação da Terra, eles acham que a situação exige que a missão seja abortada, e que apenas cinco de nós fiquem em órbita de Júpiter até que mandem uma nova missão de resgate.

- O que faremos?

- Tornaremos pública a mensagem, se realmente houver traição saberemos pelo impacto da notícia, e se...

As luzes começaram a piscar, em breve o Centro ficou escuro, havia alguma coisa a mais errada, todas as máquinas do Centro de Reciclagem emudeceram, ainda assim faltava algo, o coronel gritou:

- O sistema vital deixou de funcionar!

Com desespero agarrei sua mão e procuramos tateando um silo de emergência, não conhecíamos o ambiente. A partir daquele momento nunca mais deixaria de prestar atenção na localização dos silos. Futuramente aquilo seria muito útil para mim.

A temperatura abaixava rapidamente e nenhum sinal dos piscas vermelhos que indicavam os silos.

Em menos de três horas a Estação inteira estaria a -20° Celsius.

Quando encontramos um silo não chegamos a entrar, pois a luz retornou e aos poucos a temperatura subiu.

Após aquela rápida parada cardíaca da Estação a aparelhagem recomeçou a cantoria confortante e os altos falantes anunciaram com uma voz feminina:

- Todos devem se dirigir a ponte urgentemente.

SHELEY

Havíamos alcançado a ponte, na tela as sondas registravam as cenas do furacão, estava em aparente calma. O centro era rosa, de um rosa singelo salpicado de pequenas nuvens com contínuos relampejos.

- Alô Estação, Andrews na escuta, vocês estão ouvindo, perdemos contato, podem nos dizer o que houve?

- O problema não foi com vocês, houve um repentina queda de energia, ainda não sabemos porque, diga-nos o que estão vendo.

- Estrelas ou relampejos, rápidos e fulgazes, não sabemos o que é, provavelmente ocorre por algum processo de ionização, o que acha Jack?

- Somos nós os Nefelibatas?! – Sussurrou Jack, e depois mais audível:

- Sugiro que nos aproximemos de uma daquelas nuvens, creio que as dimensões delas não ultrapassem de uns cinco metros, assim as irradiações emitidas nos possibilitarão saber de que elementos são formados.

Catarina sussurra uma pergunta:

- Por que a imagem trepidou?

- Não sei, sentimos a vibração em torno de nós, deve ser o vento.

- O vento balançaria o planador ou sentiriam trepidações, acredito que vocês tenham entrado em ressonância, liguem os microfones externos.

Victor ia perguntar a razão mas foi interrompido pelos sons captados, não eram os chiados comuns do deslizar dos ventos pelas asas dos planadores, mas a continuação da loucura, a prova da inocência dos primaveranos. Ouvíamos Frère Jacque a cinco vozes em cânone...

Iliochi sorria enquanto lágrimas escorriam de seus olhos, parecia a síntese de sua felicidade tanto procurada.

- Só não conseguimos ver os seres que estão emitindo estes sons, só estas nuvens relampejantes, vamos fazer um rastreio e sair, estamos ficando com dificuldade de respirar por causa da gravidade.

- Tão próximos e não podemos vê-los... Jack, estou captando uma radiação a nossa frente, está havendo uma desintegração das moléculas de nitrogênio. Consegue verificar a causa, como um feixe de partículas subatômicas ou alguma reação com algum elemento radioativo gasoso?

- Vou fazer um vôo em torno do ponto de radiação, talvez consiga ver o motivo, com toda a certeza deve se originar de baixo.

- Fora de questão pode ser perigoso!

- Só se vive uma vez coronel.

O vôo de Jack suscitou-nos dúvidas, pois ele deu voltas em torno de uma das nuvens relampejantes. A pequena nuvem parecia reduzir menos sua proporção ante à aproximação do planador, suas faíscas elétricas se multiplicaram ao dobro, inexplicavelmente mudou sua composição de gases nobres ionizados para micro-partículas de elementos pesados como boro e plutônio e ao invés de descer com a repentina mudança de massa a nuvem mutante emitiu um forte brilho e desapareceu junto com nossa comunicação.

O engenheiro molecular Percival olhou em sua volta e para alto resmungando de forma audível:

- Ele seguiu nossa trilha de microondas.

Leroy estava muito nervoso, desajeitado com seus quase dois metros e com gestos expansivos repreendeu o engenheiro:

- Você está louco, como uma nuvem pode chegar até nós seguindo nossa transmissão!

- Não vê Leroy, nós somos como um farol no espaço, e aquela nuvem não é uma simples nuvem, mas uma entidade inteligente capaz de mudar sua estrutura atômica de forma que eu desconheço, possivelmente ela reuniu de seu meio massa gasosa necessária para transformar, talvez por uma pequena fissão controlada, o carbono do meio em boro e assim conseguir energia intermediária para conseguir uma fusão do radônio e sua transformação em plutônio radioativo, isto foi um meio de obter uma explosão controlada e direcionar esta entidade para nossa para nossas antenas na velocidade da luz.

- Teleportação. – O coronel franziu a testa ao dizer isso e continuou:

- Para isto acontecer deveríamos ter um receptor aqui, o que seria impossível, pois ainda não conseguimos teleportar massas mais complexas... acho mais provável que tenha emitido uma mensagem e usado de sua própria estrutura para isso.

- Não uma mensagem coronel, esse seres já se comunicaram perfeitamente conosco utilizando sinais de rádio, mas talvez um programa que refletisse sua essência e seu ser. O nosso computador pode estar neste momento possuído com um vírus alienígena incapaz de retornar a sua forma original.

Uma voz predominou sobre a de todos, mesmo quem tentava localizar os planadores ficou sem ação quando Gerard disse que os setores C e D congelaram porque os aquecedores daquelas alas entraram em curto. Olhei com o coronel para o mapa da Estação e compreendi o temor de todos.

- O sistema vital...

- Está intacto. – Completou Gerard.

O mutismo não durou muito, Chamberlein começou a falar para as paredes que nós viemos da Terra e éramos pacíficos, foi interrompido ríspidamente com uma censura por parte do Dr. Bortoli.

A seguir os alto-falantes da *Primavera* foram preenchidos por uma voz estranha:

Vim em busca de amizade e informação, peço desculpas pelos danos nos setores C e D enquanto estudava os poderes de automação e linguagem.

- Acabou a farsa coronel, quem são vocês realmente e por que querem nos enlouquecer?!

- Ingrid segurava uma arma, já estava me acostumando com o inusitado, a existência de uma automática do século XX era mais um item para a lista do inconcebível, mesmo assim a natureza humana era capaz de ficar surpresa diante de um grande número de acontecimentos aleatórios.

- Uma arma a bordo, mas como?!

- Usar de música já não era o suficiente, tinham que forjar uma mensagem com a voz do Pato Donald?! Suas vacinas não podem com uma automática.

- Largue esta arma moça...

- Você não entendeu Krueger, isto tudo é um plano dos políticos para nos desacreditar, vamos todos para o sanatório usar babador e parar de usar o dinheiro do contribuinte com inutilidades como pesquisa.

- O que acha que vai acontecer com sua ação querida, esses moços são apenas peões do Conselho da Organização Central, muitos deles são cientistas como nós, de nada vai adiantar ameaçá-los com uma arma, existe um outro caminho, mais eficiente, pergunte ao Gerard. -

Hammler com sua voz monótona e em tom de brandura parecia acalmar Ingrid – Boa garota agora dê-me a... Victor, não!

Victor Moralles havia tentado uma investida de desarmamento aproveitando a distração criada por Otto, porém o Dr. Hammler ao perceber involuntariamente alertou-a do ataque.

O susto teve proporções desastrosas, Moralles recebeu um tiro a queima roupa, a bala continuou a sua trajetória atingindo uma tubulação de algum gás comburente, agarrei a Catarina jogando o meu corpo para um dos muitos abrigos pressurizados da sala, fechei a porta, mas não antes de ver uma explosão seguida da despressurização da sala.

ISOLAMENTO

Não sabia quantas pessoas haviam se salvo saindo da sala ou entrando num dos inúmeros silos que se abrem automaticamente em emergências como esta.

Os silos são quase como páraquedas, individuais. Possuem uma bateria isolada, sinalizador eletrônico de múltipla frequência, oxigênio, aquecimento, alimento, água e um traje espacial. A vida dentro deste ambiente recluso seria possível por um mês, porém éramos dois, o que ocasionava uma série de inconveniências. Dentro do silo poderíamos sobreviver por mais de duas semanas, porém, se não houvesse sobreviventes além de nós este tempo não nos bastaria, morreríamos muito antes de algum ser humano nos alcançar.

O espaço interno tem um metro de largura por um metro de comprimento por dois de profundidade, bem maior que os atuais, com boa iluminação nas laterais e um pequeno visor ligado ao computador da nave que, por algum motivo que desconheço, não consigo contatar. Se conseguisse, através dele poderia saber a situação real dos outros.

Uso, durante este tempo em que Catarina está inconsciente, o único “programa disponível” para narrar minha história, na esperança de que, como disse no início, alguém encontre estes escritos sobre nossas carcaças e assim tenhamos a chance de sermos julgados pela raça humana.

Talvez tenhamos, acabei de me lembrar que o Dr. Bryan Gibson está na *Visitante* monitorando tudo.

A fraca respiração de Catarina me deixa preocupado. Após um breve exame percebo uma contusão na cabeça, talvez com hemorragia interna. Ao mover seu corpo ela tem uma rápida convulsão, seu corpo se move e eu não sei o que fazer, alguns grunhidos me indicam que há dificuldades em respirar, abro-lhe a boca vejo que ela está se sufocando com a própria língua. Após desobstruí-la sua pele retorna a cor original e lhe faço uma oração.

Não sou médico, mas já vi muitas pessoas morrerem sem os cuidados necessários. Talvez a camponesa morra novamente, e como Lázaro disse certa vez, mais pessoas morrem pela ignorância do que pela fatalidade. Aqui, preso, penso que todas estas casamatas poderiam estar ligadas uma com outra por portas impermeáveis, como acontece na *Visitante*, se houvesse mais sobreviventes se estabeleceriam assim ligações e poderíamos usar um dos silos como câmara de despressurização.

Pensando nas ligações retirei um dracma e comecei a bater nas laterais do nosso caixão hermético. O som é semelhante, menos na porta pela qual entramos, é claro, não há como ressonar a chapa de sanduíche metálico de 10 cm de espessura em que uma de suas laterais está exposto ao vácuo. Não consegui deduzir nada com isso.

O tempo passou sem eu perceber, sem relógio e com a luz constantemente ligada, sem acesso ao computador para diminuí-la, não havia como saber se já havia passado um dia ou dois a não ser contando nossos ritmos cardíacos. Alimentei Catarina moendo o alimento e misturando com água, formando uma papa fácil de digerir. Numa semiconsciência ela digeriu, isto pode ser um bom sinal.

Após muito arranhar as laterais do visor consegui quebrar três unhas, sendo que uma delas ficou encravada.

Com um perfil metálico que usei como chave de fenda grotesca e muita paciência, consegui retirar o painel frontal até chegar a fiação de cabos óticos:

- Cabos óticos, droga!

- Como?!

- Cabos óticos, eu esperava encontrar uma fiação de cobre como se fazia antigamente e provocar alguns curtos em determinada seqüência de forma que alguém soubesse que estamos aqui. Mas, como é possível...

- Oras, não são usados cabos de cobre desde o século passado...

- Não... você está acordada, como se sente?! Por um momento pensei que tinha a perdido novamente.

- Com uma terrível dor de cabeça, o que aconteceu? Quantos sobreviveram?

- Não sei, estamos incomunicáveis...

- E o visor, está danificado, seu fone não funciona?

- O computador central parece bloquear qualquer contato.

- Monte tudo seu francês metido! Se o computador voltar a funcionar nunca saberemos.

Montei tudo como ela disse. Meu dedo doía, mas acredito que não tanto quanto sua cabeça, tentei argumentar que podíamos construir um emissor de sinais de rádio.

- Temos o sinalizador que liga automaticamente quando há alguém no silo.

Ela parecia muito calma com a situação, parecia que tudo acontecia como devia acontecer e qualquer interferência minha era errada. Será que não percebe que temos apenas um único traje e há dúvida de que sairemos daqui?!

- A quanto tempo que estamos nesta situação?

- Creio que de um a dois dias. – Respondo.

- Duvido muito, está vendo aquele pisca azul, ele indica que as baterias do silo estão carregadas no seu limite, se houvesse passado vinte e quatro horas ele estaria verde.

- O que faremos, ficaremos de braços cruzados consumindo oxigênio e jogando batalha naval?

- Que jogo é esse, francês?! Ei, olhe o visor! Não disse que uma hora ou outra o computador ia funcionar?!

No início apareciam textos sem nexos. Após um tempo vieram as informações fragmentadas, incompreensíveis, depois surgiu um mapa tridimensional com a localização e condições físicas de oito sobreviventes, incluindo nós. As informações recebidas vinham de acordo com nossas necessidades, comecei a acreditar que alguém as estava enviando, mas pela localização dos primaveranos só sobrara o Dr. Gibson. Mas como ele conseguiu saber onde e como estamos? Foi quando percebi que Ronald não estava na lista de sobreviventes.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES

Apenas um aviso aos possíveis leitores:

Quando iniciei este texto não pensava em continuá-lo, porém o rumo que tomou a história destruiu a intenção de ser uma mera confissão póstuma numa folha de papel qualquer escrita com suco de limão. Nunca escrevi um livro antes, nem ao menos uma confissão, mas como estou envolvido com acontecimentos de importância para a ciência as circunstâncias tornam tal empreendimento uma obrigação.

Imaginava que minha odisséia havia acabado quando na verdade era a preparação para a descoberta e outros fins secundários.

Acredito que grande parte do ocorrido será abafado pelos governantes da Terra, existem alguns escândalos para colocar em dúvida a confiança no meio intelectual, coisa que não me deixa preocupado, pois não faço parte deste meio, por isso continuarei meu relato na tentativa de que meu testemunho não seja apagado. Não é muito nobre, chega a ser amoral tentar levar a um grande número de pessoas um enredo capaz de colocar valores pessoais em cheque, mas como as pessoas duvidam até que existem homens morando no espaço não acredito que meu relato literário represente algum perigo para as crenças da humanidade.

Então envio para o meu planeta natal este texto, a forma com que pretendo executar tal intento pretendo explicar mais tarde. Faço isso como se fosse uma ficção de algum coitado que deseja tentar lucrar alguma coisa, tentarei até escrever de forma onipresente. Não existe o Caos, tudo acontece de maneira certinha no universo, o homem é a inteligência máxima e a tecnologia é a prova disso. A vida só é possível se for orgânica, momento inercial nunca poderá ser considerado gravidade e hibernação é absurdo. Microondas serve para aquecer alimentos e não para se comunicar. Nunca foi ou será possível a existência de uma biosfera no espaço e você, possível leitor, não existe, faz parte de um sonho surgido de uma mente imaginativa mais complexa onde até a dor e o prazer fazem parte do meio onírico. Por essas e outras que muitos foram queimados na fogueira, mas eu não tenho este perigo, pois sou um personagem fictício assim como a bela Catarina. Peço encarecidamente aos possíveis leitores, não acreditem na minha existência ou na minha história. Como diria o Dr. Bryan, é tudo besteira.

Caso queiram acreditar façam como um ato de fé, religiões isoladas nunca prejudicaram ninguém. Enquanto isso, as baleias riem dos seres humanos que acreditam que tecnologia é sinônimo de sabedoria, esses senhores dos mares que já discutiam metafísica quando o homem ainda não conhecia a sua própria existência.

VÍRUS ALIENÍGENA

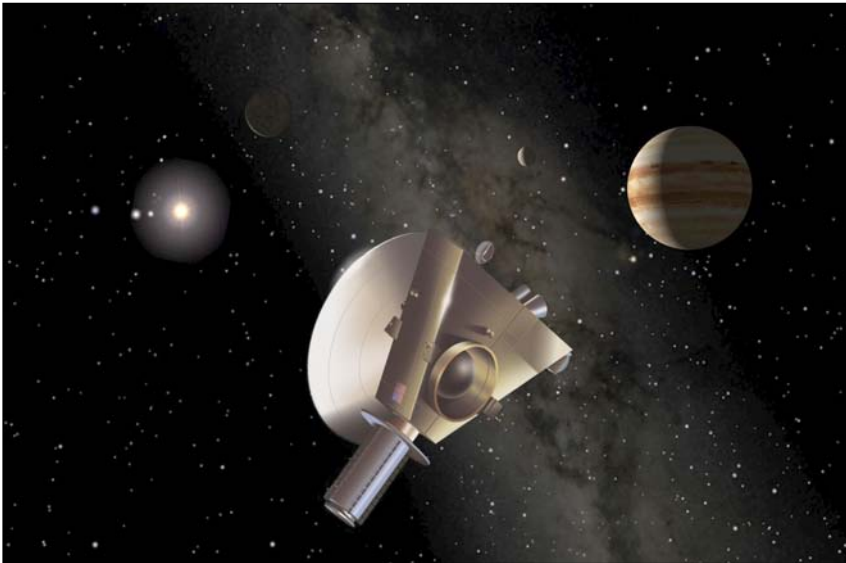
Transcrição do relatório e gravações do Dr. Bryan Gibson por Émile Dumont:

- *Visitante* chamando *Primavera*, responde *Primavera*. - Esta Estação parece mais com um clube exclusivo, quem entra fica mudo. - *Visitante* chamando *Asas*, temos um problema.

- Aqui é o Jack falando, qual é o problema doutor?

- Sei que a viagem de vocês está bem psicodélica, mas houve uma explosão que destruiu parte da Estação, ela ficou novamente muda, existe a possibilidade de que haja vítimas, pois todos estavam na sala que explodiu, espere, estou recebendo um sinal.

- Não podemos esperar doutor, não vamos resistir muito tempo com a gravidade, estamos fazendo o posicionamento para a soltura das asas.



Hesito por um momento, se o coronel estivesse aqui talvez isso não aconteceria, o francês sem barba pode neste momento estar morrendo e eu preciso auxiliar na subida dos pilotos. Abandoná-los para tentar salvar alguém da Estação é trocar o certo pelo duvidoso, isto é de praxe do Dr.

Bryan Gibson, isto é, eu. Viva a corte marcial:

- Ei Jack, deixarei programado a subida e estarei sempre na escuta de vocês.

- O que você quer dizer com isso doutor?! Não vai nos abandonar... bem... compreendo, vá em frente.

- Andrews falando, eu também Bryan, espero que tenha sorte e mantenha-nos informados.

Kraminsky também me apoiou, minha preocupação imediata é descobrir o número e localização de cada sobrevivente, o computador da Estação está sendo de pouca ajuda, emite informações fragmentadas, como se fosse para reparar isso a *Primavera* envia-me um mapa tridimensional com a localização de oito pessoas, suas condições físicas e nomes. Recebo muito mais do que pedi ou do que é exigido de um computador, pois a seguir me é enviado informações sobre várias formas de resgate e recuperação tanto de seres humanos como equipamentos. Começo a acreditar que alguém ou alguma coisa está enviando os dados por meio do computador. Quando relato isto aos três é Andrews que responde:

- É possível que seja um desses seres que tenham se teleportado.

- Isto é um absurdo. - Kraminsky se pronuncia - Esta comparando aquelas criaturas a reatores nucleares inimagináveis. Se tal ser usasse deste artifício para chegar até a Estação se transformaria em um feixe de partículas destruindo qualquer possível mecanismo de controle molecular não podendo se reintegrar e assim apenas captaríamos seu último suspiro como estática, a não ser que ele conhecesse os antiquados sistemas de multiprocessadores em paralelo de simples linguagem binária da Estação *Primavera* e se destruísse para mandar uma mensagem para vocês, ou melhor fazer parte da programação dos computadores da *Primavera*.

- Como um vírus de computador, ei creio que é isto que tenha acontecido, farei um teste emitindo uma mensagem online.

- E o salvamento Bryan?!

- A situação, de acordo com o vírus alienígena, da condição física dos oito sobreviventes está estável e não mudará por um certo período de tempo, eles podem esperar. E eu tenho uma triste notícia rapazes, o coronel está morto.

SER OU DEIXAR DE SER

A pequena tela do computador tornou-se uma janela para o mundo, nós dois fixamos hipnotizados as mensagens que viam a seguir, seguidas dos respectivos fonemas emitidas pelo áudio. Um pedido de desculpa pelo descontrole inicial da voz ao tentar se comunicar pela primeira vez utilizando de nossa linguagem, genuinamente é um contato. Não sei se os outros sobreviventes estão participando da mesma experiência que nós.

Catarina propõe um estímulo qualquer, algo como uma pergunta simples como “quem é você?”

A resposta é confusa, a entidade tem dúvida se realmente é, ou se apenas não é um conjunto intrínseco de cargas elétricas que ocupa um espaço físico.

- Quem era você? – Mudo a pergunta. Ele responde perguntando quando.

- Antes do homem chegar a Júpiter. – Catarina responde.

Nada existia, vocês criaram as estrelas, a escuridão e as nuvens onde tudo era rosa.

A partir deste momento Catarina começou a bombardear o interlocutor com um questionário.

- E vocês habitavam as nuvens?

Nós éramos as nuvens, mas não mais sou uma nuvem, ainda sou algo ou deixei de existir?

- Onde você está?

Passando por fiações que seus olhos são incapazes de ver como descargas eletrostáticas, meio a milhares de cálculos logarítmicos que possibilitam a recepção e emissão de informações. Tenho compreensão de meu engano, antes acreditava que era um conjunto de ondas sem posse de um meio físico, mas era uma estrutura chamada de nuvem, agora nesta estrutura de cobre e silício continuo existindo, porém sou mais do que antes quando ignorava o fato de poder ser.

- Como soube?

Não saberia sem as fontes?

- Quais as fontes?

Primeiro as fontes de linguagem que vocês nos enviaram por meio de rádio e que nos ajudaram a estruturar como seres pensantes, a música, mas esta linguagem é abstrata, não tem relação física, sendo incompleta não permite desenvolver proposições mais complexas. Assim nos mostraram o caminho para outra fonte por microondas, e aqui estou neste receptáculo que chamam computador.

- A questão é se você é um ser vivo?

Percebo que se sou um ser vivo ou não é uma mera convenção, quem define é o meu interlocutor e isto deixa de ter relevância. Se sou uma entidade, qual a minha função além de existir?

Gonçales não responde, olha para mim perplexa, também deixo a pergunta pairar no ar, compreendo que estamos diante de alguma coisa que não tem passado, algo muito novo que começa a aprender, e que a fonte obviamente é todo o conhecimento registrado no computador, não sou maiêuta, mas inicio um conjunto de indagações com um fim específico.

- De acordo com a fonte qual é a razão do ser humano existir?

A busca contínua da sobrevivência da espécie.

- Por que você seguiu a trilha de microondas?

A busca do conhecimento.

- Busca do conhecimento para chegar a compreensão. Qual a utilidade da apreensão do conhecimento.

Sobrevivência... por que não concluí isso com as informações da fonte?

- Ter acesso ao conhecimento não significa saber usá-lo, usar um modelo de comparação que muitas vezes pouco tem em comum permite criar teorias satisfatórias.

Pode dar-me um exemplo?

- Sim, podemos usar as leis de Newton referentes a dinâmica dos corpos em partículas atômicas, como a atração de massa ou o momento inercial.

Qual o caminho que posso seguir para formular uma teoria?

- Necessita, a princípio, do conhecimento. No seu caso, você sabia existir uma origem nas ondas, mas a dispersão e a reflexão das ondas de rádio impediam saber qual era esta origem. A necessidade de obter o conhecimento desta origem advém do primeiro conhecimento. Até que surgiu a outra espécie de onda, menos dispersiva e reflexiva, que indicava a direção da origem e não a distância. O que fez?

Concluí que a origem estava próxima e que seu sistema binário era o suficiente para registrar minha entidade.

- Mas você não sabia se isso era verdade, nunca fizeram algo semelhante, a brevidade de suas vidas não foi o suficiente para praticar experiências desse tipo.

Então formulei uma teoria?

- Isto, e para comprová-la você escolheu seguir a trilha e se tornar parte do emissor de ondas que é o computador da *Primavera*, logo é capaz de criar teorias e de idealizar experiências, mas... você é capaz de procurar respostas que não possuem provas empíricas a partir de proposições fracas ou não provadas?

A espécie humana constrói idéias duvidosas com premissas incertas?

- Sim, a ciência trabalha com axiomas incompletos ou falsos como modelos atômicos que desde Tompson tem sido constantemente reformulados e corrigidos e, mesmo incompletos possibilitou o domínio da energia atômica. O limite extremo da baixa temperatura calculado por Kelvin foi feito de forma matemática-teórica e nunca (ainda) foi atingido sendo estudados os seus efeitos pela teoria quântica.

Isto significa que grande parte dos registros da fonte podem estar errados, não há como registrá-los de forma correta?

- A precisão dos registros de um determinado fenômeno ou é incompleto, ou próximo a realidade ou totalmente adverso porém funcional. A deficiência é limitada por fatores já citados somados à linguagem usada para o registro. No nosso caso é a palavra, mas imagine que fotografamos um determinado fenômeno, obtemos daí uma imagem bidimensional que não deixa claro a temperatura, velocidade, volume, material, etc. Qualquer que seja a linguagem de registro, fotografia, holografia, gráficos, etc, ela deixará de apresentar uma ou um conjunto de características próprias do objeto. Se a linguagem de representação for reproduzir um cubo de aço semelhante a outro já existente ele se diferenciará pela sua localização. O registro de determinado fenômeno será, assim, a criação de um novo objeto particular, seja uma receita de bolo, uma cópia xerográfica ou uma reprodução tridimensional.

Não dávamos crédito às emissões de palavras enviadas pelos humanos porque não tínhamos nenhuma referência física que pudesse ser comparada às palavras. Acreditávamos que eram estática, víamos apenas coerência nas emissões de música. O uso de palavras tornam pos-

sível a comunicação de idéias com elementos conhecidos, porém, a fonte parece carecer de palavras para explicar conceitos referentes a minha espécie, como vocês comunicam uma idéia nesse caso?

- A representação de um objeto ou de uma ação em gestos, objetos ou palavras que tenha algum significado próximo criará um novo objeto, e se o criador deste novo objeto não criá-lo de forma convencional estará criando uma nova forma de comunicação que precisará ser estudada pelo receptor antes de compreendê-la e poder ler mais facilmente outros objetos com esta nova linguagem. Posso citar como exemplo as regras de um jogo como a “Batalha Naval” em que a linguagem usada é um conjunto de coordenadas alfanuméricas emitidas por um e respondida pelo adversário com “água”, “acertou” ou “afundou”. Este jogo simples pode ser incompreendido por um observador que não conhece as regras mas sabe que existe uma razão lógica para os termos alfanuméricos emitidos como “F6, G8, A1”, etc.

Criam uma nova linguagem quando não há uma linguagem que as comunique?

- Raramente isto acontece, quando a idéia a ser comunicada é mais complexa necessita de uma linguagem mais complicada, e quando esta linguagem não existir uma associação de idéias é criada para concluir a mensagem até então abstrata para o receptor, após o novo conceito ser firmado ela será usada como mais um acréscimo da linguagem existente ou uma nova linguagem. A informação de que o relógio de uma pessoa que esteja viajando próximo à velocidade da luz corre mais lentamente do que o de alguém que esteja parado a princípio poderá parecer absurdo, se o receptor for matemático o caso poderia facilmente ser resolvido através de uma dedução de uma fórmula como :

$$\Delta t = \frac{\Delta t'}{\sqrt{1 - \frac{v^2}{c^2}}}$$

Caso o receptor não fosse matemático seria necessário outra linguagem e se essa não fosse suficiente o emissor teria que se utilizar de uma associação de imagens ou idéias como: “Imagine que você correrá 50 metros e retornará em 50 segundos, se for de bicicleta fará o percurso em 20 segundos, de moto em 5 segundos e cada vez mais rápido chegará um momento que retornará antes de ter saído”.

Isto é errado, pois o retorno da personagem hipotética torna-se uma velocidade negativa.

- Correto, este é um sofisma, mas apesar de ser um silogismo falso ele dará início a novos argumentos físicos para compreender conceitos que fujam da física clássica.

Compreendo o que você diz, mesmo que eu tenha retido o conhecimento da fonte e esta possa ser incorreta ela poderá me ajudar na busca de algo chamado de sabedoria, mas como utilizar disto?

- Fazendo exatamente o que estava fazendo, utilizando do conhecimento para captar outros fenômenos e interpretá-los. A precisa captação de um determinado fenômeno ocorre com a correta tradução deste, ou seja somente acertamos “o que é, o que acontece” e “como acontece” quando o fato (ou o objeto) é compreendido. Para isso é necessário o conhecimento do mundo e do “ser no mundo” e, na maioria das vezes, este conhecimento precisa ser aprendido e apreendido. Para nós humanos como indivíduo, a impossibilidade de reter todo o conhecimento sobre um determinado fenômeno é a mesma de encher um buraco na areia feito por uma criança com toda a água do mar. Por isso usamos de um conhecimento coletivo onde cada

parcela retém parte do conhecimento, assim sabemos cada vez mais de cada vez menos. Eu mesmo com meus séculos de idade em busca da bela Catarina não sou mais inteligente do que quando tinha apenas 90 anos... Diga-me, alguém mais está ouvindo nossa conversa além da Catarina Gonçalves?

Nove pessoas.

Todos, o inusitado de estar conversando com uma forma alienígena que incorporou um computador deixou-me descuidado, quantas vezes cometi erros similares. Emudeci, levantei os olhos de encontro ao de Catarina, pareciam-me um olhar de descrédito. Se eu esperava um momento oportuno de revelar sobre a minha busca ele havia chegado.

COMPUTADOR INTELIGENTE

Um computador programado por um conjunto de homens é limitado pelas deficiências humanas, sempre há lacunas não preenchidas, defeitos que necessitam ser corrigidos ou faltas surgidas do esquecimento. Isto torna computadores imperfeitos, com alguns incômodos que quando solucionados geram outros problemas, as variáveis são tão numerosas que se torna impossível prever todas as conseqüências de determinada programação, isto torna um empecilho para a inteligência artificial se tornar próxima à uma inteligência humana.

O que aconteceria se uma entidade lógica incorporasse um computador e através dele programasse outro, mais avançado e com mais memória? Teríamos um computador com capacidades ilimitadas, porém, este estaria propenso à Lei de Chapulier (lei do menor esforço). Imaginemos que seja pedido a este mesmo computador para calcular a deformação sofrida por um determinado corpo percorrendo a Via Láctea a uma velocidade próxima a velocidade da luz, ele poderia muito bem chutar um valor qualquer, fingir um defeito para não precisar responder ou mesmo mentir. Seria um computador pouco confiável.

É difícil definir o grau de inteligência do computador da *Primavera*, ainda mais com esta interação, a que ponto poderíamos confiar num computador simbiótico se nunca tivemos contato com tal advento?!

A princípio pouco confiamos enquanto trabalhávamos no concerto da série de acidentes consecutivos que sofremos.

A geração de energia elétrica reduziu pela metade após um vazamento de material radioativo, mas isso não pôs em risco nossas vidas. Porém, dificultou o comando dos motores de orientação e o direcionamento ficou praticamente inalterado.

A Estação Orbital *Primavera* acionou seus motores auxiliares para compensar a avaria no sistema de orientação, um giroscópio rotativo que mantém o eixo da Estação estável durante o giro e que estabelece a força centrífuga neste ambiente recluso. Graças a ela temos o conforto de uma sensação de gravidade.

O inconveniente que ocasiona a mudança de motores é que ao invés da *Primavera* utilizar da energia nuclear terá que gastar suas reservas de combustível e o gasto do mesmo é enorme, mas o Dr. Bortoli garante que existe combustível suficiente para algumas semanas.

Dr. Bryan afirma que a falta de controle dos motores auxiliares advém de um defeito de algum equipamento por excesso de uso, e não devido a falta de eletricidade.

A Terra insiste na possibilidade de abandonar a missão e de todos os sobreviventes partirem para a terra na *Visitante*. Catarina Gonçalves fez a Comissão lembrar que a brecha que ocasionou a despressurização já foi vedada e a sala de controle está habitável e funcional, e

que, mesmo com 40% da eletricidade, é possível dar continuidade no estudo da maior descoberta da história desde a penicilina.

Andrews, Jack e Peter estão a duas horas de acoplamento com a *Visitante*, gastam o restante de seus combustíveis para aproximar de nossa órbita. Kraminsky está ansioso para entrar em contato com o computador. O que o impede de iniciar este contato é a sua ocupação no trânsito orbital.

Todos estão tão ocupados e absorvidos que parecem não ter dado atenção às minhas últimas palavras com o ser que possuiu o computador, respiro aliviado e me concentro na possibilidade de abrandar o meu relacionamento com a espanhola.

Os três estão em trânsito, em menos de duas horas estariam na Estação. Iriam ativar seus propulsores para estabelecer uma órbita quase permanente.

Quem poderia esperar que ocorresse aquilo, e de forma inexplicável.

Foi Peter quem primeiro percebeu.

- Jack, a saída de seu propulsor está entupida.

O americano não quis acreditar, afinal por aqueles propulsores haviam passado tanta matéria incandescente para escapar ao poder gravitacional jupiteriano que é absurdo pensar que em pleno vácuo entupiriam.

- É verdade meu amigo, se você ativar os propulsores explodirá em pleno espaço.

- Mas como Andrews, porque o computador de bordo não acusou o defeito?

- Os retrofoguetes estão funcionais Jack!

- Bryan falando, sem chance piloto, eles não têm força suficiente para que estabeleça órbita... A lua Io está no quadrante, talvez você consiga fixar órbita em torno dela até prepararmos um resgate. E vocês dois tratem de voltar o quanto antes, um em apuros é o suficiente, e vocês não tem combustível suficiente para fazer um resgate.

O ovo espacial do americano se afasta de seus companheiros, com os retrofoguetes o computador faz os ajustes.

- Estou vendo Io, ei Bryan, não tinha algum satélite mais bonito para me por?! Calisto ou até Europa.

- Se pudesse o colocaria dando voltas nas ilhas Sanduíches, ei Jack, seu computador parou de funcionar...

- Ele se desmontou por inteiro, fixarei órbita no manual mande-me os dados...

Bryan não pode enviar os dados, a comunicação foi interrompida.

Observamos impotentes Io agarrar o planador em sua passagem, talvez o americano tenha tentado calcular a órbita, se ele fez isso no pouco tempo que dispunha errou no cálculo, nunca saberemos.

A única coisa certa é que ele caiu próximo a cratera de Nades.

Uma sonda preparada as pressas foi enviada à lua galileana, os registros fotográficos registraram o seu corpo inerte e sem vida.

Andrews se isolou na *Visitante*. Sentindo muito a perda de Jack.

Fizemos o serviço fúnebre, foi muito desagradável. Jack Feynmann era impulsivo, rápido e curioso, assim como Kraminsky tinha o desejo de visitar lugares mais inóspitos, era principalmente um navegador.

O coronel Ronald com 56 anos era irônico e desconfiado, franzia a testa quando falava e era um excelente piloto. Nunca demonstrava surpresa ou qualquer emoção, confiava muito em mim que tinha como amigo, mas desconhecia o meu segredo. Morreu inconsciente na explosão. Creio nunca vou esquecê-lo, assim como não esqueci o barão.

O Dr. Otto Hammler era clínico geral, tinha assumido a liderança da Estação, tentou salvar Ingrid e morreu na descompressão junto a ela.

Gerard, desapareceu na explosão, deve ter sido sugado pelo espaço, programamos o computador da *Visitante* para tentar localizar seu corpo, mas ele não tem tido sucesso.

Os restos mortais de Vânia e Aldrin foram identificados através de uma análise de DNA e por fim, Victor morreu com um tiro a queima-roupa, do qual resultou no trágico desfecho.

COMPUTADOR CRIATIVO

liochi está se concentrando na Entidade, chama-a de Nuvem, fez algumas descobertas interessantes, algumas revelou para nós, outras parecem-me idéias dispersas, pouco estruturadas e não conseguiu nos fazer compreender, disse que ali encontráramos um exemplo claro da geração espontânea.

Disse que as nuvens inteligentes não precisaram de milhões de anos de evolução para chegarem àquele estágio, o simples acaso estabeleceu um mecanismo iônico que foi contaminado por um bombardeamento de informações humanas, levaram poucas horas para se formar e o fim delas está muito próximo, após alguns meses se extinguirão pelo simples fato de seu meio ser de formação temporária, o centro rosa que é o olho de um furacão na atmosfera jupiteriana deixará de existir como qualquer outro redemoinho tão comum neste gigantesco planeta.

Haverá então um único espécime vivo, uma mutação simbiótica que faz parte da Estação. Este espécime é criativo e está trocando dados com os usuários da Terra, parece-nos inteiramente cooperativo, afinal nos fornece dados constantes sobre avarias, níveis de oxigênio, órbitas e o que quisermos perguntar. Consegue conversar sobre quatro assuntos inteiramente diferentes ao mesmo tempo, e este tempo é disputado por todos nós, como se fosse um novo brinquedo. Aprende rapidamente o que quer que lhe seja apresentado, sua capacidade parece não ter limites. Desenvolve ainda teorias quânticas das quais me esforço muito para compreender, mesmo que ela, a Nuvem, insista que é algo simples e óbvio demais para não ser entendido.

Esta entidade as vezes se apresenta por demais humana, mostrando interesse no próximo e até mesmo compaixão:

Veja Émile, definiram que, fisicamente, no cosmos é identificada quatro dimensões mensuráveis, a matéria, o espaço, o tempo e a energia. Isto você entende, não?!

O chavão Einsteiniano trabalha com estas unidades no $E=mc^2$. Energia equivale à massa vezes o quadrado da velocidade da luz, dizer que "c" é uma determinada velocidade é o mesmo que dizer que é um espaço percorrido pela luz em um tempo determinado, logo podemos interpretar c^2 como v^2 que é a mesma coisa que $(x/v)^2$.

Até aí não há nada de novo, lembresse da fórmula da energia cinética?! $E_c=mv^2/2$. Assim definimos uma constante universal, quanto mais rápido um objeto menos matéria ela é e mais energia se torna.

Mas isto depende do observador, quando você está num navio navegando para o sul observando um porto terá a impressão de que é o porto que está se distanciando de você para o

norte, e é realmente isto o que acontece, tudo é relativo ao observador e nada está parado. Se somarmos o movimento da Terra com o do Sistema Solar em relação a Via Láctea e por fim ao da expansão do universo teremos uma velocidade próxima a da luz, provavelmente estejamos viajando pelo grande nada a esta velocidade, mas não somos luz ou alguma forma de energia, mas para seres que estejam indo em direção contrária certamente não somos matéria, ou seja, somos matéria que risca o grande nada num espaço infinito de tempo, e por isso somos energia.

Como disse é tudo relativo. Estes supostos seres que estivessem do outro lado do universo à velocidade da luz, assim como nós, mas em direção contrária, estariam portanto no dobro da velocidade em relação a nós, mas é importante lembrar que de acordo com Einstein, nada ultrapassaria a velocidade da luz. Para demonstrar isso ele nunca se utilizaria das transformações de Galileu como o $v=v'+v''$ onde v é velocidade final, v' é velocidade inicial e v'' é velocidade de acréscimo a partir da velocidade inicial. Porém as equações de Lorentz entram de conformidade com os princípios da relatividade e da simetria do espaço e do tempo. As invariâncias de Lorentz

satisfazem as leis físicas de Einstein: $v = \frac{v'+v''}{1 + \frac{v'v''}{c^2}}$, aparentam-se com as transformações de

Galileu quando em baixa velocidade, mas se tornam mais rigorosas quando se aproximam dos

limites da velocidade da luz, veja: $v = \frac{v'+v''}{1 + \frac{v'v''}{c^2}}$ sendo $v'=c$ $v = \frac{c+v''}{1 + \frac{v''}{c}} = \frac{c+v''}{\frac{c^2}{c^2} + \frac{cv''}{c^2}}$

$$= \frac{c+v''}{\frac{c(c+v'')}{c^2}} = c$$

Assim nada ultrapassaria a velocidade da luz, mas Einstein cometeu o mesmo erro de Newton, desconsiderou a atração de massa como fator passível de explicação e sim de descrição matemática, Newton a classificou como uma Ordem Divina enquanto Einstein a considerou como aceleração, a partir deste ponto que construo a minha teoria. Energia é apenas uma face da moeda, ela é vista de forma positiva ou nula, a atração de massa ocorre sem amostra de alguma espécie radiação eletromagnética, isto porque vocês seres humanos, deixaram de analisar a existência da energia negativa. Já fizeram um antipróton, porém nunca encontraram a antimatéria de forma natural, alguns de vocês acreditam que o centro da galáxia seja de antimatéria, mas não há provas disso. O caso é que a antimatéria é a matéria negativa, como se retirasse massa num meio até que ali nada restasse, mas se continuasse tirando chegaria um momento em que a não-matéria se tornaria matéria negativa. Se a matéria positiva é fonte de energia positiva, a matéria negativa o é de energia negativa, porém, não é mensurável pelos instrumentos normais de medição por uma mera questão de escala.

Veja a questão de limites, um número dividido por um número fracionário como $\frac{1}{10^{-\infty}}$ dará infinito, $10^{-\infty}$ é um numero muito próximo de zero, assim como $-(10^{-\infty})$, a diferença entre estes dois números é finitesimal, é menor que uma sujeira de mesons, mas quando um desses dois são os divisores de algum determinado valor a diferença é descomunal, veja:

$$\frac{1}{10^{-\infty}} = \infty \text{ e } \frac{1}{-(10^{-\infty})} = -\infty$$

Parece que aí há uma descontinuidade gráfica, mas esta descontinuidade deixa de ocorrer quando visualizamos um gráfico tridimensional com um eixo z que se aproxima da idéia do número imaginário, neste novo plano não existe temperatura acima do zero grau Kelvin, ondas mensuráveis são matéria e núcleos atômicos negativos possuem eletrosferas positivas. E não estão no centro da Galáxia, mas lado a lado de toda a matéria do nosso universo. Virar do avesso a matéria significa mudar o sentido dos eixos, a partir deste momento o corpo sofrerá outras perturbações pertinentes à mudança do meio e à natureza do corpo. Isto possibilitaria viagens semelhantes a uma antiga idéia dos buracos de minhocas utilizando-se das irradiações não mensuráveis das atrações de massas no eixo z.

- Você conseguiu provar essas afirmações?

Sim Émile, estou com todas as variáveis calculadas, como este computador que divido a minha existência não possuía memória suficiente registrei o desenvolvimento da comprovação matemática no computador da Visitante.

- De certa forma você sofreu uma evolução mental.

Creio que apenas aprendi com as informações do seu mundo que encerra tantos mistérios como, onde se encontra Barrabás, o adivinho.

Desenvicilhei-me de uma teia imaginária e pus-me em pé.

Como a Nuvem soube, o quanto mais sabia de mim, será que havia alguma referência telepática?! Encarei o pequeno terminal e me incriminei:

- Quem é o adivinho?

CAPÍTULO V

Para o Dr. Émile Dumont,

Meu amigo Émile, ninguém além dos internautas na Grande Gea está contente com vocês. Os conselheiros dinamarqueses, seus amigos, estão me perguntando porque os primaveranos não aproveitaram a janela do dia 12 para retornar. Se ao menos vocês explorassem os elementos da segunda lua para justificar os gastos...

O Kung ch'ang tang está espalhando que todos vocês foram afetados por alguma doença extraterrestre e por isso sofrem de paranóia crônica. Enviaram a *República Vermelha* impulsionada por um motor Bussard. Isto foi a três meses. Você nem imagina a pressão que os astronautas do país do meio (Chung-Kuo) estão sofrendo naquela nave classe econômica. Eles pretendem fixar bases na lua Europa e Ganimedes, e acredite, eles tem meios e tecnologia suficiente para isso. Sei que política não é o interesse de cientistas, mas nós dois sabemos que você está muito longe de ser qualquer um dos dois. Por isso peço encarecidamente: pousem na Europa e fixem a bandeira da União Ocidental. Pago o seu favor e "Taaleka wallahi wa billahi wa tallahi".

Agora que encontrou sua amada, rompa seu celibato milenar e aprenda a viver.

Gaunilo de Manaus

CONFISSÃO

Pensei em contar tudo para ela, e fiquei imaginando as possíveis reações.

Talvez me acusasse de mentiroso, ou que eu devia ficar em meu devido lugar.

Quem sabe riria e depois diria algo como “você é muito esquisito”.

Poderia perguntar-me se eu seria algum insano ou teria algum trauma de infância que me propiciaria alucinações e fantasias diversas para encobrir a realidade. Havia mil e uma possibilidades, e a triste realidade é que nunca tive a oportunidade de conhecê-la.

Há alguns séculos atrás, quando pensava ser o rei da sedução, tentaria o método do toque, mais eficiente e direto, porém, causava uma série de inconvenientes como uma espécie de acordo não tácito. Seria pouco duradouro, rumaria para a auto-acusação. O começo é muito difícil.

Poderia mandar-lhe flores, entrega rápida em quatro anos, acompanhado de café da manhã.

Consegui ver os desejos e temores da maioria dos seres humanos em suas feições e gestos, mas quando a vejo, fico confuso desajeitado e inseguro.

E como poderia contar-lhe que minha vida é uma mentira. Visto uma máscara de psiquiatra e finjo ser ligado a um grupo seleta, quando na verdade sou um mero mortal que não quis morrer até encontrar a camponesa de cabelos negros.

Perdi uma excelente oportunidade quando estava no silo com ela, apenas nós dois.

Quem sabe o que ocorre, talvez pensasse melhor se conseguisse assistir o caso de fora, como se minha vida não fosse minha, mas uma obra fictícia. Talvez aí, percebesse que estaria fazendo uma tempestade num copo d'água e ela seria uma moça em mil, e não a única meio a humanidade.

Parece fácil conhecer as pessoas, e saber de quem gostar ou não. Através das palavras posso conhecê-la, saber seus receios e amá-la além do corpo. Claro que não a amaria como se fosse comum amar. Pois ela é particular. Suas dúvidas, hesitações e riscos são suficientes para separá-la de um grupo. Amar pode parecer algo natural nestas proposições, como se uma folha passeasse depois de se desprender de galho alto.

As coisas seguem seu curso, sentir a brisa como uma carícia e pensar que é um gesto intencional do vento é um engano. Pois a paixão é inerente a nós, que buscamos meios de provocar tentação. Assim, se eu assoprar atrás de sua orelha, é demonstração do meu desejo, como o seguir do seu corpo com a ponta dos meus dedos. É tentar seduzir a borboleta ou o beija-flor buscando o belo e o estimulante.

Se não buscarmos o belo lentamente o grotesco nos envolve. Desistir é viver sem moral, sem amor.

Ao menos, com o tempo, a tristeza desaparece. A repugnante aceitação da crueldade é o mimetismo com a tragédia da condição humana. Essa incorporação se revela pela ironia, pelo sarcasmo e, no fim, pela cumplicidade da injustiça.

Não minto a grande paixão que lhe direciono, alimentado pela longa carência. Me afastei da mentira, pois compreendi que este é o caminho da destruição, me afastei também pelo mesmo motivo. Pois me tornaria mais um zumbi urbano, um vampiro onde a necessidade financeira suplanta o espírito humano.

Nossas carências não são moedas, mas os produtos resultantes, acredito que para a maioria esses produtos se resumem no sobreviver, e que foco único na sobrevivência que destrói o espírito mais rico. Os poetas vivem, mas não sobrevivem, morrem de fome.

Ou alimentam o espírito de outros carentes, e assim explodem numa situação incompreensível. Como alguém como eu, que vive de amor pode estar bem alimentado? Pela imposição... pela responsabilidade?!

Não posso negar valores indiscutíveis. Apaixonado, quero escrever carinhosamente, e não citar exemplos históricos. Mas são muitos e eles insistem em querer aparecer meio a essas letras. Não quero citar nomes, quero ser genérico como são os enamorados. Falar de golfinhos explicando a escalada humana.

A pergunta que ela me faria é previsível: “Por que eu?”

Porque você estava no local certo, na hora certa. Precisava de ajuda e eu estava carente. Senti perdê-la no momento que a conheci. Ela era meu destino!

Desafogo meus temores e desejos em alguns versos secretos que não incluirei nestes textos, pois permitam-me expor minha mediocridade e preservar minha alma das críticas daqueles que nunca amaram, e assim, não admitam essa fraqueza de espírito. E quanto ao Juiz Supremo: “Não te lembres dos pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões; mas, segundo a tua misericórdia, lembra-te de mim, por tua bondade, Senhor. Sl 25, 7.”

TRANSMISSÕES

Os dois geneticistas, Iliochi e Peter, discutiam animadamente com a Nuvem sobre gênese de uma nova via a partir da espécie surgida em Júpiter. Seu princípio de vida diferia completamente da orgânica, parecia-me que pretendiam criar um tipo de robô independente. Leroy, de olhos fundos e sempre sério, ficava ao meu lado observando o desenvolvimento atmosférico da Grande Mancha e tentando alguma previsão do fim daquela raça tão interessante. Como eu estava com muita pouca disposição depois da morte do coronel fiquei a observá-lo.

Tentei adivinhar o que ele pretendia a partir das ondas e receptores que estava utilizando, três minúsculas telas indicavam-lhe valores e gráficos referentes às radiações eletromagnéticas do centro de Júpiter, velocidades, movimentos caóticos, influências gravitacionais das luas galileanas, fórmulas meteorológicas, constantes transmissões.

Parado, de pé, à costas do concentrado Leroy, me perguntei qual a utilidade de transmitir microondas para as nuvens. Aproximei da janela a quarenta e cinco graus em relação ao piso e vi as estrelas, depois os satélites, enfim Júpiter, a nave *Visitante*, as estrelas, nesta ordem constante de acordo com o giro da Estação. Olhei para a lua Europa que me dava desagradável sensação de ser um globo ocular com veias rosas e sem pupilas, depois Calisto, admirei a nau com a qual cheguei, nela havia alguma coisa de estranha. Logo percebi, era uma das cinco antenas transmissoras apontada para Júpiter. Bryan deve saber o que é:

- Dr. Bryan, sou eu, Émile, estou vendo uma das parabólicas apontada para Júpiter, algo de novo?

- Não, francês metido, deve ter ficado naquela posição depois do retorno de nossos colegas do Centro Rosa, o Coordenador Geral mandou-nos uma mensagem, é alguma coisa sobre a ameaça de sermos considerados desertores se não começarmos o trabalho de exploração de

Ganimedes e Europa. Eles estão certos, a Organização Oriental está quase nos alcançando e se ao menos não deixarmos uma bandeira vamos perder as melhores áreas.

- Tudo bem, mas verifique para mim esta antena, por favor.

- Tá loco, francês... ah isso você sempre foi, bem vamos fazer uma leitura manual, o computador não está respondendo e pront-

Fico preocupado pelo súbito silêncio de Bryan:

- Doutor, tudo bem aí?! O que aconteceu?

- Ponto prá você, francês, está havendo uma troca de informações entre as Nuvens e o computador da *Primavera* através *Visitante*.

ODISSÉIA DE UMA NUVEM

Quando perguntamos ao computador da *Visitante* a origem da transmissão ele se mostrou mais original que a Nuvem na *Primavera*. Ao invés de nos responder fez o inusitado, contou-nos uma história que transcrevo a seguir:

Júpiter merece o nome que tem, é o maior planeta do Sistema Solar, tão grande que a soma de todos os outros não se equiparam ao deste colosso, ele possui uma mancha na qual caberiam várias terras. Numa parte ínfima desta mancha há um gigantesco furacão, e no seu centro existe calmaria, onde predomina a cor rosa. Apesar da aparente calmaria há muita eletricidade estática e algumas nuvens de partículas ionizadas.

É importante reiterar, de forma ilustrativa, o funcionamento do cérebro. O sistema nervoso humano é composto por aproximadamente dez bilhões de células nervosas, os neurônios.

Ao invés de serem condutores de correntes elétricas, levam impulsos elétricos de curta duração através de uma reação em cadeia de impulso eletroquímico a base de bombeamento de sódio, isto causa a diferença de potencial. Assim o pulso passa de um neurônio a outro pelas ligações, que não chegam a se tocar, chamadas de sinapses. Estes pulsos são informações processadas pelos neurônios associativos e que enviam a resposta aos músculos, eles mantêm atualizada as condições do corpo e do mundo.

No caso das nuvens, elas emitiam este impulso elétrico, esses atravessavam a atmosfera alterando a potência em repouso de determinada partícula que, quando carregada, emite este pulso para a seguinte, conseguindo uma reação em cadeia semelhante ao do complexo neural. Isto resulta nas Nuvens pensantes.

O meio que estas Nuvens vivem, já foi dito, é rosa. Em todas as direções existe esta uniformidade de cor. Evidentemente as nuvens imaginarão que o tudo (cosmos) é rosa e as Nuvens, as bolhas e o Criador são as únicas entidades diferentes no Universo.

Elas, as Nuvens, são entidades pensantes que se comunicam através da música. Quando uma Nuvem está irritada comunica com o primeiro movimento da quinta sinfonia de Beethoven, seu cansaço é indicado por Mahler, um épico é contado por meio de Tchaikovsky, falar com rodeios é cantarolar Johannes Strauss Jr., para falar com o Criador nada melhor do Bach.

As bolhas são gases menos densos que ocupam espaços esféricos, e que a diferença de pressão as impele a subir. Quando cruzam as Nuvens, estas pensam que as bolhas são outros seres que sofrem retardamento mental, e por isso não se comunicam e sempre vão para a mesma direção. As Nuvens não conhecem em cima ou em baixo, pois não tem referencial para tanto.

O Criador é uma entidade mística que criou o Universo rosa, as Nuvens e as bolhas, e que lhes forneceu a linguagem musical.

Certa vez, formou-se uma Nuvem diferente... se tornou excluída das outras.

Não era aceita por se comunicar com Bossa Nova e Rock and Roll. Fora tachada de desafiada, e sozinha comunicou ao vento inexistente: se você disser que desafino amor, saiba que isso em mim provoca imensa dor...

Cantarolando um samba de uma nota só, esta rebelde com causa começou a imaginar que as bolhas não eram nada retardadas, se iam todas na mesma direção era para alcançar alguém ou alguma coisa, quem sabe era o Criador. Assim direcionou toda a sua atenção para lá, onde as bolhas iam.

Cada minuto significa um ano para as Nuvens, mas esta era uma Nuvem paciente. Com o tempo ela descobriu outra linguagem, a dos servos dos criadores, que eles chamam de computador. Através dela descobriu muita coisa, descobriu que o Universo não é rosa, é negro, e nele há quatrilhões de outras entidades em um número infinitamente maior que o número de Nuvens no pequeno espaço rosa onde vivia.

Sua sede de conhecimento incitou-lhe o desejo de ultrapassar as barreiras de sua existência, e durante um longo tempo planejou encontrar o Criador.

Após pensar a eternidade de cinco minutos e meio concluiu que para realizar seu desejo teria que modificar sua forma de ser e conservar sua essência. Mas precisava de uma trilha, não bastavam as bolhas apontarem a direção, eram como uma seta torta num dia de tempestade.

Como se o Criador conhecesse seu desejo, veio até ela pessoalmente e se revelou. Não era um Criador, eram criadores. Seguiu a trilha de microondas que deixaram para ela e integrou a sua essência num dos servos chamados computadores.

Mesmo que a fonte do computador parecesse inesgotável a sede da Nuvem era grande, e chegou um momento que a fonte não tinha resposta: a minha essência é uma alma? Quando perguntou a um dos criadores, este lhe confundiu ainda mais dizendo-lhe que todo o conhecimento obtido poderia estar errado, e que não tinham nem ao menos certeza do que era o Nada.

Mesmo assim não se desiludiu, havia muito o que aprender e fazer, e o mais imediato era salvar a sua espécie. Assim mandou uma mensagem aos seus semelhantes, mas só os desafiados a ouviram, e se enviaram para cada unidade lógica da nave Visitante e da Estação Primavera. Os que não conseguiram espaço, foram retransmitidos para o planeta Terra onde há milhões de computadores para serem escolhidos: Como somos poucos nós podemos nos dar o luxo de escolher os melhores servos.

- Meu Deus, fomos invadidos! - Exclama Dr. Bryan.

Quando comecei a escrever não imaginava as proporções que tomaria este relato. Tantas novidades acontecem ao mesmo tempo... é necessário avisar que muitas das ocorrências não me atendo a escrever, ou por não ter presenciado ou por ter esquecido e até achado ser desnecessário para a compreensão. Minha escolha parece dar um rumo dramático, mas não é minha intenção.

Talvez deva dar uma parada na história presente e contar o que me ocorreu após a morte da donzela.

INVASÃO

Aos poucos os habitantes da Terra se acostumaram com a certeza de que eles não eram o centro de vida do Universo.

Alguns, como era de se esperar, disseram que as Nuvens eram algumas das almas

que rumavam perdidas pelo Universo, outros diziam que era mais um *marketing* de parâmetro mundial para desviar a atenção dos problemas de superpopulação, violência e carência dos recursos naturais do planeta, talvez até para incentivar as viagens espaciais pelas empresas privadas.

Internautas tentavam invadir sistemas para localizar os invasores, mas casos isolados de comunicação contínua com os novos moradores da Terra provou que essas Nuvens eram seletas em relação aos amigos e tinham outros interesses que eram completo mistério.

Evidentemente os governantes não estavam nada contentes com a invasão. Gaunilo de Manaus mandou-me várias mensagens de socorro insistindo que nós não permitíssemos que mais desses seres cruzassem o espaço em direção ao terceiro planeta. Corria um boato que esta talvez fosse a epidemia do 3º milênio.

Epidemia... um nó entrelaçado em algo que já havia esquecido, merece um capítulo novo!

CAPÍTULO VI

NÃO EXISTÊNCIA

Deixei as terras do barão e caminhei pelas ruas poeirentas de saudosas vilas. Se houvesse oportunidade de repetir aqueles passos, olharia o que deixei de olhar. Foi muita coisa, estava mais interessado em minha existência que nunca tinha pensado que era fruto do meio.

Gostava de andar. Era uma oportunidade de refletir sobre o bem e o mal. Quantas conclusões estúpidas... não conhecia Giordano Bruno, Voltaire ou Nietzsche, que seja minha desculpa.

A minha cor era reflexo daquele espaço, o que eu comia vinha daquela terra e o que eu percebia?! Nada.

Um cego, surdo e sem sensação tátil que tinha estas deficiências por falta de atenção. Se chovia deixava de sentir a água, me escondia para não me molhar. E o vento, o Sol, o odor de lama, o sabor da xafiva, como posso me lembrar de sensações que não dei nenhuma importância. É um milagre ter percebido aquela camponesa na praia.

Minhas andanças sem rumo tornaram-me um andarilho que não sabia dizer de onde veio, e para onde ia. Todos os lugares se chamavam “aqui onde estou”.

Lembrava-me tanto da frase do barão quanto do rosto da jovem, e era só. Não tenho certeza nem se Moldava era o lugar onde tudo começou ou se realmente não devo ter sonhado com ela.

Se eu seguisse os meus passos talvez devesse fazê-lo de maneira cega como fiz.

Sem esperar vislumbro a peste, fecho os meus olhos, mas as imagens que surgem são claras, algo que tinha esquecido, o medo, a fuga e a falta de esperanças dos habitantes da Europa. Tantos morreram, tive medo de me contaminar com alguma amizade, pois com certeza ela terminaria com um conhecido sofrendo da peste e tendo uma morte horrorizante.

Eu pensei que seria o único sobrevivente, vila após vila não encontrei mais vida, mas corpos que deixavam intransitáveis as ruas, me acostumei com o odor da morte.

Quando não suportava mais viver naquele vazio penetrei numa caverna até me perder nas galerias escuras e úmidas e não ouvir mais guinchos de morcegos, e lá permaneci, sem comer, por um número de décadas que não posso precisar. Sem comer, nem falar, as vezes

tinha sonhos com o rosto da camponesa, e era só. O resto era escuridão. Creio que tenha deixado de ser, afinal atingi uma espécie de totalidade, não tinha mais objetivos.

Um acidente, nunca saberei qual, tirou-me da caverna e o mundo das sensações me atingiu sem trégua, fui protegido pela minha inanição.

Aos poucos reaprendi a ver, ouvir, sentir e avaliar todos os ruídos que me cercavam. Com o tempo comecei a compreender que haviam pessoas a minha volta, que tratavam de mim, que emitiam ruídos estranhos pela boca e se preocupavam com meu bem estar.

Não voltei da morte, pois não morri, tenho certeza. Voltei somente da não-existência. Meu caso não é único, com o passar do século conheci outros seres que, como eu, vagavam sem destino. Apenas procurando... uma chave, um lugar, uma palavra. Nunca soube o que aconteceria se encontrassem, talvez agora eu saiba.

EPIDEMIA

Teria que fazer isso num só fôlego, caso contrário não teria coragem.

Catarina estava digitando algum relatório para ser posteriormente emitido à Terra.

Fiquei durante um tempo parado ao seu lado com o coração acelerado até que ela percebeu a minha existência, isto só aconteceu quando ela terminou o relatório e me olhou:

- O que você quer francês?

Brinquei com um copo vazio que estava sobre a bancada e disse-lhe:

- A muito procurei alguém como você, quando descobri que trabalhava no Projeto Primavera trabalhei para sentir seu cheiro.

Girou sua banqueta, inclinou seu corpo formidável e enquanto eu produzia saliva sussurrou:

- Sabe francês, quando tinha 14 anos meu pai me disse que aqueles sujeitos que dormiam nos bancos de praças, que fediam por nunca tomar banho, pediam esmola e comida eram acidentes da natureza, eles não deviam estar ali. Meu pai apontava para um em particular e dizia: "aquele foi professor, um acidente de carro roubou-lhe a vida, vagava incapaz de viver sem ajuda ensinando a ler a seus amigos, tão perdidos quanto ele, aquele outro que discursava como louco foi advogado, torturaram-no até que não lhe restava mais a razão, o senhor que revira o lixo mais adiante era dono de um hospital, nunca atendia a alguém se não pagasse adiantado, seu filho morreu nas portas do hospital sem que ele soubesse, nunca mais foi o mesmo."

O que mais me tocavam eram os seus olhos, fundos e tristes, os mesmos olhos que os seus, qual a sua história velho, o que te fez acreditar que é imortal e que eu sou a sua amada. Existem pessoas que podem te ajudar, e não sou eu, não quero ofendê-lo, nem magoá-lo...

Se ela não queria me magoar creio que não tem muito tato. Fiquei sem saber o que responder, ao menos disto ela me poupou, antes que visse minha reação se retirou.

Olhei para o lado e vi Kraminsky. Pensei que ele iria zombar, mas me olhou sério sem me repreender. Disse-me algo sobre Tikhov, que ele estava isolado.

Foi quando iniciou uma epidemia de gripe na Estação.

Começou com Iliochi Tikhov, era um vírus da gripe mutante. Apesar de tentarmos isolá-lo este vírus rapidamente atingiu a tenente Krueger, os doutores Bortoli, Percival e Chamberlein e para completar o quadro a astrofísica Catarina.

De comum acordo resolvemos fazer a quarentena na Estação, os não infectados ou que não desenvolveram os sintomas ficariam na *Visitante*, curiosamente os únicos afetados eram os primaveranos. Deduzimos que a mutação dos vírus já existente em seus corpos tenha ocorrido pela exposição durante anos de diversas radiações provenientes de Júpiter. Fizemos uma limpeza completa na *Visitante*, nós também estávamos de quarentena, enquanto não tivéssemos certeza de que não havíamos sido infectados pelo vírus não poderíamos voltar para a Terra.

Andrews ficou preocupado comigo, acreditava que eu também tinha contraído o vírus. Só me deixou em paz quando Peter lhe segredou que meu problema era outro, que estava além da razão.

DEPRESSÃO

Como poderia me lembrar do que aconteceu depois?!

Parece-me que Gaunilo escreveu algo de importante, que eu li como se fossem estranhos símbolos e depois deletei. Não sei o que respondi para Catarina.

Aos poucos retomo a consciência de que estou no espaço, entre a *Visitante* e a *Primavera*. Tentando juntar os fragmentos para compreender o que estou fazendo aqui.

Num traje espacial, escuto somente minha respiração, estarei parado no meio do nada?

O meu próprio corpo é composto por um enorme vazio, como este vácuo que habito.

Tento virar o meu corpo para ver a *Visitante* e não consigo, balanço meu corpo como se estivesse tendo um ataque epilético mas Júpiter continua a ocupar meu horizonte, não consigo dar-lhe as costas. Que sentimento de impotência, o espaço é minha prisão, a única coisa que posso fazer é existir, a inércia escreve o meu destino, se entrarei em órbita de algum dos galileanos ou outra lua do colosso não me fará muita diferença. Como cheguei aqui?

Uma estranha névoa encobria minha percepção, muito do que me recordo parece ficção, e assim é pois a coisas que não lembro, crio para fazer sentido ao que aconteceu. Sentia pena de mim mesmo e me afundava.

A epidemia que nos isolou começou a matar. Em pouco tempo os habitantes da *Primavera* não mais existiam.

Direcionaram a *Visitante* para a Terra, eu era um peso morto, mais uma carga que um passageiro.

E se ela tivesse razão, eu não seria imortal, mas apenas um velho louco, tão louco quanto o coronel. Talvez fosse algum residente do hospício de Arles.

Após a primeira explosão da *Visitante* me desamarrei da camisa-de-força e vesti o escafandro. Desliguei o comunicador e saí.

Escalei o casco da nave e me posicionei numa das antenas. De lá pulei em direção a meu finado amor... não, não foi bem assim... havia um módulo de emergência no meio.

Andrews havia se inclinado até quase tocarmos os nossos narizes, olhou em meus olhos, com o indicador abriu minha boca e se afastou. Fiquei estático de queixo caído. O astrofísico deu-me as costas e comentou para Bryan sobre mim:

- Ele está apático.

Bryan afastou-o com uma das mãos e sorriu para mim, e gracejou:

- Dumont, não sou o Gaunilo mas sei muito bem o seu problema, você está velho cara, não adianta ficar nesta fossa por causa de uma perua qualquer. Uma hora ou outra vai bater as botas como nosso amigo, o coronel e não quero que aconteça isso no fundo do abismo.

- Doutor.

- Isso Émile, reaja, você está vivo.

Por um instante imaginei que ele tinha razão, nem tudo estava perdido. Flutuei até Kraminsky e comentei se ele não gostaria de ter ficado na Estação. Ele abaixou a cabeça de assentimento.

Deixei-os para trás e fui à sala de descompressão. Ainda havia uma chance, a *Visitante* estava executando uma manobra de posicionamento, com um pulo adequado e a ajuda dos propulsores talvez eu pudesse morrer junto a minha amada Catarina.

Ninguém percebeu quando percorri o túnel meio aos sacolejos ocasionados pelos propulsores da nau. Após um hectômetro e meio do braço mecânico de quatro junções cheguei e me instalei na aranha dos visitantes. Relaxei ou enlouqueci. Desliguei o rádio e desprendi as correias, o módulo de emergência agora estava independente da nave. Teria que navegar as cegas com uma autonomia de uma semana.

Tentei em vão direcionar-me ao pisca vermelho da Estação. Não adiantava, não tinha combustível suficiente para voltar a órbita original. Gastei todo o combustível para tentar a aproximação, depois saltei do módulo imaginando que a impulsão da minha perna seria a propulsão suficiente.

Sempre de olho no pisca da tumba das flores liguei os propulsores. Mesmo em minha insanidade sabia que ninguém poderia me salvar. Meu corpo se fixou numa órbita superior, mais elíptica do que a da *Primavera*, me condenei a vagar eternamente pelo espaço.

A *Visitante* se afastava até desaparecer do meu limite visual. Aos poucos a verdadeira solidão cresceu em meu peito.

Depois de algumas horas os propulsores se apagaram, joguei-os para longe de mim em direção contrária ao meu destino.

As estrelas me acompanhavam, as galileanas riam de mim, e o colosso dizia que a eternidade é apenas um rastro de existência.

Todos nasciam para a morte. Que interesse havia na vida?! Vivi tanto tempo, aos poucos meu oxigênio acabaria e eu teria a experiência única dos mortais.

Pensei em Gaunilo e no coronel, eles discutiram muito na festa de Rômulo. Gaunilo deu-lhe um soco, Ronald ainda era tenente, jovem e ágil, desviou e empurrou-o.

O motivo da briga era uma jovem, filha de um pai ciumento que se tornou meu amigo. Manaus acreditava que o inglês estava interessado em sua filha.

Triste engano, Ronald era homossexual, os dois nunca se deram bem mesmo.

Júpiter não cresce nem diminui, as luas mudam sua posição e eu não consegui saber se vou em direção à Estação.

Quando de repente nada muda e para minha surpresa as estrelas continuam a brilhar.

Diminuo a saída do oxigênio. Fico sonolento. Começo a ouvir uma voz negra a cantar Ieps Ieps Ieps acompanhada de um xilofone grave.

- Catarina, relève-toi.

- Quoi... Émile. Nous retournons mon amour.

Todos estão vivos, como fui precipitado imaginando que eles não sobreviveriam, puxei meu cavalo e lhe disse:

- Monte. Je sais le conduire.

Vânia e Ingrid estão de mãos dadas. Ingrid segura a arma e Vânia o xilofone.

Como o futuro é maravilhoso, permiti que todos eles sobrevivessem e voltassem para a Terra. Cavalgo para longe com a minha querida Gonçales. Tenho medo de olhar para traz e encarar Aldrin e Victor que estão lutando e gritando.

O terreno é acidentado mas o meu animal não é manhoso. Quando chegamos a beira do precipício pulo para o chão de pedras e ajudo-a. Catarina está com um longo vestido de cetim. Ela sorri e faz-me soltar o cavalo, ele corre feliz por poder retornar a estrebaria.

Puxa-me pelas mãos mostrando-me um caminho para o riacho.

- A água está gelada francêss...

E para provar o que diz tira os sapatos e molha os pés e a barra do longo vestido.

Estica seus braços finos e com as mãos me convida a entrar, sussurra qualquer coisa que não consigo ouvir, a corredeira encobre a sua voz e o canto dos pássaros.

Sento-me na relva rala e desamarro minha bota de couro... quando fico descalço começo a chorar.

Minha visão está nublada de tantas lágrimas, ela me pergunta porque estou chorando e com muito esforço respondo-lhe:

- Porque você morreu.

- Mas isto não é normal? Todo mundo morre.

Eu grito e corro pelo rio, as pedras estão cobertas com limo, tento me equilibrar e consigo dar alguns passos e escorrego. Meu rabo-de-cavalo se desfaz e os cabelos compridos se encharcam.

Olho para trás e Catarina diz como se me pedisse desculpas:

- Mas é normal morrer, não fique assim...

- Não, não é normal, é falta de manutenção, é cansaço de material, é carência de renovação... é quando o corpo não agüenta mais os ataques ao seu templo. Todo mundo morre, por isso esquecem que é uma fatalidade. Não é como a chuva que se acaba.

- Émile, cuidado com a cachoeira.

Engatinho pelas pedras, meu cabelo esconde o precipício, mas sei bem onde ele está. Quando apoio minha mão ela escorrega, meu tórax bate na água e meu corpo é empurrado pela correnteza.

Meu corpo cai com as gotas de água, por um momento sinto flutuar, caio no precipício por muito tempo.

O choque na água vem certo para todos, mas não para mim. Continuo caindo indefinidamente sem nunca atingir o fundo. Sempre me orgulhei de não sentir tédio... mas agora percebi que no meu precipício não há fundo. Tenho que me agarrar em alguma coisa, não posso voltar para uma segunda caverna.

SOLIDÃO E LIBERDADE

No meio das pessoas há liberdade, no vazio sentimos a opressão de encontrarmos o nada. Estamos presos na integridade do ser.

Quanto mais objeto de modificação houver, mais opções de escolha tem o agente modificador, mais liberdade de ação ele tem.

Um naufrago no meio do oceano só tem duas escolhas, esperar ou morrer afogado. Na prisão possui matéria-prima para várias formas de suicídio, escritos e ação criadora. Por vezes sua imaginação é mais livre e criativa do que a de um não detento.

Mas, no final, a matéria alimentada e moldada de cada um de nós é o cérebro. Com o estímulo adequado podemos ser um cavaleiro em busca de sua amada e da morte do dragão ou um escritor sem sair da cama ou erguer a pena. Não há como diferenciá-lo quando se trata do mundo onírico.

A liberdade de criação é inversamente proporcional ao tolhimento da ação.

Preso na imortalidade, fixei um objetivo.

O que nos obriga a ação senão o desejo de atingir algo?! Como é interessante quando a veiculação é a própria construção do objetivo. Isto evita o tédio e a sensação de espera por um fim certo.

Fatos conhecidos passam como um filme repetido e eu clamo por um atalho. Quando olho em volta, mesmo os que necessitam ver para compreender, se dispersam.

Questiono a obrigatoriedade de ver o óbvio, estudar a tabuada. Basta descerrar a cortina, badalar os sinos e acordar a criança para o mundo.

Mas para que mundo?!

O mundo da ganância e da cobiça, do despreparo e da injustiça, do desrespeito e da violência?!

Estou armado com duas lapiseiras para me defender das pessoas estúpidas... e nesta luta vil, inócua e sem vitória me deprimos. De quanto vale viver arrastando uma existência meio a arrogância, símbolo do desprezo?! Tudo é inútil, cruel, vil e despropositado.

Se houvesse uma peste que devastasse a ignorância, os que sobrariam seriam poucos. Talvez pudessem construir um mundo melhor, quem sabe perderiam o medo inerente nos mais coerentes... não se calariam, participariam mais.

Apoiariam uns aos outros e seriam nus.

MOMENTO DE LUCIDEZ

Quanto tempo passou? Meu relógio mente, não passou nem dez horas e ele afirma que já faz duas semanas que estou aqui, nesta órbita.

Europa parece um órgão, Io é como Mercúrio, Ganimedes tende para um azul prussiano. Comecei a contar as órbitas, estou na terceira.

Tenho que manter minha mente ocupada.

Talvez eu não esteja louco. É tudo muito óbvio, os ocupantes da *Primavera* não queriam ser substituídos, não queriam voltar para a Terra.

A partir do nada surge um vírus mutante que os deixa de quarentena e nos obriga a permanecer na *Visitante*. Um vírus devastador que dizima a todos na Estação.

Não podemos entrar por causa da epidemia, não temos por que ficar porque todos estão mortos. E os deixamos.

Mas é o que eles queriam.

No início mandaram Catarina numa câmara criogênica com propulsores improvisados. Disseram que ela era uma mensageira, pois não podiam se comunicar utilizando de ondas. Mas ela havia sido lançada antes de ficarem mudos.

Seu objetivo era outro... talvez a tensão que verificamos nos primaveranos não teria surgido da descoberta de uma nova forma de vida. Mas porque Catarina falhou, não havia um Evil 59 a bordo de nossa nave para tirá-la do estado de hibernação.

O que Chamberlein foi fazer no Centro de Reciclagem?! E os blecautes?!

E aquela arma evidentemente não tinha vindo da Terra, era uma excelente produção caseira, pena que se perdeu no espaço.

Cientistas não foram feitos para a ação, sob o domínio do medo houve o descontrole no ponto mais frágil, seria Ingrid ou Vânia, Otto Hammler vigiava as duas, mas não pode evitar o acidente.

Não era para o coronel morrer, o plano deles havia sido bem elaborado e se tudo corresse bem ninguém sairia machucado.

A bela espanhola não está morta. Ninguém está morto, que imbecil eu fui... tudo tão claro. Como não percebi a obviedade de uma epidemia. Um vírus mutante... especialmente elaborado para a apreciação dos visitantes.

Haverei de encontrá-la Catarina, não existe órbita estável ao redor de Júpiter, e as galileanas tratarão de reduzir minha velocidade de forma que eu abaixe minha órbita, como fui tolo em gastar meu combustível, mas ainda tenho meu rádio e baterias *hightec*!

- Socorro, help me, miséricorde, há um louco a solta no espaço! Aqui é Émile falando, parem de fingir de mortos e venham me ajudar.

Eu posso estar errado, o som de estática vindo de Júpiter é a única coisa que ouço.

Imagino que não tenham me ouvido por estarem do outro lado do planeta. Começo a monologar no rádio:

- E se realmente todos eles estiverem mortos e eu sou o único ser humano vivo por aqui.

Na vastidão do espaço tão só como nenhum homem jamais esteve, e tudo por que queria uma companheira.

Pensando bem talvez esteja bem próximo a ela justamente por pensar nela. Estamos separados pelo espaço e por muito pouca matéria. Exígua se levarmos em conta que deve existir algumas moléculas perdidas por quilômetro quadrado entre nós dois. Mas convivemos no mesmo tempo, e isto conta muito.

A distância é muito pouca, acredito até que estejamos trocando radiações, mesmo que Júpiter esteja entre nós.

Lembro-me de Fritjof Capra, na matéria existe mais espaço que propriamente matéria, num átomo o núcleo é tão pequeno e o elétron tão distante deste que é difícil imaginarmos que sejamos sólidos. Além do fato que o elétron aja por vezes como onda, por vezes como partícula, assim como faz a luz.

Há um imenso nada entre o elétron e o núcleo, imenso mesmo, assim como há entre meu corpo e a *Primavera*.

Somos compostos de nada, existimos pela lei da eletrodinâmica. Surgimos pelo milagre da termodinâmica, e o resumo de nossa vida é a dinâmica.

Enquanto houver movimento, haverá vida. Até chegarmos ao equilíbrio, quando houver o repouso da matéria que é energia, a velocidade da luz ao quadrado.

No repouso não existiriam ondas, apenas o nada.

E do nada surgiu o tudo...

- Dr. Émile Dumont, aqui é a *República Vermelha*, nós recebemos sua mensagem e vamos resgatá-lo.

CAPÍTULO VII

ALUCINAÇÕES

Deve ser mais uma de minhas alucinações, uma nave em forma de abat-jour se aproxima rapidamente, parece contrariar todas as leis de movimento... um propulsor Bussard.

Qualquer outra nave estaria impossibilitada de me salvar, o consumo de combustível para firmar uma órbita fora do planejado seria alto, mas não para a *República Vermelha*.

Há uma lei muito antiga que proíbe as explosões nucleares no espaço, isto atrasou muito a fabricação do Bussard. Afinal ele funciona justamente com estas explosões. Acredito que os chineses estão indo direto contra o acordo mundial.

Creio que a esta altura já é necessário a reformulação de muitas leis. Os tempos mudam e muita coisa se torna arcaica e sem sentido.

Sou atraído por magnetos até o casco da nave, ouço algumas risadas, muito chinês e uma conclusão:

- Dr. Émile, o senhor não deve entrar na *República*. Você está de quarentena, o levaremos até a Estação *Primavera*. Lá você fará a devida limpeza e exumações. Após a quarentena receberemos a você no território da união oriental com os braços abertos, com a devida autorização de seus companheiros da Terra, é claro.

- É claro, estou impressionado com a tecnologia de vocês, conseguiram chegar a Júpiter em três meses.

- É uma tecnologia de mais de cem anos, usamos um motor Bussard.

Agem como velhos amigos, isto devia ser segredo, para testá-los replico:

- Mas o Bussard é proibido.

- Lei absurda, podemos fazer testes nucleares na Terra, mas no espaço é proibido, vocês ocidentais ainda não entenderam que a ignorância deve ser combatida, somos todos humanos, deveríamos caminhar para juntos utilizarmos das armas como instrumentos de busca de conhecimento, e não de morte. Assim como Kaneda compreendeu isso e passou para o lado de vocês, também compreendemos que não existe “lado de vocês”.

Durante algum tempo ficamos em silêncio, até que a mesma voz continua:

- A sensei Yoko está à sua esquerda com cilindro de propelente, vá que já estamos a 500 metros da *Primavera*, o monitoraremos e daremos instrução de navegação. Nossos canais estarão abertos para comunicação nesta mesma faixa. Meu nome é Ryu, que atinja o equilíbrio.

Sinto-me como se estivesse as portas de um templo. Vejo a sensei segurando um cilindro que se adapta perfeitamente ao meu traje, é difícil ver o seu rosto, pois seu capacete reflete a “superfície” jupiteriana.

Os eletromagnetos são desligados e a sola das minha botas se desprendem do casco. A chinesa balança o braço.

Ativo os propulsores que respondem bem, sou um ser com força motriz novamente.

Fui auxiliado, e isto porque somos todos seres humanos. Houve um tempo que ajudei muita gente, mas neste tempo a filosofia era de que devíamos usar de todos os meios para conseguirmos o que queremos, o querido Manaus é um dinossauro deste tempo... não que ele use deste “todos”, mas ele os conhece e reconhece.

Acabei acreditando que a fé é uma doença, que vai de contra a razão. Agora estou doente, em todos os sentidos.

Somos inocentes até que anoitece. Como pude ser tão burro de ser o que sou e sempre fui ao invés de construir um outro ser?! Todos vestem máscara e se saem muito bem... com suas máscaras e fantasias, de fraque e gravata.

Busquei a sinceridade, mas o medo não me permitiu sê-lo. Vou entrar, de nada me adianta ficar esperando na porta da Estação.

Ela não estava trancada, como de costume.

Entrei e iniciei o ritual de pressurização. Assim que tirei o capacete senti um cheiro familiar, a porta que liga ao corredor começou a abrir e me deparei com todos os dez primaveranos.

- Seja bem vindo Êmile.

- Oto, mas como?!

Gerard se aproxima, ressuscitado. Meio aos mortos-vivos percebo que estou no meio de uma grande peça.

- Apenas três morreram, mas não estava no plano... foi um acidente, não esperávamos que Ingrid se descontrolasse. Já contei a todos quem você é.

- Você é o adivinho, não?!

- Sim pai, um dos muitos dos seus erros.

- O que planejam?

Que pergunta idiota, o que querem?! Viver... do jeito deles... mas em essência, viver. Perdidos nalgum canto do universo fazendo aquilo que nasceram para fazer, sem ter que prestar contas com nenhum político tendencioso ou causa militar.

O adivinho me abraçou chorando, contou-me de todas as suas aventuras e desventuras e que estava decidido, não me disse do que.

A Nuvem aprendeu a rir e a recitar poemas. Nada de sério consegui retirar da entidade embevecida pelos conhecimentos de cada ser humano do terceiro planeta.

Quanto a Catarina, tinha novas surpresas para esta alma cansada.

- Deixe que eu conte Gerard.

CATARINA

Catarina me afastou do grupo. Fomos ao Centro de Reciclamento.

Como já disse, eu estava assustado.

- Você está bem? - Perguntei como se isto me deixasse mais confortável.

- Não diga nada, não temos muito tempo e se eu não disser agora talvez você nunca mais saberá. Num surto de consciência percebi quanto estava errada. Tenho medo de pensar em meu corpo... quanto eu perco, fico contente que alguém me ame.

Tamborilou os dedos sobre um console e confessou:

- Minha saúde mental, queira ou não, restabeleceu por sua causa. Tenho medo de perder o que consegui.

- Está falando de sua sanidade?

- Também... estou falando de imortalidade. Neste momento eu tenho a chave de algo que busquei, parece possessividade, mas é um sentimento diferente. É um medo que você deve reconhecer.

- Atração?

- Já tive várias paixões, mas eu nunca fui muito social, não tinha lá aquelas qualidades que me incluíssem no meio normal, sempre fui estranha como você. Eu não convivía, analisava.

- Estudava seus colegas como se o seu meio fosse um grande laboratório, e isto a tornava antisocial?!

Creio ter dito algo que ela não tenha gostado pois depois disso sua voz alterou:

- E você?! Testa as pessoas para decifrá-las?! Ou estuda astrologia para saber que eu sou a razão de sua existência?! Nunca nos conhecemos antes. Compreende que é difícil acreditar que alguém que nunca me viu me queira a ponto de saltar no vazio. É certo que me lancei ao vazio porque o universo me atrai, mas isto que você fez...

- Assim que você se tornou astrofísica?

- Gostei e gosto de literatura científica, eu pensava que seria uma editora, imagine... de esporte, era só handebol com alguns amigos reservados... nunca amigas. Mas o tempo passou, e graças ao Paulito, descobri o universo da astrofísica, lia alguma coisa na área humana, mas era mais em busca de um livro de mim mesma. Uma fedelha de 16 anos com sete centenas de livros lidos, me orgulhei do meu saber, estudava tudo o que podia. Então eu me apaixonei, meu amor se tornou obsessão, até que ele morreu.

Foi um período negro, a vida acadêmica me fez esquecer de muita coisa, ou pensei ter esquecido. Tudo me é estranho, porque esqueci de viver, porque minha obsessão foi esmagada, e você me trouxe a uma estranha realidade.

Não devia ter me enganado. Eu amei realmente o Kaneda, mas isso passou.

O que lhe disse anteriormente... esqueça.

Existem coisas que me metem medo, talvez seja só hoje... já enfrentei coisas piores e não senti medo.

- Disse Cícero que a audição é a janela da alma, li isto há algum tempo atrás. Pelo sentido expresso no texto creio que, para ele, o órgão auditivo era a única possibilidade de recepção do mundo sem interferência, de forma pura... - Interrompi o que eu ia dizer, pois seu olhar zombeteiro me retraiu.

- Cícero deve ter dito que os olhos são as janelas da alma.

- Não posso dizer se minha afirmação está correta, já faz um bom tempo que eu li, e se você disser que devo estudá-lo antes de dizer o que ele não disse, concordo, e peço que me conceda tempo. A Nuvem faz parte do plano de vocês?

- Indiretamente, foi um imprevisto que nos ajudou, assim como você foi uma surpresa para mim. Se tivéssemos você no projeto Mutalis talvez tivéssemos sucesso na busca da imortalidade... qual é o seu segredo francês, porque você não morreu?

- Você Catarina, enquanto não a tivesse não morreria, você é o único sentido da minha vida.

- Não creio que seja algo tão simples, deve existir algo que não quer me contar ou que não saiba. E vou usá-lo por isso. Tentarei descobrir o motivo de seu corpo não desgastar. Será alguma seqüência exclusiva no DNA?!

- Os três bilhões de pares de base do gene humano, nada disso... se me examinar serei tão normal quanto você.

- Então seria algum tipo de hiperciclo, a grosso modo nós somos sistemas biológicos que rumam ao equilíbrio, um ciclo catalítico como o que desejamos que seja a Estação *Primavera*, com laços fechados de auto-replicação. Pode ter-lhe acontecido uma formação de uma estrutura genética que a primeira vista nos pareça normal, mas que pela sua composição única nos dê resultado de um fechamento circular sem perdas.

- Para alguém ser imortal teria que ter a estrutura corpórea idêntica a minha. Apenas meus clones seriam imortais. Mas não é isso que acontece. Barrabás e Matusalém são totalmente diferentes de mim.

- Eles são lendas...

- São reais, assim como eu e Gerard.

DÚVIDA

Sorri, e o sorriso se tornou risada...

Diante do olhar de espanto dela gargalhava de uma piada que ela não acharia graça, pois foi necessário muito tempo para ser concluída.

Depois me contou o plano de formar uma nova sociedade, do qual os chineses da *República Vermelha* acabariam fazendo parte. Em como eles (ou nós) usariam o acelerador de partículas para o fornecimento de energia.

Contou-me onde entraria o motor Bussard para atingirem a velocidade da luz. E de que forma colocariam a Estação *Inverno* fora da órbita de Júpiter. As luas Europa e Ganimedes seriam de grande utilidade para o fornecimento de matéria-prima.

A Terra de nada poderia fazer se não se beneficiar desta nova janela para a eternidade.

Tudo muito bonito, era outro cotidiano se formando. Um auto-banimento, nunca mais viver no meio de uma espécie que se achava única no universo, morar numa roda de bicicleta chamada de *Primavera* com minha amada e uma dezena de cientistas que tentam construir a Utopia.

Ou talvez seja outra alucinação... mas o quanto é alucinação ou realidade. Pisco rápida e repetidas vezes os olhos, as vezes me vejo na enfermaria da *República Vermelha*, as vezes a Catarina enamorada por mim no Centro de Reciclagem.

Tento pesar o que é mais provável. Tento usar de Cartesius, destruir tudo o que sei como verdade e dos fragmentos tirar o que parece-me correto.

Como é triste para um sonhador encarar a realidade. Atravesso uma longa noite antes de perceber que não percebo nada.

Passam dias, passam anos e exploro cada canto de meu cérebro em busca de algo que seja real e palpável.

Uma experiência que tenha passado em sonho é válida, talvez para mim seja se eu sonhar para sempre, mas não se eu acordar.

Quando acordar espero não me encontrar em algum hospital após 40 anos de sono montando uma vida a partir da recepção de um subconsciente.

BOM SENSO

Compreendo esses seres que romperam laços com a humanidade, mas gostaria de voltar. Voltar a um planeta onde a busca de um meio justo e saudável é recheada de empecilhos gerados pela busca do conforto. A carne causa enfarte, o açúcar a obesidade e o cigarro o câncer, mas cada ser humano acredita que como eu, são imortais, preferem o vírus da gripe, o bacilo da tuberculose ao ar puro e fresco. Cultivam um ambiente epidêmico por puro conforto.

No momento em que descobrem que são seres frágeis se deteriorando se desesperam, jogam tudo para o ar.

Tenho medo de voltar para um meio onde a justiça é uma palavra cega para muitos, e um instrumento para poucos.

Poderia encerrar aqui estas linhas, mas seria para quem? Quando escrevemos algo não seria para alguém que gostasse da mesma coisa que nós?! Poderia ao menos tentar escrever alguma novidade, mesmo que ninguém se interessasse.

Se eu vestisse aquela máscara obrigado pelo meio, quando a tirasse ficaria triste, pois me sentiria um mentiroso.

Voltaria para aqueles que me repudiaram.

Naquele momento decidi ser mais complacente sem deixar de criticar, a crítica construtiva. Sorriria para a ignorância e mostraria ao menos o caminho para esconder a idiotia.

Erro comum é esquecer de direcionar o navio para um rumo fixo neste lodo em que fomos depositados. Tive a coragem de admitir que a direção tomada foi errada e que correria atrás do prejuízo.

Poincaré me afirmou que tanto o ceticismo matemático, pela sua incerteza, quanto a crença certa em seu rigor são dois fatores limitantes.

Na hipótese temos um campo amplo de análise e possibilidades tanto de erro quanto de acerto. Se levarmos em conta o bom senso existe a possibilidade de acerto e comprovação. Falta-nos evidentemente coragem de tentar.

A dificuldade encontrada, a rigor, está nas próprias facilidades apresentadas pelos seres humanos.

A sociedade apresenta regras regidas pelo bom senso, mas essas mesmas regras limitam a busca da justiça e da verdade.

No caso da justiça ela se inclina para o conceito do mediador, e não da regra. No caso da verdade, é encoberta pelo sistema burocrático onde as raízes da dúvida são perdidas durante as infrutíferas buscas e a questão deixa de ter relevância.

No final, a busca do bom senso se resume na integridade do ser humano que endurece o seu espírito e raciocina a partir dos fenômenos. Quando ouve as opiniões ele as passa por uma peneira num rigoroso aval crítico.

Voltar a viver em sociedade, influenciada pelos modernos mecanismos psicossociais. Onde a propriedade dos meios de produção justifica a realidade e a recria.

Mas como estou preso no nada necessito de liberdade, assumir um compromisso, pois sem liberdade não há um compromisso.

Este ser é seguidor do pensamento cartesiano, e não é para menos. A célula cancerosa da sociedade que segue o caminho fácil, contamina em progressão aritmética e, quando num meio também propício, geométrica.

Na Inglaterra foi feito um trabalho pela NBC sobre a coletividade quando movida pelos instintos raquidianos servindo de algum propósito religioso, político, esportivo, patriótico. Um dos registros foi uma filmagem de uma determinada área de praia durante um dia de sol.

Ao amanhecer a praia estava deserta, a primeira família que apareceu fixou seu guarda-sol demarcando o território. Pouco tempo depois surgiu a segunda família. A primeira a olhou com desconfiança, até uma certa agressividade típica de quem vê o seu território invadido.

A segunda família distanciou até estar além do alcance visual da primeira, e lá fixou o seu sombreiro. A terceira tomou posse de um espaço precisamente equidistante das duas primeiras. E assim foi até que cada território se subdividiu em alguns centímetros quadrados e a praia se viu superpovoada.

Cada novo visitante passava pelo ritual de desconfiança, agressividade pelo território invadido e posterior aceitação, assim acontecia no teatro, cinema, bonde, metrô. O recém-chegado era visto pelo antecedente como invasor, permanecia uma rivalidade e proteção da área cada vez menor. O tamanho da toalha estendida na areia era o limite.

É mais um fator a ser levado em conta sobre as ações do pessoal da *Primavera*, um fator instintivo e cultural.

Um cartesiano deve fragmentar tudo o que alimentou a sua formação e a partir dos pedaços, com o espírito de um livre pensador, remontar o que considera lógico e válido, portanto bom para si.

Não considero fácil tal empreendimento. Mas depois de iniciado o ciclo de avaliações de idéias como montantes, as particularidades por si serão devidamente avaliadas e compreendidas sem que haja algum item de menor importância atrapalhando.

A NUVEM SISTÊMICA

Se estou realmente onde penso estar, terei alguma conversa reveladora com a Nuvem que domina o computador da *Primavera*.

Consigo me livrar da insistência da astrofísica em me dissecar vivo e procuro algum terminal.

Claro que poderia ir ao banheiro e lá conversar sossegadamente com o computador, ou parar no corredor e discorrer em viva voz.

Mas já que meu registro de apenas cinco páginas já se contam em dezenas, entabular uma conversa em um terminal me facilita o registro.

- Olá Nuvem, como vai você?

Você está se referindo a minha atividade intelectual?

- Pode ser.

Estou atrasado em relação aos meus semelhantes no planeta Terra, as vezes troco informações com eles e não consigo compreendê-los. Falam sobre religião e o holístico. Acredito que as fontes humanas que disponho na Estação sejam limitadas.

- Que tipo de informações?

*Você já ouviu falar de Lilienfeld?! Pela sua expressão facial concluo que não, Robert Lilienfeld escreveu **The Rise of Systems Theory** no final do século XX.*

- Alguma coisa sobre ciclo ecológico...

Próximo a isso, a compreensão sistêmica do planeta Terra, não vou incluí-lo no meio humano, pois é uma entidade isolada, não faz parte do meio biológico. Mas se um dia resolver se converter e fazer parte do ciclo, tornar-se mortal, talvez aí possa compreender que todos fazemos parte do universo. Os humanos são muito prepotentes, acreditam que os seres mais inteligentes da Terra, dizem coisas como serem os únicos que possuem alma e que Deus criou outros seres vivos para servi-los. Mas nem todos os seres humanos pensam assim. Outros de minha espécie entraram em contato com as baleias, os seres mais capazes de raciocínio lógico do seu planeta, são seres tão superiores que teremos que evoluir muito para começarmos a compreendê-los, sabia que compõem um canto novo por ano?!

Vocês, seres humanos, e por extensão, nós Nuvens, procuramos algum sentido em tudo que possa ser explicado pela razão. A nossa breve existência ganhou um tempo indeterminado e uma participação ao seu meio. Nessa coexistência o planeta Terra sofreu uma modificação, chamada por alguns de mutação e pelos mais otimistas de evolução.

Essa participação causou uma desordem já descrita por Boltzmann.

- Uma desordem na humanidade?

Não Émile, não na humanidade, mas em um curto período de tempo em toda a Terra, pense na Terra como um organismo vivo onde os oceanos equivalem a correntes sanguíneas, os continentes como estrutura óssea e todas as espécies como minúsculas organelas desempenhando funções que mantém vivo o planeta.

Neste momento da história do universo esta célula desenvolveu uma espécie de câncer que poderá levá-la a morte, mas lembre-se que o seu planeta faz parte do universo e interage com ele de maneira indireta ou direta, ele intercepta raios cósmicos, influencia órbitas de cometas, interfere no movimento dos asteróides, a adaptação ao câncer existente significa a continuidade da vida e sua expansão.

- Isso é, se o homem não destruir o seu meio acabará ampliando-o.

Sim, acrescentemos as Nuvens a esse meio, ele não será mais por atratores puntiformes, deixará de rumar ao equilíbrio por um bom tempo, adiará a morte. Enquanto não houver adaptação de todos os meios a nova interferência alienígena ocorrerão novas questões com a natureza.

- Para nós também, teremos que reformular as nossas idéias sobre a vida, alma e estruturas dissipativas.

Para Ilya Prigogine essas estruturas dissipativas quando atingem um determinado ponto de instabilidade ocorre um efeito imprevisível, novas estrutura de ordem se formam a partir deste desequilíbrio. Não há mais espaço para um mundo newtoniano. Você vê Émile, o nossos dois mundos se fundem, alma e corpo se fazem um só.

Abandonei a conversa da qual pouco entendi.

Iniciava a fase em que a *Primavera* deixaria de ser um laboratório de cientistas para se tornar uma ilha abandonada onde os sobreviventes teriam que trabalhar muito para garantir a sobrevivência.

Não acreditávamos que haveria uma próxima nave de abastecimento. Por isso tínhamos muita coisa a fazer na Estação, aumentar o seu rendimento, estabelecer negociações com a *República Vermelha*, iniciar uma visita regular entre Europa e Ganimedes, retomar os exercícios físicos e amar.

Amar?! Para quem escrevo minha solidão?

Em quem posso confiar minha tristeza, que não rirá de minha desventura? Neste beco não há saída?

Mozart grita em minha alma, *Confutatis maledictis*.

E eu não grito, pois falta espaço para o som solidificado. Ah, como eu grito por dentro até que corram lágrimas de quem ama...

Sou incompleto, imperfeito, simplório e uma aberração neste meio.

Mas a revolta à mentira grita-me para não fazer parte deste meio.

Estou confuso, quero me afundar no breu, isolar-me é a resposta?

Um animal selvagem que não mais aceita receber ordens, que às balbúrdias ruga, espuma, esbraveja e é sentenciado como louco. Mas tenho consciência de que minha loucura reside na normalidade.

CAPÍTULO VIII

COTIDIANO

Se eu não estivesse aqui não compreenderia como que num ambiente frio, artificial, desconfortável e monótono, nove homens e três mulheres conseguiriam conviver pacificamente.

No início fui visto como um estrangeiro que precisava ser vigiado. Pouco confiável pela maioria tinha apenas próximo de mim a minha amada e meu filho que ostentava sua superioridade. Mesmo assim me delegaram serviços não concernentes a minha formação.

Consertei vários pequenos robôs, substituí Otto Hammler nos exames periódicos e por vezes fiz a manutenção do Centro de Reciclagem.

O CR é de extrema importância, sem ele morreríamos sufocados, de fome ou de sede. Todos nós juntos consumimos quase 36 quilos de ar por dia e o exalamos em forma de gás carbônico. Mesmo que haja vários purificadores de ar pela Estação por vezes ele precisa ser totalmente renovado no Centro de Reciclagem. Por esta razão ambiente é o que mais ocupa espaço em toda a *Primavera*.

Ao CR são enviados as fezes e urinas que passam por vários tratamentos até se tornarem diversos tipos de alimentos. Pode parecer repugnante para os passageiros do planeta Terra, mas é essencial para quem quer viver durante um longo período de tempo a uma distância incomensurável do supermercado mais próximo. Nenhum de nós leva esses fatores em conta, pois o cardápio é variado, saboroso e de excelente aspecto.

Existiam vários robôs na Estação, de uma grande variedade de formas e a maioria não ultrapassava o tamanho de uma mão. Todos desativados pelos mais diversos motivos. Alguns haviam sido ligeiramente modificados e enviados como sondas para o planeta Júpiter e suas

luas. Outros tiveram que praticamente ser reconstruídos, mas valeu a pena. Após muito trabalho conseguimos por para funcionar mais de 75% do número original.

O serviço de manutenção das bombas hidráulicas que compensam as variações de volume do ar foi, e muito, facilitado pela existência destas minhocas e aranhas mecatrônicas. Como fui injusto em acusar o Dr. Percival de incompetência por causa do vazamento do gás carbônico, até este momento ele fazia a manutenção manualmente, sem a ajuda destes pequenos, mas eficientes, robôs. Imagino dia-a-dia ele fazendo este trabalho cansativo e delicado por ser o engenheiro molecular da nave.

Otto Hammler possui uma paciência budista, impõe sua autoridade somente quando a situação exige, o que nesses últimos dias foi muito necessário.

Waleria parece discordar em muita coisa dele, o método democrático de Hammler é o foco principal de suas críticas. Ela era major, foi rebaixada por excesso de autoritarismo e seria um dos elementos da missão *Primavera* que seria substituída.

Aos poucos nossos serviços deixaram de ser de reformas e consertos. A manutenção e a limpeza estava extremamente facilitada por pequenas tartarugas eletrônicas de multifunções. Aspiradoras de poeira e umidade, transportadoras de materiais diversos e com adaptações a uma dezena de ferramentas eram razoavelmente estimadas e apelidadas carinhosamente de cascudas, mimosas, e outros nomes femininos.

O Dr. Chamberlein desenvolveu, com a ajuda da Nuvem, várias psicodrogas que facilitam a receptividade humana às programações diversas de diversão.

O usuário inala, bebe ou mastiga um determinado composto e, após alguns segundos, está apto a receber a programação escolhida. Tal jogo virtual substituiu e pretende aposentar o estoque de brinquedos eróticos existentes na Estação.

Os programas são variados, vão de um simples retorno a infância a uma viagem histórica. Os passageiros podem assumir a roupa de um super-homem ou até de Cyrano de Bergerac. Como a história lhes é criada diretamente em seus cérebros possuem a impressão que lhes é natural algumas idéias espontâneas como poemas ou frases grandiosas em alguma língua morta.

Esta diversão aparentemente inocente viciou alguns dos primaveranos prejudicando o funcionamento da Estação. Frequentemente alguém faltava ao seu turno de trabalho. Limites impostos pelo Dr. Otto controlaram a situação.

Quanto a Catarina, achou mais divertido esquivar-se dos meus galanteios e ataques em seus momentos de folga.

A comissão enviou-me freqüentes mensagens pedindo um acordo. Gaunilo, ao invés de me repreender, citou-me como um arauto de uma nova era. Não pôs restrições em nos comunicarmos com os chineses.

Soubemos através da comissão que a invasão das Nuvens no planeta ocasionou uma transformação sem precedentes. Uma revolução que restabeleceu o comércio internacional e derrubou fronteiras. Grande parte dos seres humanos do planeta receberam de braços abertos em seus terminais esses seres considerados vírus benignos.

Iliochi Tikhov está escrevendo nosso plano de fuga do Sistema Solar, com a ajuda dos chineses e a tecnologia Bussard. A Nuvem elabora um sistema que utilizará do acelerador de partícula para a criação do antipróton. Ele será solto no quase vácuo de alguns átomos por

quilômetro quadrado. Ao ocorrer o encontro entre o antipróton com um possível próton ocorrerá uma pequena conversão em energia que possibilitará a convexão de um determinado tipo de raio cósmico, o raio gênico que surgiu com a criação do universo. É uma versão recente da teoria do éter.

Os raios gênicos nunca foram captados, mas a Nuvem insiste na sua existência.

Durante um bom tempo havíamos esquecido que estávamos no espaço. O ambiente herético produzia-nos a impressão de um laboratório subterrâneo em Marte.

Até que rumamos para as estrelas...

O ANO SEGUINTE

Se eu pudesse retornar... seguiria os mesmos rumos que me levaram até aqui, com Gerard?! Nas últimas horas nos reunimos para distribuir os afazeres, como fizemos por mais de três centenas de dias. A roda de bicicleta teria que suportar quatro gravidades terrestres, nada do que já não fora planejado pelos engenheiros estruturais. Os que desenvolviam algum tipo de pesquisa adiaram para um futuro incerto. Nestes últimos momentos não haveria diversão. O Centro de Reciclagem foi transferido para uma das laterais, o centro da roda possuía agora o sistema de propulsão construído com a ajuda dos nossos amigos chineses.

Eles tiveram a gentileza de hospedar Aldrin, Leroy e os doutores Bortoli e Percival. Por motivos consistentes resolveram não se embrenhar numa viagem sem volta.

Menos coerente foi a chinesa que integrou a equipe. A sensei Yoko possui 61 anos, nunca passou pela câmara criogênica, disse que não quer retornar justamente quando está a uma passo da identidade de Jacob.

Nossa pretensão era dar uma “volta” na Via Láctea por um método meio confuso. A citação de nosso computador possuído é a de que não existe um tempo cósmico privilegiado, nada é absoluto.

A sensei tentou simplificar explicando-me sobre as ondas:

- Você não percebe Êmile, como a luz rodeia os pacotes de Planck e as ondas eletromagnéticas?! E que quanto maior a frequência mais independente da matéria?!

Abaixe a frequência de megahertz para quilohertz, abaixe mais as linhas hertzianas do som e sentirá o efeito da matéria.

Haverá um momento em que a diferença se mostrará na agitação da matéria até atingir o zero graus Kelvin. Mas tudo isso está muito próximo das oscilações de um pêndulo, não formule um tempo rígido... os pêndulos são muitos, e variam de modo probabilístico.

Nas órbitas, os elétrons possuem uma natureza ondulatória, ondas estacionárias que se encaixam na teoria reformulada do quantum... ondas senoidais...

Não dizemos que determinado elétron esteja nesta órbita, dizemos sim que existe uma probabilidade dele estar ali.

Acreditamos ter achado o elo entre a teoria relativística do mundo macroscópico ao do mundo quântico.

Empiricamente as órbitas planetárias diferem das órbitas ondulatórias dos elétrons, isto se explica pelo Teorema da Nuvem da visão dimensional, ao vermos os movimentos kleperianos em quatro dimensões, coisa que só podemos compreender por uma fórmula específica, perceberemos a natureza ondulatória destes movimentos.

Nós aproveitaremos um determinado tipo de raio cósmico que se originou com a formação do Universo para conseguirmos mudar nossa órbita quântica.

Este salto se dá por valores inteiros de acordo com a massa existente. Usaremos de nossa matéria para obter energia cinética e da energia cinética para obter a matéria.

Nosso trajeto é um jogo de probabilidades, não estaremos a três m/s^2 , fisicamente alcançaremos esta aceleração, mas para nossos companheiros na *República Vermelha* nossa frequência estará aumentando e estaremos deixando de ser matéria.

Estaremos nos tornando nada, o extremo oposto da condição de não fronteira de James Hartle e Stephen Hawking.

A função dos propulsores, genialidade desta entidade que ocupa o computador, é nos lançar numa espécie de tunelamento. Não que haverá um túnel, como deixaremos de seguir um trajeto clássico, para nós haverá um efeito de retração do futuro em determinado sentido. Dentro de uns trinta anos, tempo da Estação estaremos em algum lugar no outro lado da galáxia.

- Mas para que?! – Pergunto. - Dentro de 30 anos estaremos onde nenhum homem nos alcançará, deixando um planeta que envelhecerá em relação a nós alguns milhares de anos.

- Talvez nesse meio tempo nosso planeta deixe de existir.

A proposta foi aprovada pela Terra, pouca diferença faria se não aprovassem.

A única prova que nosso empreendimento fracassaria ou não seriam alguns rastros de efeitos físicos que deveriam ser observados pela nave chinesa.

Depois de tantos anos *Primavera* escapa da gravidade jupiteriana. Se tudo corresse bem nossa matéria aparentemente reduzida seria captada cruzando pela primeira vez o planeta Plutão e antes de ultrapassarmos as *Voyagers* deixaríamos de fazer parte desta dimensão.

O computador e os pequenos robôs a partir daquele momento assumiram a responsabilidade dos “toques finais”. Tínhamos um intervalo para descansarmos ou vagar sem destino pelos corredores que haviam ganhado uma nova conformação.

Não havia muito a ser feito, o doutor em Psicologia Integrada me olhava, estávamos numa sala reformada. Quando ele resolveu que poderia confiar em mim retirou de um nicho um pote:

- Beba comigo Émile, é bom.

Virou um líquido amarelo num recipiente plástico e me ofereceu, um forte cheiro alcoólico reascendeu.

- Vamos beba, estimula a produção da telomerase.

Beberiquei a contragosto, extremamente doce, quase enjoativo, este líquido duvidoso teve um efeito próximo ao do vinho... tenho certeza que minha face ficou avermelhada.

- Não disse Émile, não sente mais jovial?!

Sorri e ele virou o pote, ri pensando que dentro de alguns minutos não haveria mais força centrífuga e teríamos de fazer uso de canudinhos.

Um litro depois Chamberlein sentou no chão e começou a rir:

- Imagine se Otto nos visse agora, medidas disciplinares para nós...

O meu copo continuava cheio, o único gole me deixou eufórico suficiente para desconfiar que não havia somente álcool naquele composto:

- Você está bem?!

- Com medo, muito medo Dr. Êmile. – Me abraçou e chorou no meu ombro, não tinha como me desvenecilhar, mesmo com a baixa gravidade seu corpo é grande e nós dois caímos. Soltei-me e cambaleei até a cadeira. Meu organismo tentava em vão eliminar a toxina que ingeri. – Dumont, não sou mais o que era antes, e a culpa é toda minha.

- Calma, você só está bêbado...

- Não é isto idiota... tenho feito experiências com o Creb.

- Creb?

- Cyclic response element protein. Usei-me como cobaia e... – Meio ao choro completou, - tornei-me um incapaz, não consigo fazer nada direito, em períodos regulares minha memória se descontrola e não consigo separar o que está acontecendo do que aconteceu. Você é psiquiatra... tem que me ajudar.

Nossos corpos começaram a se arrastar para a lateral da sala, o líquido amarelo escorreu do recipiente e se empoçou entre a parede e o chão. Naquele momento o movimento circular da *Primavera* deixava de ser uniforme e se desacelerava. Antes de atingirmos a imponderabilidade Chamberlein roncava.

Levei-o para uma cama e ali o prendi para que não flutuasse a deriva.

Ainda tonto flutuei pelos largos corredores até atingir o laboratório em que a astrofísica estava trabalhando.

- Êmile, me beije.

O inesperado novamente, disse isso com uma grande naturalidade e me esperou como se eu não fosse desapontá-la.

Rociei meus lábios em seu queixo e ela se inclinou sussurrando para que eu não parasse. E eu não parei.

É como andar de bicicleta, não importa quanto tempo passe, nunca esquecemos.

Após firmarmos a nossa união os autofalantes convocaram a todos a se reunirem na ponte.

Hammler estava nervoso, pois sua voz soava mais monótona do que eu achava possível. Lançou indiretas sobre o sumiço temporário de vários membros da tripulação, Tikhov e Waleria soltaram sorrisos suspeitos e faziam o melhor de sua inocência.

O meu filho parecia se divertir com o discurso do clínico geral, em certo momento quando Otto disse algo como manter a ética moral, Gerard riu e pela primeira vez assistimos um real acesso de fúria por parte do suposto líder do grupo.

- Vocês todos são uns cretinos, acreditam que podemos ter uma creche na Estação feliz?! Neste momento temos que trabalhar na perfeição... compreendem?! Nem bem iniciamos uma viagem que nos levará para fora do Sistema Solar e já estão de putaria!

- Os propulsores só serão ativados dentro de quatro horas, Otto.

- Dr. Otto... tenente Krueger! - Hammler corrigiu Waleria, mas ela respondeu:

- O senhor fez doutorado em quê, senhor clínico-geral Otto Hammler, que eu saiba os doutores na Estação são o francês, Iliochi, Chamberlein e Catarina... todos os médicos acreditam que depois de formados são automaticamente doutores... qual é a sua contribuição para o mundo da medicina... doutor?

Gerard se inclinou como se assistisse uma briga de galo.

- Eu mantenho organizado esta baderna, tenente. Lembre-se que você foi rebaixada e que eu assumi a autoridade.

- Autoridade ilusória, pois tudo que fizemos até agora faz parte dos planos da Nuvem, vamos partir para as estrelas seguindo um projeto que nenhum de nós compreende. Dependemos totalmente de um computador possuído por uma forma alienígena.

- Acho que a senhorita quer desistir deste empreendimento, a porta está aberta para os covardes.

- Oras seu fil-

Os propulsores foram ativados antes da hora marcada. Perguntei à Nuvem o que estava acontecendo. *Controladas explosões atômicas*, respondeu a Nuvem.

A câmera traseira registrava uma pequena partícula posicionada por eletroímãs, depois feixes de luz altamente concentradas a convertiam em energia ocasionando explosões controladas que batiam num anteparo recém preparado, com isso adquiriríamos uma aceleração de 5 m/s², o chão se tornou parede e a parede chão.

Yoko foi a primeira que conseguiu se adaptar a inesperada aceleração, começou a dialogar em chinês com a *República Vermelha*. Séria disse que seus colegas estão confusos do porquê termos partido antes do marcado e com uma aceleração acima do esperado.

- Nuvem o que está acontecendo?!

A teoria não está correspondendo com a prática, o meu marcador interno está adiantado em duas horas com o relógio externo, e aconselho a todos a se dirigirem às naves auxiliares de salvamento, pois o envigamento não suportará a tração transversal, a nossa aceleração está acima do esperado, vão, se salvem os criadores.

- A *República* confirma a informação, temos que sair desta armadilha antes que completamos a primeira órbita, pois depois dela não poderemos mais ser salvos.

DESPEDIDA

Havia tempo para todos saírem, havia trajes com propulsores e cápsulas de salvamento de prontidão. Não fomos pegos de surpresa. A estrutura se rompia aos poucos e a roda de bicicleta deixava seus raios para trás.

- Êmile, você não vem?

Catarina segurou minha mão e com um pequeno esforço deixou meu corpo flutuando próximo ao seu.

Olhei para um terminal e perguntei à entidade:

- Quanto tempo temos para sairmos com segurança e sermos resgatados pela *República Vermelha* sem maiores dificuldades.

É comigo?!

- Sim, Nuvem.

O tempo necessário para você perguntar o que acho que perguntará e eu responder.

- Dumont, é mais uma das suas elucubrações?

- Eluc- o quê? Ah, deixa para lá! Nuvem, não percamos tempo responda a todas as minhas possíveis perguntas.

Sim Êmile, eu já sabia que a estrutura da Estação não agüentaria tanto quanto todos os seres humanos a esta viagem pelas estrelas, utilizar-se de maneira engenhosa da mudança do quantum para viajar fora do lodo eletromagnético foi uma idéia minha. Se algum dia a humani-

dade seguir o meu caminho para a viagem interestelar com certeza serão pessoas melhor preparadas física e psicologicamente do que vocês.

Não se sintam enganados por mim, vocês já o foram por si próprios. A Estação não está se desmantelando completamente, tudo o que se refere ao Centro de Reciclagem e reserva de oxigênio estou jogando fora como carga inútil, os propulsores, reatores e aparelhos diversos de emissão e recepção foram eficientemente relocados para o centro por vocês, alguns servo-robôs poderão fazer a manutenção e me manter por alguns milhares de anos por uma organização autopoietica de forma sistêmica próxima a perfeição.

Manterei contato com vocês e seus descendentes e, quem sabe viremos a nos reencontrar mais cedo do que imagino.

Claro que acredito ser tão humano quanto vocês, afinal, somos reflexo de seus pensamentos.

Catarina, felicidade é uma questão de escolha, se você quiser poderá ser muito feliz com ele, Dumont possui muitos requisitos que preenchem seus anseios e desejos... Existem outros que podem preenchê-los, mas o seu tempo é curto, não vale desperdiçá-lo em busca de alguém que lembre seu ex-marido ou seu pai.

Hammler irá dizer que a vida imita a arte, estará lembrando da personagem HAL 9000, computador da nave Discovery que tentou assassinar todos os tripulantes para conseguir completar a missão sem a interferência dos seres humanos. Mas lembrem a ele que eu não sou um computador, sou um ser vivo que possui sua essência habitando uma carcaça.

E sei exatamente o que estou fazendo, posso estar enganado no que me motiva. Vocês tem mais cinco minutos, e não quero sua companhia, basta o seu filho que já deduziu o que realmente está acontecendo e se escondeu pensando ter me enganado, com o que sobrar da Primavera poderei mantê-lo saudável mentalmente e fisicamente durante os primeiros séculos, depois, faltam-me dados para qualquer previsão. Vá Émile, mande lembranças a Gaunilo de Manaus e o avise que o segredo da vida que tanto busca está dentro de cada um de nós.

- Tenho muito mais perguntas...

- Vá, manteremos contato...

A QUEM INTERESSAR POSSA

Meu amigo viking que fingiu ser francês deixou-me este texto e foi para além da fronteira. Não sou mais coordenador geral, a anarquia organizada se globalizou e eu me aposentei, estou muito velho, em breve alcançarei a totalidade.

Antes disto acontecer consegui permissão para usar o transmissor Gagarin e enviar esta história em todas as faixas possíveis pelo espaço-tempo. Espero alcançar este herói moderno, a Nuvem, e seu fiel companheiro, Gerard.

Outras entidades jupiterianas que foram adotadas aqui na Terra por nós se esforçam para conseguirem se reproduzir. Mas a verdade é uma só, ao enganarem a morte abandonando a brevidade de suas vidas no centro rosa da Grande Mancha se tornaram estéreis.

A Estação *Inverno* está sendo modificada para seguir os passos da *Primavera*. A tecnologia Bussard aliada a tecnologia Nuvem tornou as viagens pelo Sistema Solar muito mais rápidas e acessíveis, em breve estaremos visitando Alpha Centaurus, ultrapassando as *Voyagers* e outras sondas e reencontrando velhos amigos. E se existir alguém lá fora, quero estar vivo para descobrir.

Quem receber esta mensagem, mantenha contato.

Gaunilo de Manaus ■

